

Marcos Kluber Kogut

**AS DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NA TRANSCRIÇÃO E
LEITURA DE UM TEXTO EM *SIGNWRITING***

Dissertação submetida ao Programa
de Pós-Graduação em Linguística
da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau
de Mestre em Linguística Aplicada.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marianne
Rossi Stumpf

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Kogut, Marcos Kluber

AS DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NA TRANSCRIÇÃO E LEITURA DE UM
TEXTO EM SIGNWRITING / Marcos Kluber Kogut ; orientadora,
Marianne Rossi Stumpf - Florianópolis, SC, 2015.
161 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Descrições Imagéticas. 3. Leitura. 4.
Sinalização. 5. SignWriting. I. Stumpf, Marianne Rossi. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Linguística. III. Título.

Marcos Kluber Kogut

**AS DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NA TRANSCRIÇÃO E
LEITURA DE UM TEXTO EM *SIGNWRITING***

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 20 de julho de 2015.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Marianne Rossi Stumpf
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Ronice Müller de Quadros
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Rachel Sutton-Spence
Universidade Federal de Santa Catarina

Esta dissertação é dedicada aos meus pais e à minha irmã, por apoio incondicional e confiança sempre.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me proporcionado a vida, a força e principalmente a persistência para concluir esta dissertação de Mestrado.

Aos meus pais, Joel Marcos e Scheyla, minha irmã Vanessa, por terem me dado apoio incondicional, amor e confiança sempre.

A companheira Edinata, pela paciência, amor e carinho nesses últimos dois anos.

À querida amiga Irene Stock, por ter me aproximado da comunidade surda e o universo surdo, sem você não estaria onde estou hoje.

Ao amigo Victor Hugo, pelo incentivo à busca de novos conhecimentos.

À professora Marianne Rossi Stumpf, pela oportunidade de receber seus conhecimentos na orientação dessa pesquisa, pela atenção e paciência.

A todos os colegas do curso da UFSC, linguistas e professores, por ajudarem a ampliar meus horizontes teóricos.

À UFSC, pelo espaço de riqueza das línguas de sinais e oportunidade de estudo, pesquisa e crescimento na área de Linguística.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro concedido no período de agosto de 2013 a agosto de 2015.

Aos participantes da pesquisa, que se dispuseram a expor seus conhecimentos.

Aos Professores da Banca Examinadora, Ronice Quadros e Tarcísio Leite, pelas importantes críticas e sugestões da qualificação e por aceitarem também juntamente a Rachel Sutton analisar este trabalho, que contribuirá para melhorias na minha dissertação.

Por fim, a todos que me incentivaram, motivaram e torceram por mim durante esta etapa da minha vida.

A existência do texto é silenciosa até que o leitor a leia. Não é senão quando o olho atento entra em contato com as marcas deixadas sobre o caderno que começa a vida ativa do texto. Todo o escrito depende da generosidade do leitor.

(Alberto Manguel, 2000)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar se as descrições imagéticas seriam reproduzidas na sinalização da leitura de um texto em *SignWriting*. O texto foi entregue a alunos surdos de uma escola bilíngue e professores universitários surdos com experiência no sistema *SignWriting* para lerem, interpretarem e sinalizarem. Como objetivos específicos, pretende-se: a) verificar como foi a transcrição em *SignWriting* de um vídeo original com a função de demonstrar iconicidade; b) observar as diferenças entre as quatro transcrições; c) identificar quais transferências de descrição imagética aparecem na sinalização do texto em *SignWriting* que foi lido; d) realizar uma análise das descrições imagéticas produzidas nesta sinalização, contrastando com a sinalização do narrador do vídeo original. A proposta metodológica adotada baseou-se em Campello (2008) que classifica as descrições imagéticas em cinco tipos de transferência: Transferência de Tamanho e Forma – TTF, Transferência Espacial – TE, Transferência de Localização – TL, Transferência de Movimento – TM e Transferência de Incorporação – TI. Os procedimentos adotados para este trabalho consistiram em duas etapas: produção do material e sua aplicação. A primeira etapa consistiu em: gravação do vídeo (material) para ser transcrito, escolha dos participantes para transcrição do vídeo, transcrição dos participantes e elaboração do texto “padrão”. Na segunda etapa, foi feita a aplicação do material que consistiu em: leitura, interpretação e sinalização do texto “padrão”, etapa esta que foi gravada para a análise dos dados obtidos. Para tanto, os dados da análise foram obtidos por meio de um estudo experimental com quatro alunos surdos de uma escola bilíngue e três professores surdos com experiência em *SignWriting*. Em resposta ao questionamento, foi possível perceber elementos de descrições imagéticas no processo de sinalização da leitura em *SignWriting*. Na análise e discussão dos resultados obtidos são apresentados os dados da pesquisa, mostrando os elementos de descrição imagética encontrados na sinalização dos participantes-leitores em uma tabela comparativa entre esta, o vídeo original sinalizado pelo narrador e o texto “padrão”.

Palavras-chave: Descrições imagéticas. Leitura. Sinalização. *SignWriting*.

ABSTRACT

This research is an experimental study with four deaf students of a bilingual school and deaf professors experienced in SignWriting. The main goal of the present research is to analyze whether the imagetic descriptions would be noticed while the students and professors were signing what was read in a text in SignWriting. The text was hand to the deaf students and deaf professors so that they could read, understand and sign what was read. The specific goals are to: a) verify how was the transcription in SignWriting of an original which intended to show elements of iconicity; b) notice the differences among these transcriptions; c) identify which transferences from the imagetic descriptions theory appear while signing the text, which was read, in SignWriting; d) analyse the imagetic descriptions produced while signing the text read, in contrast to the ones that were signed in the first material, which is, the original video. The methodology used was based on the theory of Campello (2008), in which the imagetic descriptions are classified in five types of transferences: Transference of Size and Shape (TTF), Transference of Space (TE), Transference of Location (TL), Transference of Movement (TM) and Transference of Incorporation (TI). The procedures adopted for this research were divided in two steps: the production of the material and application of it to the research. In the first step, an original video was recorded in order to be transcript: then the people who would transcribe the video were chosen; the transcriptions were checked; and based on it a “standard” text was written. In the second step, this “standard” text was used in the reading part. Some deaf students from a bilingual school and some deaf professors read and signed the text. This entire part was recorded in order to improve the analysis of the data. Answering the main question, it was possible to notice elements of the imagetic descriptions in the process of signing the text read in SignWriting. In the analysis and discussion of the obtained results the research data are presented, showing the imagetic description elements found in the signing of the reading-participants on a table comparing it to the signing from the video and the “standard” text.

Keywords: Imagetic descriptions. Reading. Signing. SignWriting.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	As CMs de mão da LIBRAS.....	45
Figura 2 –	Modelos de casa.....	49
Figura 3 –	Processo de construção analógica do sinal icônico.....	50
Figura 4 –	Sinal de Televisão.....	55
Figura 5 –	O cacto no meio do deserto.....	56
Figura 6 –	Carro de corrida.....	57
Figura 7 –	Movimento das pernas de aranha.....	58
Figura 8 –	TI do reprodutor feminino.....	60
Figura 9 –	Ilustração das discussões teóricas.....	61
Figura 10 –	Alguns símbolos utilizados na <i>Mimographie</i>	63
Figura 11 –	<i>DanceWriting</i>	64
Figura 12 –	Configurações básicas de mão e dedos.....	66
Figura 13 –	Tipos de símbolos de movimentos.....	66
Figura 14 –	Orientação do plano.....	67
Figura 15 –	Telas de visualização do <i>software SignPuddle</i>	69
Figura 16 –	Esboço dos procedimentos metodológicos.....	75
Figura 17 –	Fotos do vídeo.....	76
Figura 18 –	Efeito <i>circle fade-out</i> de filmes.....	96
Figura 19 –	Sinalização de Lucas, Igor e Marcelo - "barba".....	98
Figura 20 –	Sinalização de Lucas e Matheus – “copa da primeira árvore”.....	99
Figura 21 –	Direção do olhar para os três lados.....	99
Figura 22 –	Sinalização de direção do olhar dos alunos.....	100
Figura 23 –	Árvore direita.....	101
Figura 24 –	Árvore esquerda.....	101
Figura 25 –	Sinalização de árvore dos alunos.....	102
Figura 26 –	Sinal de caminhar dos alunos.....	103
Figura 27 –	Sinalização da juba do leão.....	104
Figura 28 –	Sinalização do aluno Marcelo.....	105
Figura 29 –	Sinalização das orelhas do elefante.....	105
Figura 30 –	Barba.....	107
Figura 31 –	Tronco fino.....	108
Figura 32 –	Copa da primeira árvore.....	108
Figura 33 –	Sinalização do professor Caio.....	109

Figura 34 –	Tronco da segunda árvore.....	109
Figura 35 –	Sinalização de Caio – "segunda copa da árvore"	110
Figura 36 –	Tronco grosso.....	111
Figura 37 –	Copa grande.....	111
Figura 38 –	Sinalização dos professores – “copa grande”	112
Figura 39 –	Procurar para fotografar.....	113
Figura 40 –	Direção do olhar para os três lados.....	113
Figura 41 –	Sinalização de direção do olhar dos professores.....	114
Figura 42 –	Sinalização de direção do olhar para os três lados.....	114
Figura 43 –	Sinalização de direção do olhar dos professores.....	115
Figura 44 –	Cair uma gota de chuva.....	115
Figura 45 –	Cair outra gota de chuva.....	116
Figura 46 –	Árvore direita.....	116
Figura 47 –	Árvore esquerda.....	117
Figura 48 –	Turista esconde-se debaixo da árvore.....	117
Figura 49 –	Sinal de caminhar.....	118
Figura 50 –	Sinal de colocar chapéu.....	118
Figura 51 –	Sinalização de Caio – “vestir casaco”.....	119
Figura 52 –	Sinal de correr.....	120
Figura 53 –	Sinal “alívio”.....	120
Figura 54 –	Sinalização da juba do leão.....	121
Figura 55 –	Sinalização do rugido do leão.....	122
Figura 56 –	Sinalização das orelhas do elefante.....	122
Figura 57 –	Sinalização da tromba do elefante.....	123
Figura 58 –	Tromba do elefante em <i>SignWriting</i>	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nome fictício dos participantes-leitores..... 85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Transcrições dos participantes.....	87
------------	-------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
CAPES – Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior
CEPSH – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CL – Classificadores
CM – Configuração de mão
CNPQ – Conselho Nacional de Pesquisa
DI – Descrição imagética
EAI – Estruturas Altamente Icônicas
INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
Libras – Língua Brasileira de Sinais (termo é usado nacional e legalmente)
LSB – Língua de Sinais Brasileira (termo é usado nacional e internacionalmente)
M – Movimento
Or – Orientação da mão
PA – Ponto de Articulação
PAPE – Programa de Apoio Pedagógico ao aluno com necessidades especiais
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TE – Transferência Espacial
TI – Transferência de Incorporação
TL – Transferência de Localização
TM – Transferência de Movimento
TTF – Transferência de Tamanho e Forma
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	27
1.1	MINHA TRAJETÓRIA.....	27
1.2	A PESQUISA.....	29
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	35
2.1	HISTÓRIA CONCISA DA ESCRITA.....	35
2.2	A LEITURA COMO ATIVIDADE FUNDAMENTAL.....	38
2.3	LEITURA E ESCRITA.....	40
2.4	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS.....	42
2.4.1	Estrutura da Língua Brasileira de Sinais.....	45
2.5	ICONICIDADE.....	47
2.6	DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS.....	52
2.6.1	Transferência de Tamanho e de Forma – TTF.....	55
2.6.2	Transferência Espacial – TE.....	56
2.6.3	Transferência de Localização – TL.....	57
2.6.4	Transferência de Movimento – TM.....	58
2.6.5	Transferência de Incorporação – TI.....	59
2.7	A ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS.....	61
2.8	O SISTEMA DE ESCRITA UTILIZADO NESTA PESQUISA – <i>SIGNWRITING</i>	64
2.8.1	<i>SignPuddle</i>.....	68
2.9	ESCRITA E TRANSCRIÇÃO EM <i>SIGNWRITING</i>	69
3	METODOLOGIA.....	73
3.1	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	74
3.1.1	Vídeo.....	75
3.1.2	Escolha dos participantes da transcrição do vídeo.....	77
3.1.3	Transcrição dos participantes.....	78
3.1.4	Texto padrão.....	79
3.2	ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDOS PARA ANÁLISE.....	82
3.2.1	Contexto e participantes da leitura do texto em <i>SignWriting</i>.....	82
3.2.2	Primeiro estudo.....	82
3.2.3	Segundo estudo.....	83
3.2.4	Preservação da identidade dos participantes.....	84
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	87
4.1	TRANSCRIÇÕES.....	87
4.2	SINALIZAÇÃO DA LEITURA.....	97
4.3	PRIMEIRO ESTUDO.....	98
4.3.1	Sinalização envolvendo Transferência de Tamanho e Forma (TTF).....	98

4.3.2 Sinalização envolvendo Transferência Espacial (TE).....	99
4.3.3 Sinalização envolvendo Transferência de Localização (TL).....	100
4.3.4 Sinalização envolvendo Transferência de Movimento (TM).....	102
4.3.5 Sinalização envolvendo Transferência de Incorporação (TI).....	103
4.3.6 Considerações sobre o primeiro estudo.....	106
4.4 SEGUNDO ESTUDO.....	107
4.4.1 Sinalização envolvendo Transferência de Tamanho e Forma (TTF).....	107
4.4.2 Sinalização envolvendo Transferência Espacial (TE).....	112
4.4.3 Sinalização envolvendo Transferência de Localização (TL).....	115
4.4.4 Sinalização envolvendo Transferência de Movimento (TM).....	117
4.4.5 Sinalização envolvendo Transferência de Incorporação (TI).....	121
4.4.6 Considerações sobre o segundo estudo.....	123
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICE A – Imagens do vídeo.....	137
APÊNDICE B – Texto “padrão” elaborado pelo grupo - versão <i>software SignPuddle</i>	139
ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética.....	141
ANEXO B – Texto transcrito do vídeo pelo participante T1.....	145
ANEXO C – Texto transcrito do vídeo pelo participante T2.....	147
ANEXO D – Texto transcrito do vídeo pelo participante T3.....	151
ANEXO E – Texto transcrito do vídeo pelo participante T4.....	153
ANEXO F – Texto “padrão” elaborado pelo grupo – Original.....	155
ANEXO G – Modelo de configurações de mão de Castro (2006).....	157
ANEXO H – Termo de autorização de pesquisa na Escola Estadual Dr. Reinaldo Fernando Cóser.....	159

**ANEXO I – Declaração de aceite para desenvolvimento
da pesquisa na Escola Estadual Dr. Reinaldo Fernando
Cóser.....**

1 INTRODUÇÃO

1.1 MINHA TRAJETÓRIA

Considerando que a escolha do tema é o ponto de partida de uma pesquisa, coloco-me no início desta dissertação em primeira pessoa e apresento não apenas o tema que será abordado, mas também um breve histórico da minha trajetória até aqui e de como adquiri a Língua Brasileira de Sinais – Libras para que o leitor conheça as bases referenciais que me alicerçam enquanto pesquisador.

Sou o único surdo de uma família de ouvintes. Nasci com surdez porque minha mãe contraiu rubéola no terceiro mês da minha gestação. Vale lembrar que na época não era feito o teste da orelhinha nos bebês ao nascerem. Sendo assim, minha surdez foi descoberta, acidentalmente, com um ano e meio de idade.

Sou natural de Guarapuava-PR e, naquele tempo, os recursos tecnológicos na minha cidade não eram muito avançados. Sendo assim, tivemos que ir até a capital, Curitiba, onde foram feitos diversos exames que detectaram que eu tinha perda auditiva neurossensorial bilateral profunda.

Stumpf (2005, p. 23), em sua tese de doutorado, destaca que:

São poucas as orientações dadas pelos médicos aos pais ouvintes que têm uma criança diagnosticada surda e muito mais no sentido do oralismo, afinal esta é uma conduta consolidada. Os fonoaudiólogos atentos e atualizados que preconizam a aquisição indispensável da Libras concomitante ao treino da fala ainda não são os mais reconhecidos pela comunidade médica, que envia os pacientes e tenta sempre consertá-los.

A partir do diagnóstico, minha mãe começou a estudar sobre surdez, foi lendo, aprendendo e buscando vários depoimentos diferentes. Quando eu tinha por volta de dois anos e meio de idade, ingressei na Escola Municipal São José, a única na cidade com turmas inclusivas, com surdos e ouvintes. Na época, pouco se sabia sobre Libras, pois as pesquisas na área das línguas de sinais ainda eram bastante restritas.

Sabendo da sua busca, uma professora da graduação que minha mãe cursava informou-a sobre um curso para pais de surdos, feito por correspondência pela UNICAMP no qual a pessoa recebia um total de

doze lições mensais. Em uma palestra na cidade elas tiveram a oportunidade de se conhecer pessoalmente. Neste encontro, ela orientou minha mãe a me colocar em uma escola com crianças ouvintes.

Fui transferido para uma escola particular, onde passei toda a minha trajetória escolar. Como não conhecia a Libras, fazia leitura labial dos professores, todavia parte das informações era perdida, pois o foco do ensino se dava pelo português oral. Pesquisas demonstram que a forma mais coerente de desenvolvimento da linguagem para uma criança surda é aquela que possibilita o acesso completo a uma língua, neste caso, a língua de sinais como primeira língua (FERREIRA-BRITO, 2010; QUADROS, 1997). Nesse momento ainda não existia a Lei nº 10.436, a qual foi sancionada em 24 de abril de 2002, reconhecendo a Libras como a língua natural dos surdos no Brasil, assim, pouca instrução era divulgada aos pais e escolas a este respeito.

Quando estava no último ano do ensino médio, ainda não tinha decidido a área em que queria atuar. Considerando os cursos ofertados em nossa cidade, meu pai me aconselhou a cursar administração, por ser uma carreira bastante ampla. No período da graduação, enfrentei várias dificuldades, como o preconceito por parte de um ou dois professores e a falta de se fazer cumprir as leis de inclusão. Dentre essas dificuldades, o terceiro ano foi um dos mais desafiadores. Havia uma disciplina que era ministrada praticamente só na teoria, por isso o professor solicitou no PAPE¹ um intérprete. Foi disponibilizado um aluno, da própria universidade, para fazer uma adaptação do conteúdo por oralização, pois nenhum de nós dois tínhamos conhecimento de Libras. Por razões diversas, houve mudanças de intérpretes durante este ano, o que fez com que eu desistisse desse apoio.

Foi no fim de 2011 que tive o meu primeiro contato com a Libras e com o universo surdo. No final do último ano da minha graduação, conheci a Irene Stock, uma professora surda da universidade em que eu estudava, UNICENTRO. Esse acontecimento marcou minha vida e mudou meu caminho. Ela foi muito significativa para mim e sem ela não estaria onde estou hoje. Graças ao seu incentivo, aproximei-me da comunidade surda e conheci sua cultura. Irene me indicou livros, apresentou pessoas surdas e, então, comecei a construir minha identidade surda.

¹ PAPE: Programa de Apoio Pedagógico ao aluno com Necessidades Educacionais Especiais, vinculado à Pró-Reitoria de Graduação, que tem por objetivo principal dar atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais.

A partir disso, quis saber mais e fui em busca de cursos. Fiz algumas aulas em um cursinho de Libras para tentar me aprofundar e foi ali que descobri o interesse em lecionar Libras. Ainda não tive a oportunidade de dar aulas, mas fiquei fascinado com a possibilidade. Assim, procurei me especializar e ingressei na Pós-Graduação LIBRAS: Educação Bilíngue para Surdos, na cidade de Curitiba/PR.

Na mesma época conheci um doutorando surdo, da UFSC (Universidade Federal Santa Catarina), com quem tive a oportunidade de compartilhar algumas ideias e experiências. Ele me contou sobre sua pesquisa de mestrado, explicou alguns detalhes, e isso despertou minha curiosidade sobre o assunto da iconicidade em Libras. Assim que abriram as inscrições para o ingresso no Mestrado da UFSC ele me incentivou a tentar. Não tive dúvidas quanto ao tema do projeto de pesquisa. Fui aprovado na área de Linguística, na linha de pesquisa da Língua Brasileira de Sinais, com bolsa de estudo pela CAPES.

Chegando à UFSC como pesquisador desta área, meu primeiro desafio foi compreender a área da linguística, a qual é totalmente diferente da minha área de formação, a administração. No entanto, comecei a ler livros, dissertações, teses e artigos referentes ao tema, juntamente com as aulas do mestrado, fatores que colaboraram para aumentar meu interesse pela área.

Pesquisar a escrita de sinais, o chamado *SignWriting*, usado no Brasil como a forma de escrita para a Libras, foi uma novidade para mim, pois não tinha o conhecimento deste sistema. Então, me matriculei em algumas disciplinas da graduação de Letras/Libras para ter uma base de linguística e poder aprender a utilizar a escrita, como escrever as formas de mão (CM), expressões faciais e os pontos de articulação da língua de sinais.

A escolha do tema do presente trabalho se consolidou após participar do minicurso “Descrições imagéticas na Libras” na UFSC, com a professora Dra. Ana Regina Campello. Foi quando participei da sua palestra que decidi basear-me em sua teoria das ‘transferências’ para a presente pesquisa. Todas as etapas descritas colaboraram e direcionaram minha caminhada até o presente momento, no qual apresento esta pesquisa.

1.2 A PESQUISA

Ao longo do tempo, as línguas de sinais têm conquistado seu espaço e obtido reconhecimento. Sendo assim, as pesquisas no âmbito acadêmico estão se intensificando, trazendo ao conhecimento público seu

status de sistema linguístico e a legitimando como língua natural das comunidades surdas. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 47), “as línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade visual-espacial, pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”. Conforme as pesquisas em Libras se intensificaram, percebeu-se que as línguas de sinais não são um apanhado de gestos sem princípio organizacional, mas sim uma configuração sistêmica de uma nova modalidade de língua (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 34).

A ideia de que as línguas de sinais são ágrafas permaneceu até poucos anos atrás e em algumas comunidades permanece ainda hoje, o que dificulta o acesso do surdo à leitura e à escrita de sua língua materna, porém, isto não significa que elas não possam ser escritas. Por volta de 1825 já existiam tentativas de escrever as línguas de sinais. Há muito tempo se busca um registro escrito eficiente destas línguas, algo que possa ser lido por qualquer surdo conhecedor do sistema sem os problemas de interpretação comuns ao português, que é a sua segunda língua.

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 16), a linguística é a área que aborda a natureza da linguagem e da comunicação, procura desmistificar a complexidade da linguagem humana e suas formas criativas da comunicação. “A linguística busca desvendar os princípios independentes da lógica e da informação que determinam a linguagem humana. Tais princípios são o que há de comum nos seres humanos que possibilitam a realização das diferentes línguas”.

Logo, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar se as descrições imagéticas seriam reproduzidas na sinalização da leitura de um texto em *SignWriting*, o qual foi entregue a alunos surdos de uma escola bilíngue e professores universitários surdos com experiência no sistema *SignWriting* para lerem, interpretarem e sinalizarem.

Como objetivos específicos, pretende-se: a) verificar como foi a transcrição em *SignWriting* de um vídeo original com a função de demonstrar iconicidade; b) observar as diferenças entre as quatro transcrições; c) identificar quais transferências de descrição imagética aparecem na sinalização do texto em *SignWriting* que foi lido; d) realizar uma análise das descrições imagéticas produzidas nesta sinalização, contrastando com a sinalização do narrador do vídeo original. A seguir, apresenta-se a estrutura da presente pesquisa.

A princípio, descreveu-se um resumo do trajeto desta pesquisa, bem como, uma contextualização da história do pesquisador, o que despertou o interesse na escolha e a relevância do tema da pesquisa.

No capítulo 2, abordam-se os estudos teóricos linguísticos que fundamentam esta pesquisa, discutindo-se questões tais como a história da escrita, pois é importante que se possa conhecer a sua evolução desde os primórdios até os dias atuais e a leitura como atividade tão relevante no cotidiano da vida, principalmente na sociedade atual. Apresenta-se, ainda, uma revisão sobre a Libras e sua estrutura.

Neste mesmo capítulo expõe-se o conceito de iconicidade do signo linguístico. Quanto a este assunto, Peirce (2010, p. 64) aponta que “um signo pode ser icônico, isto é, pode representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja seu modo de ser”. Por sua modalidade visual-espacial, na língua de sinais pode-se produzir com mais facilidade quando um sinal representado é icônico ou não. Abordam-se, também, os estudos de Cuxac e Sallandre (2007, p. 15) que identificam três tipos básicos de transferência: Transferência de Tamanho e Forma (TTF), Transferência de Situação (TS) e Transferência de Pessoa (TP).

Campello (2008), por sua vez, estudou a questão das semelhanças dos sinais com o objeto representado sob uma perspectiva um pouco diferente. A autora destaca a necessidade de se repensar a questão da visualidade nas línguas de sinais, as descentrando das categorizações linguísticas e também da visão fonocêntrica, propondo um novo conceito para todos os sistemas de classificação que a autora denomina DESCRIÇÃO IMAGÉTICA, assim caracterizados como sistemas visuais.

A mesma autora classifica as descrições imagéticas em cinco tipos de transferência, que serão contempladas na seção 2.6: Transferência de Tamanho e Forma – TTF, Transferência Espacial – TE, Transferência de Localização – TL, Transferência de Movimento – TM e Transferência de Incorporação – TI.

Ainda no segundo capítulo, trata-se da escrita de língua de sinais e também do sistema *SignWriting*. Faz-se, ainda, um breve histórico sobre a evolução da tecnologia na área da escrita das línguas de sinais, mostrando o *software SignPuddle*, que permite a escrita destes no computador. Comenta-se sobre as diferenças entre a escrita e a transcrição na língua de sinais, assunto que ainda está sendo amplamente estudado.

No capítulo 3, delinea-se a metodologia deste trabalho, assim como os procedimentos adotados para coleta de dados e produção de material. A metodologia deste trabalho foi dividida em duas etapas: a primeira em que foi produzido o material e a segunda em que foi feita a coleta de dados (leitura com os participantes-leitores).

A primeira etapa foi de produção escrita do material necessário para a pesquisa. Para isso, primeiramente, foi criado um vídeo original em língua de sinais de um conto inventado pelo pesquisador, a história foi narrada em vídeo por um ator surdo. Depois, foram escolhidos quatro surdos conhecedores do sistema *SignWriting*, para que fizessem a transcrição deste vídeo utilizando o sistema *SignWriting*. A partir das transcrições dos participantes, foi elaborado um texto chamado de “padrão” para ser utilizado na segunda etapa da presente pesquisa.

A segunda etapa consiste na coleta de dados. Para resultados mais claros, a coleta de dados foi feita com dois grupos de participantes-leitores distintos. Por este motivo, a análise, que se encontra na sequência, foi organizada em dois estudos. O primeiro estudo apresenta a análise dos dados obtidos por meio da sinalização da leitura do texto em *SignWriting* por alunos surdos de uma escola bilíngue. Enquanto o segundo estudo foi feito com professores universitários, surdos, de Libras que têm conhecimento de *SignWriting*.

No capítulo 4, na análise e discussão de dados é feita uma comparação entre o material inicial (vídeo original) e o final deste estudo (sinalização da leitura), mostrando os elementos de DI que foram observados na sinalização da leitura do texto “padrão” em *SignWriting* em comparação aos sinalizados no primeiro material elaborado, o vídeo. Na sequência, quinto capítulo, constam as considerações finais deste estudo experimental.

Uma das justificativas para a realização deste trabalho deve-se ao fato de que as pesquisas na área de Libras, escrita e leitura de sinais estão crescendo significativamente. Com a criação do curso de Letras-Libras na UFSC em 2006 na modalidade à distância (QUADROS; STUMPF, 2009) – atualmente também vem sendo oferecido regularmente na modalidade presencial – e, posteriormente, na Universidade Federal de Goiás e outras, possibilitou-se a formação na área de Letras que também fomentou a iniciação científica. Ademais, quanto maior o número de investigações sobre o tema, maior a colaboração para a divulgação da sistematização da língua de sinais.

Uma questão sobre as línguas de sinais tem relação com sua iconicidade, apesar de muitos sinais serem convencionados, carregam traços de iconicidade. Portanto, em uma sentença poderia haver sinais convencionados com elementos icônicos que descreveriam de uma forma ou de outra determinada situação. No entanto, estes sinais convencionados podem, em qualquer momento, sofrer alguma modificação em seu uso de modo que se tornem ainda mais ou menos icônicos. Corrêa (2014) investiga inovações de sinais no uso cotidiano,

em situações em que, de alguma forma, o usuário quebra a convencionalidade de alguns sinais já conhecidos. Para ver exemplos dos sinais, consultar sua dissertação².

Desse modo, entende-se que a iconicidade é um elemento fundamental no discurso sobre as línguas de sinais e não teria como ser separada totalmente dos elementos convencionados. Então, será possível expressar em *SignWriting*, por exemplo, o tamanho e formas de árvores em uma floresta e todos os elementos presentes como a expressão facial? E no processo de leitura é possível identificar e compreender esses elementos transcritos conforme estavam no texto inicial? E como o *SignWriting* se relaciona com essa linguagem oral³ e como ele poderá representá-la?

Ao refletir sobre esses aspectos, pode-se pensar nas línguas orais, e em específico a Língua Portuguesa, pois ela não tem nada que mostre em sua forma escrita as formas das mãos ou a expressão facial do falante durante uma simples sentença. Supondo-se que alguém diga: “Eu não gostei da aula”, e sua expressão facial demonstre descontentamento ou desprezo. Essa característica presente na expressão facial não seria transcrita, apenas as palavras presentes na sentença, pois elementos como gestos ou expressões faciais são deixados de fora deste registro.

Estas expressões só seriam transcritas se fosse solicitado, o que, possivelmente, poderia resultar em transcrições diferentes e só assim surgiria um problema que é encontrado nas línguas de sinais, na qual todos os elementos visuais estão presentes simultaneamente. Dar conta da transcrição destes elementos é um desafio para o sistema de escrita da língua de sinais. Este assunto é discutido de forma teórica nas seções 2.5 e 2.6 que abordam especificamente a iconicidade e as descrições imagéticas.

Diante disso, surgiram os seguintes questionamentos: Surdos com experiência com o *SignWriting* transcreveriam o mesmo vídeo

² CORRÊA, F. S. **Língua brasileira de sinais: expressões inovadoras**. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

³ No contexto mencionado acima entende-se linguagem oral num sentido mais amplo, neste caso, o termo linguagem oral também se refere à língua de sinais. De acordo com McCleary (2001), na linguagem oral “nem tudo é dito em palavras, mas sim, expresso com o corpo vivo, a expressão facial, e a voz”. O autor afirma que a interação em língua oral é uma interação viva, imediata, face-a-face, na qual os interlocutores compartilham um tempo, um espaço e tudo o que de significativo pode estar contido nesse evento.

original de forma semelhante? Como os participantes-leitores surdos reproduzem as descrições imagéticas ao sinalizar a leitura de um texto em *SignWriting*? Seria uma leitura silenciosa ou os participantes-leitores optariam em sinalizar conforme estão lendo? Todos produzirão da mesma forma?

Com base nesses questionamentos, levanta-se a hipótese de que é possível encontrar elementos de descrições imagéticas no processo de sinalização da leitura em *SignWriting* e pretende-se, também, responder aos questionamentos citados acima.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, antes de se expor o arcabouço teórico que norteia especificamente o objeto de estudo, é necessário inicialmente fazer uma reflexão acerca de alguns conceitos relevantes ao trabalho. Sendo assim, faz-se uma revisão do que diz respeito à escrita e à leitura, a seguir.

2.1 HISTÓRIA CONCISA DA ESCRITA

De acordo com Queiroz (2005), durante muito tempo a humanidade viveu sem nenhum tipo de registro escrito, mas não existem dúvidas de que a linguagem articulada já fosse usada. Línguas se desenvolveram, modificaram e deixaram de existir sem deixar para trás qualquer amostra ou vestígio para que pudessem ser estudadas ou analisadas.

A necessidade de se comunicar é percebida desde a Pré-História através dos desenhos feitos nas paredes das cavernas – apesar de não serem considerados um tipo de escrita ainda, pois não tinham organização, nem mesmo padronização das representações gráficas – que, acredita-se, eram usados para trocar mensagens, passar ideias e transmitir desejos e necessidades (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2010).

Segundo Markenfeldt (2006), estes desenhos nas paredes fizeram com que o homem fosse imortalizado, registrando sua própria história, por meio de signos que continuaram além de sua existência. Tais registros demarcaram cada local que foi habitado e explorado, bem como a perpetuação da cultura de geração para geração. Muitos ritos e feitos eternizados em paredes de pedra e sepulturas são usados para analisar o passado numa tentativa de compreender nosso presente.

Conforme Queiroz (2005), a escrita foi estabelecida na antiga Mesopotâmia, por volta de 4000 a. C., quando os Sumérios, um povo de que não se sabe nem a etnia nem a ascendência linguística, invadiu e conquistou a parte sul da Mesopotâmia. Durante 1500 anos os sumérios foram o grupo cultural dominante no Oriente Médio. Eles cultivaram uma literatura bastante evoluída e deixaram arquivos e documentos de um amplo e complexo sistema jurídico, administrativo, comercial e religioso.

Nos primeiros 500 anos da sua ocupação, os sumérios começaram a usar a escrita, que se desenvolveu depois em cuneiforme, ou seja, era gravada em formas de cunhas sobre a argila fresca e cozidas ao sol. Não se sabe ao certo se os sumérios a inventaram ou se ela

pertencia ao antigo povo semita que ali habitou ou ainda se tinha sido trazida para a Mesopotâmia de qualquer outra região.

Existem muitos registros escritos após esta época. Os egípcios, por exemplo, desenvolveram a escrita hieroglífica, gravada nas paredes dos templos e pirâmides, e utilizaram a escrita no papiro, que era monopólio dos faraós (FERNANDES, L., 2011).

Na Ásia menor, surgiu o pergaminho, material liso e resistente, feito de pele de cordeiro, de bode ou veado. Da China veio a ideia de se fabricar papel a partir de trapos e os Árabes introduziram esse material na Europa. Da mesma forma que o material para escrever foi sendo alterado, o traçado das letras nos antigos alfabetos semíticos também mudou, como salienta Higounet (2003, p. 19):

O uso do papiro (e do pincel) modificou profundamente o traçado das letras nos antigos alfabetos semíticos. Na China a descoberta do papel (e do pincel) teve como consequência a transformação dos caracteres, cujo desenho se afastou dos objetos que eles representavam. Discute-se na história da escrita romana se a passagem do rolo (rotulus) de papiro ao caderno ou ao livro (codex) de pergaminho provocou ou não a grande metamorfose do século III.

A escrita foi um marco extremamente importante para a humanidade, não apenas para o desenvolvimento linguístico, como também para o registro de informações e do pensamento. De acordo com Higounet (2003, p. 23) “uma vez ‘inventada’, a escrita se torna um desenho que pode ter vida própria, fora da língua da qual é veículo”. A forma escrita teve sua origem econômica na necessidade humana de registrar suas impressões em relação aos acontecimentos históricos, culturais, dentre outras.

Higounet (2003, p. 10) defende a importância e a necessidade da escrita quando diz que a sociedade, de uma forma geral, é alicerçada na escrita:

A escrita não é apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que

está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano.

Observa-se que, inicialmente, o objetivo da escrita era registrar a história dos antepassados para as novas gerações, pois ao serem transmitidas oralmente perdiam-se detalhes contados originalmente. Com o evento da organização da civilização, surgimento do comércio e dos estados organizados politicamente, a escrita passou a ter outros papéis importantes. À medida que os registros do processo de produção foram sendo criados, a história foi sendo construída. Os registros culturais foram repassados de geração para geração, a história se consagrou e com ela a existência do homem. O homem imortalizou-se.

Conforme Calvet (2011), o lugar de nascimento da escrita não se faz tão relevante quanto o motivo de sua “invenção”. De acordo com o autor, a escrita foi difundida por necessidades práticas como redigir contratos, leis, fazer contas e não apenas por necessidades literárias. A escrita foi inicialmente propriedade das classes que estavam no poder, sendo assim, percebe-se que ela nasceu de uma necessidade do poder, quer seja ele religioso ou econômico, e difundiu-se lentamente para o conjunto da população. O autor enfatiza:

Se deixarmos de lado o problema das relações entre classes sociais no seio de uma mesma sociedade para abordar o problema das relações entre sociedades com escrita e sociedades sem escrita, veremos que as primeiras sempre consideraram as segundas como inferiores, em nome justamente dessa ausência da escrita (CALVET, 2011, p. 123).

Logo, a escrita é considerada um fato social e, como tal, relacionada aos fenômenos de poder, sendo também considerada como um fato cultural que, na ideologia dominante, serve em alguns momentos como justificativa para depreciar o outro.

Cagliari (2002, p. 103) destaca que “a escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala”. O objetivo central da escrita é justamente que alguém leia o que foi escrito. O autor acrescenta ainda que a escrita é diferente de outras formas de representação do mundo não apenas por induzir a leitura, mas pelo fato de que essa leitura é motivada, sendo assim, “quem escreve,

diferentemente por exemplo de quem desenha, pede ao leitor que interprete o que está escrito, não pelo puro prazer de fazê-lo, mas para realizar algo que a escrita indica” (CAGLIARI, 2002, p. 103).

2.2 A LEITURA COMO ATIVIDADE FUNDAMENTAL

Partindo do pressuposto de que a escrita exige um leitor, surgem alguns fatores referentes à leitura de maior contato imediato: escrita, autor, leitor, função e prática social, conferindo à leitura um caráter modificador de interação social. Cagliari (2002, p. 148) afirma que “a leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”.

A história da leitura se inicia com muita discriminação. Até meados do século XIX, os livros eram escassos. No entanto, desde a leitura oralizada até a impressa, sua prática era tão intensa que alguns livros, por serem “contrários aos bons costumes”, eram proibidos pelo reino, embora circulassem entre a população como objetos clandestinos.

Na sociedade atual as pessoas que vivem nas cidades são reféns da leitura. É necessário saber ler as placas de ônibus, números, etiquetas de alimentos, documentos, enfim, a leitura é fundamental para a vida cotidiana. Neste sentido, ler é uma atividade tão importante quanto produzir textos.

Entende-se por leitura toda manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento elaborado e registrado na forma de escrita por outra. No entanto, é importante salientar que se parte do pressuposto de que “a leitura não é a fala da escrita, mas um processo próprio que pressupõe um amadurecimento de habilidades linguísticas em parte diferentes das que ocorrem na produção da fala espontânea” (CAGLIARI, 2002, p. 161).

Dehaene (2012, p. 26), explica o funcionamento da leitura, que começa na região central da retina, a qual capta as letras com detalhes suficientes para reconhecê-las, como pode-se observar abaixo:

Tudo começa na retina, aonde vêm-se projetar os fótons reenviados pela página. Este captor está longe de ser tão perfeito quanto se pretendia. Com efeito, ele não é homogêneo. Só a região central da retina, chamada fôvea, é rica em células fotorreceptoras de resolução muito alta, os cones. Esta região, que ocupa cerca de 15° do campo visual, é a única zona da retina realmente útil para a leitura. Só ela capta as letras com detalhes suficientes para reconhecê-las. Se os detalhes

faltam, seja após uma lesão da retina, após uma lesão das áreas cerebrais visuais, ou após um artifício experimental que mascare seletivamente a região da fóvea, a leitura se torna impossível.

O autor afirma que o processo da escrita começa no olho. A fóvea, localizada no centro da retina, é o principal motivo de se mover incessantemente os olhos no curso da leitura. Ao olhar, o texto a ser lido é escaneado com a ajuda da parte mais sensível do captor visual, “a fóvea possui uma resolução suficientemente elevada para reconhecer os detalhes das letras” (DEHAENE, 2012, p. 25).

Por conseguinte, pode-se dizer que a leitura é não apenas uma decifração, como também uma decodificação do que está escrito. Cagliari (2002, p. 150) evidencia que:

O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes referentes à interpretação.

Entende-se que nesta etapa o leitor chegou a um patamar ideal, quando atinge certo grau de maturidade e independência apropriando-se do texto como construção do outro e reconstrução sua. Desta forma o leitor pode desfrutar plenamente da leitura em todas as funções que ela possa assumir na sociedade. O leitor tem a função de não somente decodificar o que foi escrito como também reconstruir a coerência do texto.

Cagliari (2002, p. 151) afirma que “para falantes de uma mesma língua, ler um mesmo texto pode gerar interpretações diferentes, baseadas na estrutura de conhecimento de cada um”. Diante das mesmas histórias, as pessoas obtêm diferentes informações ou reações. Cada um lê a seu modo, já que muitas atitudes perante a leitura são possíveis. Ela é uma atividade bastante individual, logo, dificilmente duas pessoas fazem a mesma leitura de um texto. A leitura é uma atividade de compreensão, internalização e reflexão do conhecimento.

Em muitos momentos, ler torna-se um processo de descoberta, como a busca do conhecimento científico. Já em outros, demanda uma

atividade paciente, perseverante e desafiadora, como de uma pesquisa laboratorial.

Cada leitor tem seu tempo e modo de processar a leitura, como também seus vícios de leitura. Algumas pessoas precisam ler em voz alta para conseguir compreender, como destaca Cagliari (2002, p. 172) “outros, ao contrário, só se lerem em silêncio; alguns lêem silabando ou palavra por palavra; há os que quando lêem, precisam “mastigar os sons” e ficam mimificando à medida que o lêem”.

Além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação. Como relata Cagliari (2002, p. 176):

O hábito de ler, ler muito, sempre foi uma forma de preencher a solidão do indivíduo. Antigamente talvez se lesse mais porque não havia tantos atrativos quanto hoje, sobretudo nas grandes cidades. Às vezes, para fugir da agitação, recorresse a uma boa música acompanhada de uma boa leitura. O ser humano precisa conversar consigo, ter seu momento de solidão, e a leitura é um grande auxiliar da reflexão, da meditação, do voltar-se para dentro de si.

2.3 LEITURA E ESCRITA

Para Cagliari (2002, p. 149) “a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita, como já disse inúmeras vezes, é a leitura”.

Os processos da leitura e da escrita são estreitamente ligados. O objetivo da escrita é permitir a leitura. Para melhor exemplificar esta reflexão, Cagliari (2002, p. 14) usa uma pequena história fictícia que ilustra esta questão:

Quem inventou a escrita foi a leitura: um dia numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano. Certo dia, recebeu a visita de alguns amigos e foi interrogado a respeito dos desenhos. Queriam saber o que representavam aquelas figuras e porque ele as tinha pintado nas paredes. Naquele momento, o artista

começou a explicar os nomes das figuras e a relatar os fatos que os desenhos representavam. Depois, à noite, ficou pensando no que tinha acontecido e acabou descobrindo que podia “ler” os desenhos que tinha feito. Ou seja, os desenhos, além de representar objetos da vida real, podiam servir também para representar palavras que, por sua vez, se referiam a esses mesmos objetos e fatos na linguagem oral. A humanidade descobria assim que, quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho; mas, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma de escrita.

Ao explicar e decifrar o significado dos desenhos da caverna, o homem não se restringiu a uma tradução de letras em sons, mas reconheceu os significados das palavras, pois existia um contexto específico para o uso daqueles desenhos.

Cagliari (2002, p. 26) aponta que uma depende da outra, no entanto a leitura acontece antes da escrita, “para escrever, uma pessoa precisa, apenas, reproduzir graficamente o conhecimento que tem de leitura. Por outro lado, se uma pessoa não souber ler, o ato de escrever será simples cópia, sem significado”.

Como mencionado anteriormente, a leitura é uma atividade intimamente ligada à escrita, dessa forma, como há vários tipos de escrita, haverá também os correspondentes tipos de leitura. Para Cagliari (2002, p. 148), “a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever”.

A escrita exclui ou simplifica vários aspectos fonéticos, como o ritmo, a entonação e diversos elementos contextuais que ajudam a compreender o que se diz numa fala real. Os signos linguísticos funcionam de acordo com a convencionalidade social. A escrita funciona de acordo com a convencionalidade da representação gráfica dos signos, e a leitura também tem a sua convencionalidade direcionada não só pelos elementos linguísticos como também pelos elementos ideológicos, filosóficos do leitor.

Em virtude disso, analisando a leitura e a escrita de uma pessoa surda nota-se que a língua que abriga seus pensamentos e sentimentos é a Libras. A língua de sinais é sua língua natural, ela é o suporte do pensamento, meio de comunicação e é através dela que o surdo pode conhecer o mundo e também aprender outras línguas. No entanto, em

alguns lugares ainda não é nessa língua que a pessoa surda escreve. É algo como pensar em chinês, mas precisar ler e escrever em português.

Para melhor compreensão do assunto, apresenta-se a seguir uma explicação sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, a iconicidade, as descrições imagéticas, a escrita da língua de sinais e o sistema *SignWriting*.

2.4 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais – Libras só foi regulamentada como língua oficial no ano de 2002 com a Lei Federal nº 10.436 e regulamentadas as ações para consolidação do uso e difusão da Libras pelo Decreto nº 5.626/2005. A Libras é uma língua proveniente das comunidades surdas do Brasil, é de modalidade visual-espacial, cujos principais órgãos articuladores são as mãos e receptores os olhos.

Por volta da década de 1980, surge o bilinguismo que conforme Nobre (2011, p. 48) nos aponta: “nas escolas bilíngues os surdos podem usufruir de todas as oportunidades de aprendizagem disponíveis aos ouvintes inclusive possibilidade de letramento em sua língua materna e natural – a Libras”. Por conseguinte, a educação bilíngue defende o uso da língua de sinais e da língua oral de acordo com a necessidade comunicativa da pessoa. Desta forma a língua de sinais é usada como primeira língua e a escrita da língua portuguesa como segunda língua.

A instituição da Libras como língua oficial da Comunidade Surda Brasileira destacou a importância de uma abordagem bilíngue na educação de surdos e, conseqüentemente, sobre o papel da língua de sinais na alfabetização, aprendizado da leitura e escrita. Todavia, a primeira dificuldade notada é que a escrita alfabética da Língua Portuguesa no Brasil não daria conta de representar significado para conceitos elaborados em Libras, que é uma língua visual-espacial. Ademais, a criança surda não é alfabetizada primeiramente em português; a aquisição da linguagem ocorre naturalmente em Libras.

Ao falar sobre as línguas de sinais, Jackendoff (1994, p. 83) destaca a importância de se lembrar que a ASL⁴ é uma língua assim como qualquer outra:

The most important thing I want to stress is that ASL is a language. Of course, it seems completely different from familiar languages such as English,

⁴ *American Sign Language* – Língua de Sinais Americana.

Russian, and Japanese. Its means of transmission is not through the speaker's vocal tract creating acoustic signals that are detected by the addressee's ears. Rather, the speaker's gestures create signals detected by the addressee's visual system. [...] the differences are rather superficial. [...] the peripheral system is different, but the inner workings are exactly the same.

O autor afirma que as línguas de sinais parecem ser diferentes de outras línguas devido a seu meio de transmissão não se dar através do trato vocal do falante, mas os gestos do falante criam sinais que são detectados pelos olhos do receptor. Percebem-se diferenças no processo, mas o autor classifica-as como superficiais, afirmando que, apesar de o sistema periférico ser diferente, os funcionamentos internos são exatamente os mesmos.

Por outro lado, como as línguas de sinais existentes no mundo são comumente conhecidas em sua modalidade sinalizada, nem todos os países adotaram uma forma de registrá-la graficamente. Com o crescente número de pesquisas realizadas nesta área percebeu-se a necessidade de tal registro.

Quadros e Karnopp (2004, p. 30) afirmam que:

Uma língua natural é uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários.

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação. As autoras sustentam que “as línguas de sinais são consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30) Para as autoras, assim como as demais línguas naturais, a Libras é composta por níveis linguísticos como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

Por não dependerem de outras línguas ou modalidades, as línguas de sinais são línguas humanas totalmente independentes. Elas

expressam níveis linguísticos em diferentes graus assim como as demais línguas; apresentam gramática com estrutura própria, usada por um grupo específico. Além disso, Quadros e Karnopp (2004, p. 33) destacam que, assim como nas línguas orais, as línguas de sinais são diferentes entre si, “há dialetos em tais línguas como os há nas línguas orais. Fazendo-se um exame dos dicionários das línguas de sinais de alguns países, comprova-se que nem todas as pessoas surdas fazem referência a um determinado referente usando o mesmo sinal”.

O aprendizado da leitura e da escrita de uma pessoa surda não segue os mesmos caminhos e processos que o de uma pessoa ouvinte, o que se transforma no maior desafio para a sua educação. O surdo conhece o mundo pela sua língua natural, a língua de sinais, que lhe permite construir significados e formular seus conceitos, não de forma passiva, mas interagindo com o mundo, dando vida aos significados.

Fernandes, E. (2003, p. 46) destaca que a cultura ouvinte supõe que o processo de entrada de regras gramaticais de uma língua deve ser na modalidade oral. Porém, a autora afirma que “embora este seja o processo natural para o mundo dos ouvintes, isto não quer dizer, obrigatoriamente, que deva ser o processo natural para o mundo dos surdos”.

Existem muitos movimentos que buscam na escrita um modo de preservá-las. Ao falar em preservar uma língua, não se pensa apenas em preservar um idioma, mas a cultura que o engloba. Pesquisas relatam muitas vezes ouvirem da escola que o surdo não sabe e não quer escrever, mas para que as vantagens oferecidas pela leitura e pela escrita sejam significativas para os estudantes surdos, o código linguístico utilizado precisa ser naturalmente acessível.

O surdo visto como uma pessoa bilíngue que domina a sua primeira língua, a Língua de Sinais, e a segunda língua, no caso o português, deve ser entendido como bi cultural, ou seja, membro da comunidade surda e ouvinte, mesmo sendo dominante na língua de sinais, mas cabe-lhe o direito de ser bilíngue.

A primeira escola para surdos no Brasil, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), começou a funcionar em 1º de janeiro de 1856, no Rio de Janeiro, e foi fundada pelo francês Ernest Huet, professor ensurdecido aos doze anos de idade que veio ao Brasil em 1855, a convite de Dom Pedro II. A escola seguia os mesmos métodos de Charles Michel de l'Épée até que o Congresso de Milão de 1880 proibiu o uso das línguas de sinais pelas escolas, pelos pais de surdos e pelos próprios surdos.

Atualmente, percebe-se a importância das escolas bilíngues para surdos, nas quais os alunos aprendem primeiramente a Libras como sua língua materna e o português como língua secundária.

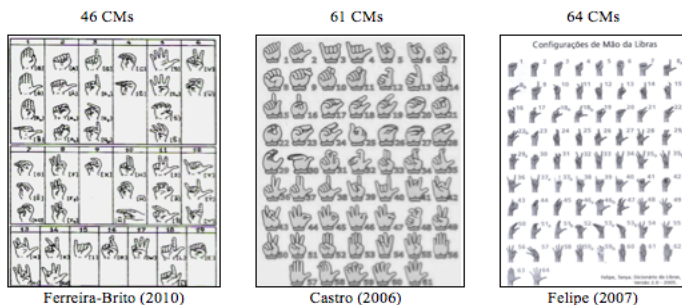
2.4.1 Estrutura da Língua Brasileira de Sinais

A Língua Brasileira de Sinais é organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos. Seus parâmetros principais ou maiores são três: Configuração da(s) mão(s) (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M); os outros três são constituídos por parâmetros menores como: Disposição das mãos, Orientação da(s) mão(s) e Região de Contato. (FERREIRA-BRITO, 2010).

a) Configuração da(s) mão(s): Tratam-se das diversas formas de mão na realização dos sinais. Este é um dos parâmetros das línguas de sinais que compõem um conjunto de formas de configurar as mãos para as produções linguísticas.

Diversos pesquisadores publicaram inventários de configurações de mãos nas línguas de sinais abordadas de formas diferentes no decorrer do tempo. Cada autor propôs uma conjunção distinta, não só nas formas, mas também na quantidade de configurações. Encontram-se abaixo as apresentações dos autores que, atualmente, são mais utilizadas nos meios acadêmicos. É possível visualizar as ilustrações com diferentes formações e quantidades correspondentes às CMs da Libras.

Figura 1 – As CMs de mão da LIBRAS



Fonte: Ferreira-Brito (2010)⁵, Castro (2006)⁶ e Felipe (2007)⁷

⁵ FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

Ressalta-se que neste trabalho é utilizada como base a ilustração desenvolvida e aperfeiçoada por Castro (2006), apresentada acima, com 61 configurações de mão. Este inventário, bem como seus números de CMs, serviu de base para a análise da sinalização dos participantes-leitores, apresentada no capítulo quatro. A tabela de Castro (2006) foi escolhida a fim de auxiliar os leitores da análise na percepção das CMs que foram utilizadas no vídeo e pelos participantes-leitores, facilitando a compreensão da forma como a sinalização aconteceu. Este sistema fonológico é categórico. Um sistema de escrita pode encaixar categorias, mas muitos sinais de DI ficam fora do sistema e são analógicos, não categóricos. Assim começa o problema da pesquisa, que é observar se o *SignWriting* consegue expressar todos os elementos presentes, como a expressão facial, e se no processo de leitura é possível identificar e compreender esses elementos transcritos conforme estavam no texto inicial.

b) Ponto de articulação: Lugar do corpo onde será realizado o sinal, segundo Ferreira-Brito (2010, p. 37) “é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados”. Existem dois tipos de sinais articulados no espaço de enunciação, os que se articulam no espaço neutro à frente do corpo e os que se aproximam de uma ou outra região do corpo, como, por exemplo, a cabeça, a cintura e os ombros;

c) Movimento: Deslocamento da mão no espaço de enunciação para a realização do sinal. “É um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal”. O movimento de mão durante a sinalização no espaço ou sobre o corpo pode ser em linha reta, curva, circular ou em diversas direções e posições (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 38).

Quando aos parâmetros menores ou secundários tem-se:

a) Disposição das mãos: “A articulação dos sinais pode ser feita apenas pela mão dominante ou pelas duas mãos”. As duas mãos podem se movimentar para realizar o sinal, ou somente a mão dominante se movimenta e a outra atua como um ponto de articulação (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 40).

⁶ CASTRO, N. P. **Configurações de Mão em Libras**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

⁷ FELIPE, T. A. **Libras em contexto**: curso básico, 2007.

b) Orientação da Mão (Or): “É a direção da palma da mão durante o sinal: voltada para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a esquerda ou para a direita”. Durante a realização do movimento pode ocorrer mudança na orientação da mão (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 41).

c) Região de Contato: “Refere-se à parte da mão que entra em contato com o corpo. Esse contato pode-se dar de maneiras diferentes: através de um toque, de um risco, de um deslizamento, etc.” (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 41).

d) Expressões não-manuais: Além dos parâmetros descritos acima, têm como elementos importantes também a expressão facial. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 60) as expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) podem expressar as diferenças entre sentenças afirmativas, interrogativas, exclamativas, topicalizações, concordância e foco.

É importante notar que tanto os parâmetros primários, quanto os secundários e os componentes não manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal. O sinal é realizado multidimensionalmente e não linearmente, como acontece geralmente com as palavras orais, e a sua realização precisa da presença simultânea de seus parâmetros (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 41).

2.5 ICONICIDADE

Levando em conta as pesquisas e discussões atuais, fica muito difícil desassociar os conceitos de iconicidade e arbitrariedade do signo linguístico, pois eles são inerentes às línguas naturais. De acordo com Martelotta (2012, p. 71), a questão central era baseada na “existência ou não da relação de similaridade – ou, para usar um termo mais moderno, *iconicidade* –, entre a forma (o código linguístico) e o sentido por ela expresso”.

O autor destaca que essas questões em torno da oposição entre a arbitrariedade e a iconicidade do signo linguístico atravessam as correntes linguísticas até os dias de hoje. A noção de arbitrariedade é baseada no princípio da convenção: “Não há nada no som da palavra que se relacione, de forma necessária, à coisa que ela designa” (MARTELOTTA, 2012, p. 71).

Este aspecto também é comentado por Saussure (2012, p. 111) ao afirmar que “o signo linguístico é arbitrário”. O autor compara que não há “relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra

sequência, não importa qual”. Nesta mesma linha de considerações, Martelotta (2012, p. 71) exemplifica que:

Não há uma relação natural, por exemplo, entre a construção que utilizamos para nossa moradia e a palavra “casa”, até por que, em outras línguas, temos palavras com estruturas sonoras bastante diferentes para designar esse mesmo significado: *house*, em inglês, e *maison*, em francês, apenas para citar algumas.

A ideia de iconicidade também foi pesquisada por Peirce (2010), filósofo norte-americano contemporâneo de Saussure. Ao referir-se a tal assunto, Peirce (2010), em *Semiótica*, diz que o signo é uma ideia e o mundo onde vivemos está rodeado deles. Como explica o filósofo: “[...] para que algo possa ser um Signo, esse algo deve ‘representar’, como costumamos dizer, alguma outra coisa, chamada seu *Objeto*, apesar de ser talvez arbitrária a condição segundo a qual um Signo deve ser algo distinto de seu *Objeto* (PEIRCE, 2010, p. 47).

Saussure (2012, p. 109) esclarece que “o contraditor se poderia apoiar nas *onomatopéias* para dizer que a escolha do significante nem sempre é arbitrária”. Seguindo a mesma linha de pensamento, Martelotta (2012, p. 72) sustenta que a iconicidade do signo linguístico é baseada na ideia de uma motivação que se transparece na estrutura das palavras, o que demonstra uma relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos expressados por eles. O autor exemplifica a relação icônica nas línguas orais usando as onomatopeias, “palavras cuja estrutura sonora imita o som das coisas que designam: ‘cocorocó’ (som do conto do galo), ‘tique-taque’ (ruído de um relógio funcionando), entre outras”.

Para melhor compreensão da iconicidade, é importante diferenciar três conceitos de sua teoria: o símbolo, o índice e o ícone. A despeito disso, Peirce (2010, p. 63-64) define o símbolo como um signo cujo “caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu Interpretante. Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são Símbolos”.

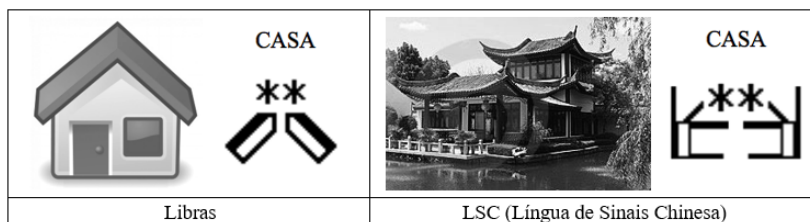
Seguindo a teoria peirceana, Martelotta (2012, p. 73) afirma que o símbolo refere-se a um determinado objeto que é representado com base em algum tipo de convenção. São signos mais complexos pois não apresentam qualquer semelhança com o elemento retratado. A cruz como símbolo do cristianismo, o símbolo matemático do Pi e a balança como símbolo da justiça são exemplos deste assunto.

Quanto ao índice, o autor acrescenta que “ocorre uma relação de contiguidade com a realidade exterior: a fumaça, por exemplo, é o índice do fogo, e a presença de nuvens negras, o índice de chuva iminente” (MARTELOTTA, 2012, p. 73). Isto é, existe uma relação natural entre o índice e o que ele significa. Estabelece-se uma associação de uma coisa à outra, uma ligação física através da experiência. Por exemplo, marcas de pegadas indicam que alguém passou por ali, alguém segurando/fechando o nariz indica mau cheiro.

Também Costa, V. (2012) em sua dissertação, ao analisar Pierce (2010), salienta que “o ícone designa uma relação de similaridade entre representante e representado (a imagem da lixeira no computador representa o local onde os arquivos que não têm mais importância são depositados)”. Os ícones guardam uma relação de semelhança com o que representam. São o tipo de signo mais fácil de se reconhecer.

Peirce (2010, p. 64) reforça que “um signo pode ser icônico, isto é, pode representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja seu modo de ser”. Por sua modalidade visual-espacial, pode se perceber quando um sinal representado na língua de sinais é icônico ou não. O exemplo a seguir mostra o sinal de “casa” em Língua de sinais:

Figura 2 – Modelos de casa



Fonte: <<http://pixabay.com/pt/casa-%C3%ADcone-telhado-vermelho-s%C3%ADmbolo-304005/>> e <<http://thumbs.dreamstime.com/z/casa-chinesa-14379054.jpg>>

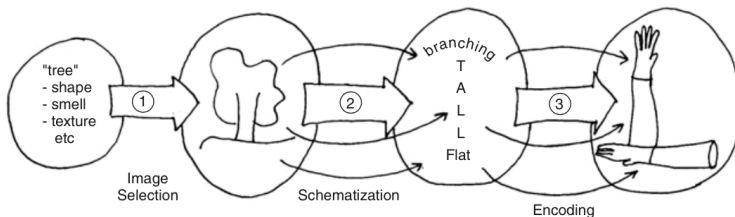
Tanto na Libras, como na língua utilizada pela comunidade surda na China, o sinal da palavra casa tem motivação icônica. Contudo a imagem do referente é diferente de acordo com a cultura daquela região, sendo assim o sinal convencionado também é diferente, mas ele não deixa de ser icônico.

Bernardino, Silva e Passos (2011) esclarecem, em seu artigo, que “se os sinais fossem completamente icônicos, seriam iguais em todas as línguas de sinais”. Porém, é exatamente o oposto. Cada sociedade seleciona um aspecto que será mais evidente para representar em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva. Dessa forma, as autoras concluem que:

A iconicidade é uma representação convencional relacionada à língua/cultura do próprio país, pois cada língua capta facetas diferentes do mesmo objeto através dos sinais. Vejamos o caso do sinal de cachorro em Libras e em ASL: em Libras, o sinal lembra o focinho do cachorro; em ASL, lembra uma pessoa chamando um cachorro, batendo, inicialmente, a mão na cintura e, em seguida, fazendo um ruído com os dedos (BERNARDINO; SILVA; PASSOS, 2011, p. 4).

De acordo com Taub (2001, p. 44) para criar um item icônico, uma imagem é selecionada, modificada ou esquematizada de forma que seja representável pela língua. São escolhidas formas apropriadas para se mostrar ou codificar cada parte representável da imagem. Além disso, modificar a imagem ou “traduzi-la” em uma forma linguística garante que a nova imagem preserve a estrutura física relevante do estágio anterior.

Figura 3 – Processo de construção analógica do sinal icônico



Fonte: Taub (2001, p. 44)

A autora envolve três dimensões distintas: seleção de imagem, esquematização e codificação. Leite (2008, p. 36), em sua tese, sustenta que Taub propõe um “modelo de construção analógico” para dar conta desse fenômeno produtivo, que envolve essas três dimensões distintas.

Pode ser observada a ilustração do modelo proposto pela autora à formação do sinal ÁRVORE da ASL em seu livro⁸.

De acordo com Cuxac e Sallandre (2007, p. 15) as duas vias estruturais presentes na língua de sinais são: a via iconizadora (estruturas altamente icônicas) e a via lexical. No artigo estudado, os autores se dedicam a analisar as Estruturas Altamente Icônicas (doravante denominadas EAI), também chamadas de estruturas de grande iconicidade (*Highly Iconic Structures*). De acordo com este pressuposto, as estruturas altamente icônicas geram um universo mental de imagens, cuja intenção é demonstrar, redesenhar e ilustrar a similaridade a ser transmitida. Por sua vez, a via lexical possui aspectos de arbitrariedade, não mantendo relação explícita com os objetos a que se refere, os quais são arbitrários assim como as palavras na língua oral.

A possibilidade de mostrar algo enquanto se fala é uma característica das línguas de sinais. Campelo (2008, p. 210), ao citar Cuxac afirma que:

Este processo e seu traço estrutural, na perspectiva icônica, se denomina de ‘transferência’ [...] que ‘trata de operações cognitivas que permitem transferir, anamorfando-as ligeiramente, experiências reais ou imaginárias no universo discursivo tridimensional chamado espaço de sinalização (o espaço de realização das mensagens)’.

Estes processos são realizados na língua por estruturas que foram chamadas de “transferência”. As transferências utilizam recursos cinésicos⁹ para demonstrar os contornos das formas, os deslocamentos espaciais das pessoas em direção a um ponto fixo, descrever e mostrar os eventos no ato discursivo.

No estudo de Cuxac e Sallandre (2007, p. 17) sobre as EAIs, três tipos básicos de transferência são identificados:

– Transferência de Tamanho e Forma (TTF): estruturas usadas para representar a forma e/ou tamanho total ou parcial de lugares, objetos ou personagens;

⁸ *Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language.*

⁹ Uso expressivo dos movimentos corporais, gestos, expressões faciais, movimentos oculares e postura que acompanham os atos linguísticos.

– Transferência de Situação (TS): o sinalizante usa o espaço a sua frente para reproduzir iconicamente as cenas representando o movimento espacial de um atuante em relação a um local estável, funcionando como ponto de referência;

– Transferência de Pessoa (TP): estas estruturas envolvem o corpo todo do sinalizante para reproduzir uma ou mais ações realizadas ou sustentadas por um atuante no curso do enunciado. O narrador “incorpora” a pessoa ou coisa sobre a qual está falando.

Os autores ainda comentam sobre a possibilidade de uma combinação de transferências, o que produz uma estrutura mais complexa. Para mais exemplos sobre este assunto pode ser consultada Sallandre (2003)¹⁰.

O referencial teórico visa trazer algumas considerações importantes para o entendimento da pesquisa. Na sequência, descreve-se o trabalho que servirá como norteador para a análise dos dados obtidos, a qual teve como base teórica os estudos sobre as transferências de Cuxac. Assim sendo, neste momento, chega-se ao ponto essencial da teoria para esta pesquisa.

2.6 DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS

Para tratar das Descrições Imagéticas¹¹ (doravante DIIs) na escrita de sinais, usando o sistema *SignWriting*, tomou-se como base teórica a proposta de Campello (2008), a qual se embasou na teoria das transferências de Cuxac (1985).

Campello (2008, p. 100) afirma que os signos visuais utilizados pela comunidade surda estão em constante pesquisa por envolverem uma dada percepção de ideias e imagens visualizadas que “regem ou se constituem como princípios da língua natural e da modalidade comunicativa que possibilita a interação comunicativa entre os Surdos em um mesmo ambiente linguístico ou distinto deles”.

¹⁰ *Les Unités du Discours en Langue des Signes Française. Tentative de Catégorisation dans le Cadre d'une Grammaire de l'Iconicité*. Thèse de doctorat, University of Paris, 2003.

¹¹ As Descrições Imagéticas ainda são um conceito recente, mais pesquisas precisam ser realizadas para que outras evidências desse elemento linguístico das línguas de sinais sejam apresentadas. Nesta pesquisa optou-se em seguir a proposta de Campello (2008) que se baseia em Cuxac (1985) ao analisar as transferências presentes na leitura de um texto em *SignWriting*.

Todo este processo visual faz com que o surdo seja um profundo analisador, pois os “sujeitos Surdos se constituem a partir da visualidade na construção do seu ‘ser’. O ato de ‘ver’ ou de ‘olhar’ o mundo exige uma interação entre a propriedade suprida pelo signo e a natureza do sujeito que olha ou observa” (CAMPELLO, 2008, p. 162).

De acordo com a autora, entende-se que as descrições visuais não são concebidas como “fixas” e delimitadas dentro da concepção estruturalista. A imagem possui muitas nuances próprias as quais são impossíveis de delimitar e fixar. Os aspectos visuais estão “sempre em qualquer lugar, em todos os instantes, no abrir dos olhos de manhã até o fechar dos olhos ao dormir, cada imagem vai delineando, construindo” e firmando a representatividade de um mundo sem “sons” (CAMPELLO, 2008, p. 163).

A língua de sinais adquirida pela comunidade Surda possui inúmeros recursos visuais vastos e profundos, o que difere do modelo acústico-auditivo das línguas orais. Além disso, novos tipos de estruturas são criadas graças à natureza bidimensional, tridimensional e até quadridimensional de seu canal viso-gestual-espacial. Estas estruturas são chamadas de classificadores em outras pesquisas com base linguística e “estão sempre atreladas a novos conceitos e descrições imagéticas diferentemente da língua oral” (CAMPELLO, 2008, p. 159).

Bernardino (2012, p. 253) afirma que “existem muitas discussões sobre o uso do termo classificadores para denotar as construções de línguas de sinais que têm sido comparadas com sistemas classificadores em línguas orais”. Não é simples encontrar uma única definição para classificadores. Na literatura sobre língua de sinais este termo pode ser encontrado como: “classificadores”, “morfemas produtivos”, sinais “polissintéticos” ou “multicomponenciais”¹².

Ao referir-se a tal assunto Quadros e Karnopp (2004, p. 93) sustentam que “os classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos”. Em textos sinalizados do gênero literário, como narrações, histórias infantis e poesias, por exemplo, os classificadores podem ser utilizados como recurso linguístico estético e poético.

¹² PIZZUTO, E.; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlingüísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS) – *9º Theoretical issues in sign language research conference*, Florianópolis, Brasil, Dezembro 2006.

Ao comentar a necessidade de se repensar a questão da visualidade nas línguas de sinais, descentrando-as das categorizações linguísticas e também da visão fonocêntrica, Campello propõe um novo conceito quanto ao termo classificador. A autora usa a denominação **DESCRIÇÃO IMAGÉTICA** para todos os sistemas de classificação, assim os caracterizando como sistemas visuais.

O objetivo é utilizar captação dos sinais visuais, ampliar e exercitar as capacidades mentais e visuais para se comunicar com os Surdos. Todo e qualquer recurso que for utilizado para ajudar na comunicação, na compreensão dos conceitos, deverá ser aplicado com naturalidade, e não para modificá-los, mas para auxiliar na compreensão e tradução gramatical visual (CAMPELLO, 2008, p. 152).

De acordo com Campello (2008), a descrição imagética é um auxiliar da língua de sinais, para determinar as especificidades e “dar vida” a uma ideia de um conceito ou de signos visuais. Sua função é representar forma e tamanho dos referentes, assim como características dos movimentos dos seres em um evento, e descrever os nomes, adjetivos, advérbios de modo, verbos e locativos através da língua de sinais.

A proposta de mudança de Campello (2008) é justificada devido às denominações atuais não estarem atreladas aos parâmetros da visualidade, mas da língua oral ou falada com seu *status* linguístico próprio.

Partimos do pressuposto que o uso da denominação classificador ou classificadores ou classificação manual (como um dos recursos gramaticais) poderá provocar o desaparecimento da visualidade e da imagem da Língua de Sinais, tornando a imagem em um ‘texto fixo’. Essa denominação estanque parece não dar conta de todos os recursos visuais da Língua de Sinais, pois parece estar atrelada a um estruturalismo restritivo e que coloca a iconicidade, a complexidade do signo imagético tudo dentro da estrutura lingüística quando deveria considerar o seu uso, seu contexto de uso, e a possibilidade de representar um conhecimento de mundo Surdo visual e

parcialmente próximo aos referentes que descrevem (CAMPELLO, 2008, p. 156).

A autora aponta que o termo classificador não consegue expressar com excelência os recursos visuais da língua de sinais transformando, assim, a visualidade da imagem em uma estrutura fixa, deixando de lado seu contexto de uso e a representação do mundo visual. Ela classifica as descrições imagéticas em cinco tipos de transferência, que serão exploradas abaixo:

2.6.1 Transferência de Tamanho e de Forma – TTF

A transferência de tamanho é usada para representar o signo visual independentemente do seu tamanho, como é possível ver nas palavras de Campello (2008, p. 213):

[...] pode ser grande, pequeno, miúdo, colosso, maior, avantajado, vasto, corpulento, alto, de longa extensão, comprido, longo, excessivo, agudo, forte, intenso, violento (dependendo do envolvimento sentimental), poderoso, importante, notável, de qualidade superior, marcante, pouco extenso, pouco volume, estatura abaixo da média, valor inapreciável, acanhado, mesquinho, insignificante, humildade, sentimento de inferioridade, medo, menor, mais pequeno, etc.

As formas, por sua vez, estão relacionadas às “características físicas dos seres e das coisas como decorrência da estruturação de suas partes, formatos, feitio, figura, corpo, substância, estado, e ou aparência física de um ser ou de uma coisa aquilo que é visto” (CAMPELLO, 2008, p. 214).

Figura 4 – Sinal de Televisão



Fonte: desenvolvido pelo autor

O exemplo ilustrado mostra uma construção de referência espacial, “o tamanho e a forma da televisão”. Nesta sequência, a DI de TTF’s sucessivas descreve a referência, podendo ser relacionada a lugares, objetos ou pessoas descritos por seu tamanho ou formato. As configurações de mãos do sinalizante desenhavam o contorno de uma televisão e a expressão facial indica também o tamanho e a forma do referente como a bochecha inflada e sugada. Na figura, o sinalizante faz uso das CMs demonstrando o tamanho dos lados e a altura da TV; em seguida faz uso de descrição da forma da TV, ao mesmo tempo demonstrando a espessura da tela com as bochechas sugadas a fim de mostrar uma tela fina, podendo ser um plasma, TV LCD, TV LED, TV OLED, TV Portátil etc. Estas estruturas são utilizadas para representar o tamanho e o formato da televisão, assim realizando uma das DIs de TTF.

2.6.2 Transferência Espacial – TE

Na transferência espacial o sinalizante demonstra todos os elementos de um determinado espaço como profundidade (para baixo ou para cima), tamanho (no sentido de intensidade), isolamento, diferentes ângulos, com ou sem movimentos circulares, retos, de quadrado etc. (CAMPELLO, 2008, p. 168).

O exemplo abaixo ilustra uma Transferência Espacial.

Figura 5 – O cacto no meio do deserto



Fonte: Campello (2008, p. 170)

Nesta transferência pode-se perceber os elementos que o sinalizante utiliza em relação a um traço espacial maior dentro de uma localização, a CM com expressão facial como as bochechas sugadas para

indicar o vazio que está em sua volta, como um ponto de referência no espaço indicando o cacto e o deserto.

O exemplo ilustrado mostra o sinalizante utilizando a estrutura da TE no espaço à sua frente para reproduzir a cena que representa um cacto que rodeia por meio do deserto. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 57) na língua de sinais, o espaço de enunciação tem o alcance dentro do raio em que o sinalizante realiza os sinais e é preciso estabelecer um local no espaço quando se sinaliza um lugar, objeto ou pessoa.

2.6.3 Transferência de Localização – TL

Campello (2008, p. 214) explica que a transferência de localização tem a ver com a direção do objeto a ser sinalizado, podendo ser para frente, para trás, para o lado direito, ou esquerdo, de alternância, de puxar ou soltar. O que atrai os signos visuais para baixo e para cima é a força gravitacional, que na visualização é “todo o signo que cai ou o signo que está no fundo ou o signo que está subindo ou o signo que está lá em cima ou o signo que está em outros lados”.

Figura 6 – Carro de corrida



Fonte: Campello (2008, p. 173)

Pode-se ver na imagem de Campello (2008), acima, a DI de TL de um carro no espaço neutro. O sinal apresenta apenas uma locação específica, assim um movimento de direção do objeto ocorre para um determinado local. A cena é como a distância, apresenta um todo, o percurso desde o local que o referente está para o local que deverá chegar, como o carro ultrapassando o outro, indo de um lugar para outro.

A direção do olhar no espaço de sinalização estabelece referentes, por exemplo, no sinal de “avisar para alguém”, o olhar pode

ser direcionado ao movimento da mão ativa. Campello (2008, p. 215) destaca que “os olhos do observador se manifestam diante da situação ou do acontecimento ou da percepção visual que norteia em sua volta, [...] ou as CM que podem simular como os ‘olhos visuais’”. Assim na transferência de localização, além do corpo do sinalizante, a direção do olhar também é usada como referência específica nos discursos, usando o olhar direcionado a um ponto específico, e pode definir um referente.

2.6.4 Transferência de Movimento – TM

Para Campello (2008, p. 215) a transferência de movimento serve para conseguir uma percepção visual. A variação do movimento resulta num significado diferente, para distinguir itens lexicais, por exemplo, entre nomes e verbos, direcionalidade e tempo do verbo. Tais traços são expressados através da direcionalidade, maneira e frequência do movimento (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 55).

Assim, Ferreira-Brito (2010, p. 38) menciona que:

Nos movimentos internos da mão, os dedos se mexem durante a realização do sinal, abrindo-se, fechando-se, dobrando-se ou estendendo-se, o que leva a rápidas mudanças nas configuração da(s) mão(s). O movimento que a(s) mão(s) descreve(m) no espaço ou sobre o corpo pode ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares em várias direções e posições.

Abaixo, exemplo de uma Transferência de Movimento.

Figura 7 – Movimento das pernas da aranha



Fonte: Campello (2008, p. 176)

Quadros e Karnopp (2004, p. 54) destacam que as línguas de sinais fazem parte da área em torno do corpo do sinalizante, como as mãos que utilizam para representar o objeto enquanto o movimento é realizado no espaço da sinalização. Ainda nesta mesma linha de considerações Ferreira-Brito (2010, p. 38) aponta que o movimento é um dos parâmetros complexos que pode ser usado em várias formas e direções com conjuntos de movimentos. Para ocorrer é necessário ter objeto e espaço, como a imagem acima descrita, na qual os dedos da mão do sinalizante se mexem em linhas retas, ou seja, movendo as pernas da aranha constantemente durante a realização do sinal. São utilizados, também, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço de enunciação.

Segundo Campello (2008), nesta transferência de movimento pode-se usar várias maneiras de modo igual ou diferente, como do movimento das pernas da aranha. Assim as mãos descrevem o movimento no espaço de sinalização ou sobre o corpo, podendo ser em várias direções e posições.

2.6.5 Transferência de Incorporação – TI

Campello (2008, p. 216), ressalta que “estas transferências ou descrições imagéticas permitem a configuração de signos para signos visuais e suas estruturas de acordo com o pensamento imagético dos sinais, no ato de descrever as suas naturezas, elementos e muitos outros”.

A autora afirma que, neste tipo de transferência, o narrador usa o seu próprio corpo para reproduzir ações ou imagens, objetos ou cenas. Diferentemente da transferência de tamanho e forma – TTF, que apenas são demonstrados tamanho, formato, feitio, aparência física, dentre outros, na TI o narrador ‘incorpora’ o objeto a ser sinalizado.

O narrador passa a demonstrar as ações efetuadas ou sofridas no processo do enunciado humano, podendo ser um animal, objeto, ou um ser não-animado. O narrador passa a ser transformado em um objeto para caracterizar aquilo que sente ou mostra fisicamente. Além disso, as expressões faciais ou corporais mostram a relação que se estabelece entre o narrador e a ação que está realizando (CAMPELLO, 2008, p. 179).

Exemplo de uma Transferência de Incorporação.

Figura 8 – TI do reprodutor feminino



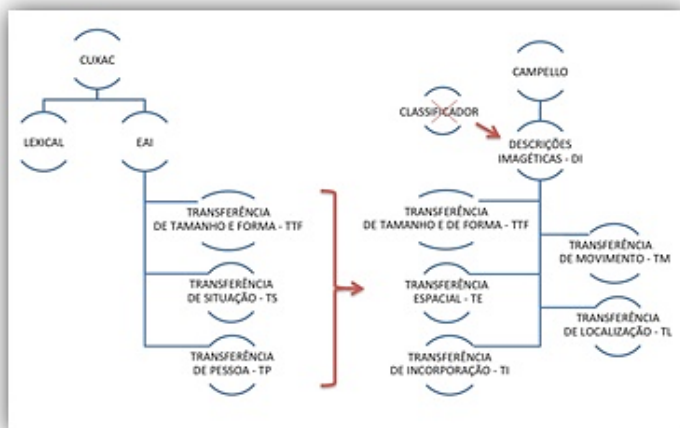
Fonte: Campello (2008, p. 189)

Neste exemplo, o sinalizante interpreta o sistema reprodutor feminino com seu próprio corpo, no qual é possível ver claramente uma TI. Os dois braços levantados com as mãos posicionando-se para baixo e as palmas das mãos um pouco fechadas, para indicar a localização dos óvulos, e as pernas fechadas, para representar a figura do canal vaginal por onde o espermatozoide passa para subir até os óvulos.

Esta estrutura da TI, por fim, pode reproduzir várias ações ou imagens, como as outras transferências da DI descritas acima. Como o sinalizante coloca um determinado objeto no corpo do mesmo sinalizante, ele passa a mostrar ações durante a realização do sinal, por isso precisa utilizar o tamanho e a forma, espaço, localização e movimento para representar o significado. As demais transferências da DI utilizam a sinalização por fora do corpo, à sua frente, como em espaço neutro, sem o seu corpo passar a ser transformado em um objeto ou animal.

Segue abaixo uma ilustração das discussões teóricas dos autores: a pesquisa de Cuxac, com as três transferências trabalhadas por ele, e as contribuições de Campello para esta teoria.

Figura 9 – Ilustração das discussões teóricas



Fonte: desenvolvido pelo autor

Para maior clareza sobre o funcionamento, elaborou-se um esquema ilustrando o que foi pesquisado por Cuxac em sua teoria sobre os três tipos de transferências, das estruturas altamente icônicas (EAI). Ao lado, observa-se quais transferências Campello reestruturou e as que a autora acrescentou, assim como a mudança do termo ‘classificador’ para descrições imagéticas. Como a autora observou em seu trabalho, os cinco tipos de transferência são complexos e ricos. Esses elementos foram pesquisados e aprofundados na tese da autora e, nessa pesquisa, serão adotados como base teórica para análise.

2.7 A ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS

A escrita precisa ser pensada e compreendida segundo os usos, as necessidades e as particularidades de cada grupo social. Com o avanço das pesquisas e o forte conceito do surdo bilíngue, buscou-se uma maneira de registrar a Língua de sinais, liberando o surdo da discriminação de ser considerado deficiente, como a sociedade ouvinte o considerou durante cem anos na educação. Stumpf (2005) afirma que pesquisas das neurociências e as observações das ciências cognitivas contribuíram para uma nova visão sobre a educação e a comunicação das pessoas surdas.

Essas pesquisas, que reabilitaram as línguas de sinais atribuindo-lhes o papel legítimo e insubstituível de instrumento capaz de dar conta das necessidades comunicativas dos surdos, provocaram nas comunidades surdas movimentos de luta pelo reconhecimento de suas línguas, que haviam sido preservadas em associações de surdos, num clima de clandestinidade, desde seu banimento das escolas em 1880 (STUMPF, 2005, p. 26).

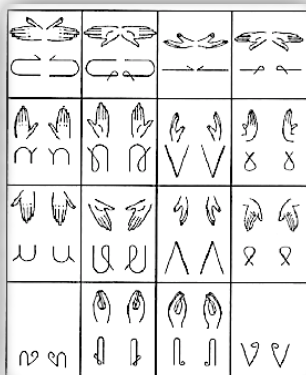
Da mesma maneira que o ouvinte relaciona-se com a língua materna é a relação dos surdos com a língua de sinais. Mesmo sem ter conhecimento formal das estruturas gramaticais de sua língua, usa-as corretamente e adquire fluência sem esforço. Quando o ouvinte vai aprender uma língua estrangeira só alcança o resultado positivo depois de um estudo árduo e demorado. No caso do surdo é natural que ele tenha mais dificuldade ao aprender uma segunda língua, nesta situação o português.

Durante mais de cem anos as comunidades surdas tiveram o processo de busca e criação de uma escrita interrompida pela exclusão de suas línguas, as quais foram tão desvalorizadas ao ponto de não serem cogitadas para objeto de pesquisas formais.

Quanto à escrita de sinais, em 1825, Roch Ambroise Auguste Bébien publicou o *Mimographie* ou *Essai d'écriture mimique*, um ensaio sobre métodos de escrita de sinais. Na introdução ele afirma que descrever gestos em palavras não é mais fácil que descrever palavras com gestos e ele precisava de meios extraordinários de representação escrita para este fim. Sua solução foi traduzir em imagens cada movimento ou posição de mãos, demais partes do corpo e o que ele chamou de “*physionomiques*” ou pontos faciais.

O sistema *Mimographie* registrava os sinais conforme cinco elementos básicos: a forma da mão, sua posição no espaço, o lugar onde se posicionava o sinal, o movimento feito e a expressão facial utilizada. No entanto, o sistema não se tornou popular na França. Na verdade, ainda no século XX, existiam esforços para que um sistema gráfico de representação das línguas de sinais fosse criado.

Figura 10 – Alguns símbolos utilizados na *Mimographie*



Fonte: <<http://www.usm67.fr/images/roch-ambroise-auguste-bebian02.png>>

Cento e cinquenta anos mais tarde o linguista americano William Stokoe, ao estudar a Língua de Sinais Americana – ASL como língua natural, retoma as pesquisas sobre esta questão. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 30) seus estudos comprovaram, “inicialmente, que cada sinal apresentava pelo menos três partes independentes (em analogia com os fonemas da fala): a localização, a configuração de mãos e o movimento, e que cada um possuía um número limitado de combinações”.

Ele, juntamente com sua equipe de linguistas da Universidade Gallaudet¹³, criaram uma notação que contém doze símbolos de posições – lugar onde se encontram dez símbolos que representam as configurações de mãos, vinte e dois símbolos de movimentos indicando ação e quatro símbolos para orientação – indicações e sinais diacríticos com duas possibilidades.

O sistema criado por Stokoe tinha o objetivo de atender a uma necessidade particular dele, que era estudar as línguas de sinais. Nesse aspecto seus estudos são referências para alguns pesquisadores das línguas de sinais.

¹³ A Universidade Gallaudet é a única instituição de ensino superior do mundo onde todos os programas e serviços são especialmente elaborados para alunos surdos ou com baixa audição. Está localizada em Washington, D. C., Estados Unidos. Disponível em: <<http://www.gallaudet.edu>>.

As notações de Stokoe foram a base dos estudos de outros pesquisadores da língua de sinais como a de François Xavier Neve, Paris, chamada notação Hamnosys de Prillwitz, Vollhaber, Alemanha, o sistema D’Sign de Paul Jouison, Paris e o sistema *SignWriting* de Valerie Sutton, dentre outras.

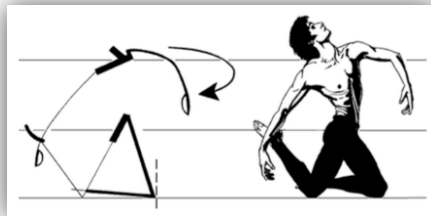
É importante destacar que as pesquisas na área dos estudos linguísticos da língua de sinais, por serem recentes, necessitam de mais investigações em comparação com outras línguas orais, cujos estudos são realizados há mais tempo. Existem pesquisas realizadas em diversos países buscando descrever, analisar e demonstrar o *status* linguístico das línguas de sinais, desmistificando concepções inadequadas em relação a esta modalidade de língua.

2.8 O SISTEMA DE ESCRITA UTILIZADO NESTA PESQUISA – *SIGNWRITING*

Dentre os sistemas vistos, o mais usado no Brasil e no mundo é o *SignWriting*. De acordo com Barreto e Barreto (2012, p. 39), “este sistema é empregado por usuários e pesquisadores espalhados em mais de quarenta países, sendo que em muitos lugares é usado também em escolas”.

O sistema de escrita para línguas de sinais denominado *SignWriting* foi criado por Valerie Sutton em 1974. Valerie era dançarina e coreógrafa quando desenvolveu um sistema chamado *DanceWriting*, para registrar suas coreografias de balé clássico e jazz. A *DanceWriting* é uma linguagem visual que representa os movimentos tanto de dançarinos individuais como em grupos. Nesta linguagem, ela usou símbolos para representar partes do corpo bem como suas diversas posições, como pode ser observado na figura abaixo.

Figura 11 – *DanceWriting*



O desenvolvimento deste sistema e seu sucesso na aplicação no balé e nas danças contemporâneas fez com que Sutton estendesse seu sistema para a escrita de outros tipos de movimento como esportes, mímica e fisioterapia. Esta abordagem foi chamada de *MovementWriting*, na qual o movimento observado era transcrito em sinais.

Este sistema se encaixou perfeitamente na língua de sinais. *SignWriting* foi o nome dado por Sutton quando foi lhe solicitado que adaptasse seu sistema *DanceWriting* para a escrita da língua de sinais. Desde então, o sistema *SignWriting* tem sido refinado e adaptado de modo que possa ser aplicado a qualquer língua de sinais do mundo todo.

Como visto anteriormente, o *SignWriting* não foi o único sistema capaz de grafar visemas de uma língua visual-espacial. E conforme Stumpf (2005, p. 58) nos aponta:

A estrutura é composta de informações referentes às mãos, movimento, expressão facial e corpo. O *SignWriting* abrange parâmetros que o sistema de Stokoe e a maioria dos sistemas não incluem. A expressão facial e os movimentos do corpo são muito importantes para as línguas de sinais.

Seguindo o mesmo pensamento, Dallan e Mascia (2012, p. 26) destacam que o sistema *SignWriting* agrega outras informações:

Além da configuração das mãos, do ponto de articulação e dos movimentos existentes, existe ainda a possibilidade de demarcação de velocidade e tensão na hora da realização do sinal; expressões faciais e corporais (indicando inclusive marcações para os olhos, as sobrancelhas, a língua, etc., que são expressões não manuais).













Como destacado pelas autoras, o *SignWriting* é uma forma mais completa de registro escrito da língua de sinais. Assim sendo, neste trabalho, ele é utilizado tanto na etapa da transcrição do vídeo quanto no final, para a leitura do texto, o que justifica a necessidade de os participantes desta pesquisa terem maior experiência com o sistema *SignWriting* especificamente.

Stumpf (2005) acrescenta também que a adaptação do *SignWriting* à Libras é o primeiro passo da caminhada da Comunidade

Surda Brasileira juntamente com pesquisadores em busca de uma escrita que abranja todas as necessidades desta língua.





O sistema *SignWriting* facilita a lembrança e a recuperação da informação guardada na memória e, assim como outras escritas, constitui-se como estratégia de construção de significados e método de estudo. Ao ler e escrever os sinais é como se o usuário estivesse vendo suas próprias mãos. Em seguida apresentam-se figuras ilustrativas com algumas configurações básicas de mão e dedos em *SignWriting*, alguns símbolos para movimentos e orientação do plano, conforme as regras estabelecidas pelo sistema em *SignWriting*.

Figura 12 – Configurações básicas de mão e dedos

		Punho Fechado			Mão Indicadora
		Punho Aberto			Mão - D
		Mão Plana			Mão Aberta

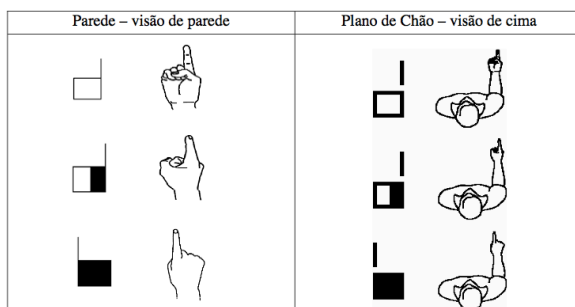
Fonte: Stumpf (2005, p. 61)

Figura 13 – Tipos de símbolos de movimentos

	Mão direita para cima
	Mão esquerda para cima
	Mão direita para frente
	Mão esquerda para frente

Fonte: Stumpf (2005, p. 77)

Figura 14 – Orientação do plano



Fonte: Stumpf (2005, p. 65)

Como ainda não há uma ampla divulgação sobre o *SignWriting*, atualmente muitos surdos têm acesso aos conteúdos escolares através da tradução por um intérprete de Libras e os conteúdos são escritos em Língua Portuguesa, o que dificulta a memorização, lembrança e associação com outros conhecimentos.

Hulst (2010) destaca que, de acordo com relatos da *listserv*¹⁴ sobre *SignWriting*, aparentemente existiam por volta de quatorze escolas no mundo todo que utilizavam o sistema *SignWriting* para escrita das línguas de sinais na época de sua pesquisa. Não existe um sistema de escrita padrão para as línguas de sinais.

Stumpf (2005, p. 44) destaca que quando as crianças aprendem os símbolos da escrita da língua de sinais, sua escrita é mais criativa e variada, “pois cada um está à vontade para expressar seu pensamento, sem a insegurança de tentar encontrar a palavra da língua oral, que procura e não encontra, quando encontra não sabe bem se era aquela a palavra certa”.

¹⁴ **LISTSERV®** é um programa de *software*, criado por Eric Thomas, em 1986, que ajuda as organizações e indivíduos a criar, gerenciar e distribuir mensagens para uma lista de correio eletrônico. Os membros enviam *e-mail* para o endereço principal e o programa encaminha automaticamente as mensagens para todos os que pertencem ao grupo destinado. Fonte: <<http://www.ezkorzo.com/o-que-e-listserv.html>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

A autora acrescenta que:

Para a imensa maioria dos surdos, quando escrevem em uma língua oral, acontece o mesmo que acontece com um ouvinte que não sabe o suficiente de uma língua estrangeira na qual precisa se expressar; ele vai simplificando o máximo possível para conseguir passar a mensagem e muitas vezes usa palavras que não significam aquilo que pensa (STUMPF, 2005, p. 44).

Fernandes, E. (2003, p. 32) afirma que, no caso das crianças surdas, aceitar a língua de sinais como primeira língua e a oral-auditiva como segunda assegura uma aquisição natural que respeite o desenvolvimento linguístico e cognitivo normal “permitindo a aquisição, subsequente, da segunda língua, com maior facilidade, uma vez que este indivíduo já domina um instrumento de comunicação eficaz para si mesmo e para comunicar-se com o meio que o cerca, mesmo que haja poucos interlocutores da língua que domina”.

Capovilla e Raphael (2001) defendem que o *SignWriting* garante a fixação de forma relativamente simples e direta do gesto, e pode ser perceptível por uma grande parte da comunidade surda, representando uma língua visual.

2.8.1 *SignPuddle*

O *SignPuddle* é uma plataforma *on-line*¹⁵ desenvolvida por Steve Slevinski, em torno do ano de 2003, através da qual é possível escrever sinais, criar e adicionar sinais aos dicionários e documentos em *SignWriting*, realizar buscas por palavras, pesquisar por sinais e símbolos, tradução baseada em glosas, literatura e textos de língua de sinais por uma variedade de formatos de pesquisa e ainda enviar *e-mails* em *SignWriting* em diversas línguas de sinais.

Além disso, este *software* também conta com uma lista de discussão na qual usuários e pesquisadores de todo mundo podem expor suas dúvidas ou contribuições para o aprimoramento do sistema. Hoje existem quase 30 dicionários sendo feitos no *SignPuddle*.

¹⁵ Disponível em <<http://www.SignPuddle.org>>.

Em 2003, Steve tomou conhecimento do *SignWriting* na internet e tentou iniciar uma organização sem fins lucrativos chamada Pittsburgh United for Deaf Literacy (PUDL). Consciente que a alfabetização é importante para todos, Steve desenvolveu o seu próprio sistema PUDL para o *SignWriting* pois esta língua é a chave para a alfabetização dos usuários deste *software*.

Em 2004, Valerie Sutton soube do sistema PUDL de Slevinski para o *SignWriting*, o qual ficou conhecido como *SignPuddle*, e o convidou para trabalhar como consultor para o Center for Sutton Movement Writing. Isto marcou o início dos trabalhos de Sutton-Slevinski. Steve Slevinski e Valerie Sutton trabalham diariamente tanto dando suporte técnico aos usuários quanto expandindo o *software* para *SignWriting*. Estas atualizações e melhorias continuam até os dias atuais.

O dicionário do Brasil, por exemplo, conta com aproximadamente entrada de 6.000 escrita em sinais, cujo usuário ao acessar pode pesquisar palavras ou sinais para ver um determinado sinal. O *SignPuddle* também é um sistema livre que permite aos usuários criar dicionários *on-line*, Literatura, Enciclopédia entre outros, a fim de registrar os sinais em *SignWriting*.

Figura 15 – Telas de visualização do *software SignPuddle*



Fonte: <<http://www.signbank.org/signpuddle/>>

2.9 ESCRITA E TRANSCRIÇÃO EM SIGNWRITING

A questão da transcrição de dados linguísticos vem sendo discutida desde que os pesquisadores conseguiram utilizar formas de registrar sons para suas pesquisas. Todavia, as diferenças entre a escrita e a transcrição na língua de sinais é um assunto que ainda está sendo amplamente estudado e definido.

Segundo o dicionário *on-line* de língua portuguesa Aurélio¹⁶, define-se escrita como a “ação de apresentar grafia em papel ou em qualquer outro local que dê para executar a ação”. Já a palavra transcrição “faz menção a algo que é retirado de um lugar e escrito em outro” também definida como cópia, duplicata, reprodução. Sendo assim, para que seja possível escrever ou transcrever algo faz-se necessário um sistema de escrita e um sistema de transcrição.

Para Pizzuto, Rossini e Russo (2006), as estruturas linguísticas codificadas dentro de um sistema de escrita são necessárias para veicularem os significados que são comunicados em situações específicas e para fins de uso ou particulares. Desta forma, diferentes sociedades e culturas escolhem aspectos diferentes de uma língua a fim de melhor atingir estes fins, o que ocorre por meio de um processo social de elaboração, difusão e institucionalização do sistema de escrita. Um exemplo clássico são os chineses e sua cultura escrita em contraste com a tradicional escrita ocidental.

Hulst (2010) afirma que se pode definir os sistemas escritos, seja em Inglês ou em *SignWriting*, como um sistema usado pela população em geral de falantes letrados ou sinalizadores de uma língua para o propósito da comunicação e/ou para lembrar o significado de alguns eventos linguísticos – uma conversa, um contrato, uma ordem, lista de compras, poema etc.

Em contrapartida, o mesmo autor sustenta que, por outro lado, a transcrição e os sistemas de codificação são ferramentas para uma parcela menor da população se comunicar, lembrar e analisar mais detalhadamente algum assunto específico. A transcrição é mais voltada às pesquisas acadêmicas. Um sistema de transcrição e de codificação pode ser distinguido, também, com base em seus objetivos.

Para Hulst (2010), um sistema de transcrição visa anotar amostras de idioma em uma variedade de meios, de forma precisa, inequívoca e rápida, de modo que elas possam ser usadas como base para uma análise mais detalhada da língua e/ou como exemplos ilustrativos. O autor define um sistema de codificação como algo especificamente destinado à análise computadorizada de amostras de linguagem. Por exemplo, um sistema de codificação pode ser utilizado para determinar a frequência de paradas ou configurações de mãos com dedos dobrados no léxico de uma língua.

Da mesma forma, Pizzuto, Rossini e Russo (2006) explicam que os sistemas de transcrição são ferramentas úteis para os investigadores, a

¹⁶ <<http://www.dicionarioinformal.com.br/dicionario-aurelio-on-line/>>.

fim de analisar as estruturas linguísticas, e são desenvolvidos a fim de representar as características linguísticas estudadas pelo pesquisador.

Todavia, ao analisar as definições de escrita e transcrição quanto a Libras, nota-se diferença da transcrição das línguas de sinais em relação às línguas orais. Nas línguas orais, como o português, por exemplo, a transcrição de dados é facilitada pela “disponibilidade do sistema alfabético. Há milhares de anos, esse sistema quase fonológico vem sendo adaptado para a representação da fala em diversas línguas” (McCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010).

Por outro lado, no caso das línguas de sinais a questão é mais complexa. Pizzuto, Rossini e Russo (2006) defendem que devido à falta de uma língua escrita padrão, fica difícil para os pesquisadores surdos avaliarem a adequação das várias ferramentas de "notação" e "transcrição", que têm sido propostas para a sua língua de sinais. De acordo com McCleary, Viotti, Leite (2010, p. 266), não há um sistema de escrita de línguas de sinais amplamente aceito que venha a servir de base para o desenvolvimento de um sistema de transcrição apropriado para essa modalidade de língua.

Nesta pesquisa, no entanto, foi adotado o sistema *SignWriting*, por ser o mais apropriado para este tipo de trabalho, em que foi feita não apenas transcrição do vídeo, mas a escrita de um texto para ser lido e sinalizado. O sistema *SignWriting* permite a transcrição das unidades mínimas que compõem as línguas de sinais, possibilitando uma descrição detalhada destes e o registro das diferentes combinações que resultam em significados distintos. Dessa forma, “este sistema pretende ser uma forma prática para a escrita dos gestos que torna possível a comunicação escrita rápida e inequívoca entre os falantes de língua gestual” (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001).

Em sua dissertação de mestrado, Costa, R. (2012, p. 123) afirma que os pesquisadores no campo da língua de sinais têm cada vez mais adotado o sistema *SignWriting* para transcrição de dados em seus estudos, assim como na escrita “o campo da Literatura Surda também tem adotado esse sistema como forma de registro das línguas de sinais, além dos registros clássicos por meio de vídeos”.

Dentre os autores pesquisados, a principal diferença relatada, quanto à escrita e transcrição no caso da Libras se dá em relação ao objetivo, seja ele científico ou comunicacional. Ao escrever, o sinalizador é responsável pela escolha dos sinais a serem usados com base na principal informação que ele quer transmitir, com foco em vocabulário, categorizado e a fonologia dos sinais. O sinalizador pode não escrever todos os sinais detalhadamente, mas o essencial que

pretende expressar. Seu objetivo é a comunicação. Ao passo que na transcrição o sinalizador observa o objeto estudado ou analisado e procura transcrever o máximo de informações observadas a fim de ser o mais fiel possível ao material original, pois seu objetivo é científico e busca registrar mais os elementos fonéticos e analógicos da língua.

3 METODOLOGIA

A fase inicial da pesquisa nos fornece um norte teórico. Primeiramente foi realizada uma sucinta pesquisa bibliográfica a partir de livros, artigos científicos, dissertações, teses, dicionários impressos e também disponíveis na internet, para uma conceituação e formulação dos aspectos necessários ao referencial teórico desta dissertação. Gil (2008, p. 50) afirma que “em quase todos os estudos [é] exigido algum tipo de trabalho desta natureza” para dar embasamento às teorias utilizadas nestes estudos.

A próxima fase demonstra o planejamento da pesquisa, como a pesquisa está se desenvolvendo. Em essência, esta é uma pesquisa experimental. De acordo com Gil (2008, p. 51), “o delineamento experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto”. Neste tipo de estudo, o pesquisador tem como finalidade testar as hipóteses que serão confirmadas por dados e informações resultantes da experiência.

A presente pesquisa está pautada pelo princípio da abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa possibilita que informações sobre experiências individuais e pessoais dos pesquisados sejam obtidas. Com ela é possível fazer um estudo mais profundo e com mais alto grau de detalhamento, aumentando a compreensão dos casos e situações estudadas, entretanto diminuindo a possibilidade de generalização, por abranger, geralmente, uma amostra do universo possível.

Flick (2004) afirma que a pesquisa qualitativa não é baseada em um conceito teórico e metodológico unificado, mas utiliza-se de abordagens teóricas e métodos que caracterizam as discussões e a prática da pesquisa. O marco inicial é o ponto de vista subjetivo. Diferentemente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo de seus membros com parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermediária. Ao invés de utilizar instrumentos e procedimentos padronizados, a pesquisa qualitativa considera cada problema objeto de uma pesquisa específica para a qual são necessários instrumentos e procedimentos específicos.

Todos os dados coletados e as imagens utilizadas nesta pesquisa foram feitos com consentimento dos participantes. O pesquisador explicou do que se tratava, tirando as dúvidas e dando aos participantes a liberdade de desistir se assim o quisessem. Finalizados todos os

esclarecimentos, foi assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual garante que os direitos dos participantes sejam respeitados e mantidos em sigilo, para evitar possíveis constrangimentos. O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC). O parecer consubstanciado do CEPSH se encontra no Anexo A.

A metodologia utilizada para esta pesquisa consistiu em duas etapas divididas em produção do material e sua aplicação. A primeira etapa consistiu em: gravação do vídeo (material) para ser transcrito, escolha dos participantes para transcrição do vídeo, transcrição dos participantes e elaboração do texto “padrão”. Na segunda etapa, foi feita a aplicação do material que consistiu em: leitura, interpretação e sinalização do texto “padrão”, etapa que foi gravada para a análise dos dados obtidos.

A metodologia deste trabalho foi dividida em duas etapas:

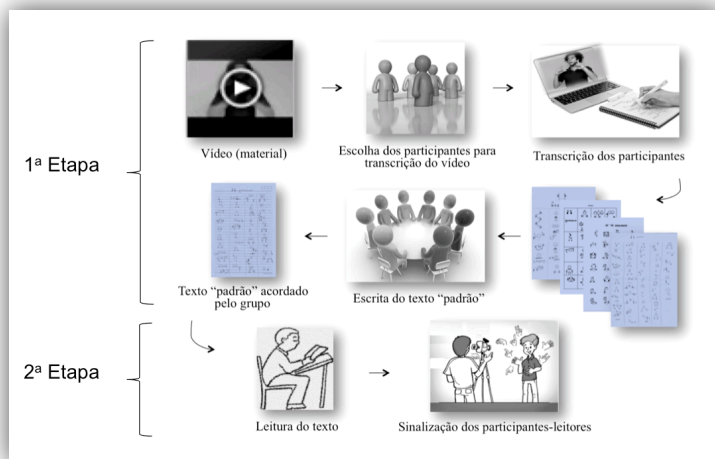
- processo de produção do material escrito;
- coleta dos dados, aplicação do material: leitura, interpretação e sinalização do texto “padrão”.

3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Na primeira etapa, foi criado um vídeo original em língua de sinais de um conto inventado pelo pesquisador. Foram escolhidos quatro surdos conhecedores do sistema *SignWriting*, para que fizessem a transcrição deste vídeo utilizando o sistema *SignWriting*. A partir das transcrições dos participantes, foi elaborado um texto chamado de “padrão” para ser utilizado na segunda etapa da presente pesquisa.

Na segunda etapa (ver seção 3.2), foi feita a análise da sinalização da leitura de um texto utilizando o sistema de escrita para línguas de sinais, o *SignWriting*. O foco principal desta pesquisa deu-se nas produções das DIs realizadas na sinalização da leitura feita por alunos surdos de uma escola bilíngue e professores universitários surdos conhecedores do sistema *SignWriting*. Abaixo, ilustra-se o desenvolvimento do trabalho:

Figura 16 – Esboço dos procedimentos metodológicos



Fonte: desenvolvido pelo autor

3.1.1 Vídeo

Antes de apresentar a escolha dos participantes da pesquisa foi necessário pensar no material, um vídeo, que eles deveriam transcrever e que, posteriormente, seria utilizado para a leitura dos participantes-leitores. Devido ao tema do presente trabalho, não foi possível encontrar um vídeo na internet contendo sinais demonstrativos e descritivos dentro do tempo de duração necessário para a pesquisa. Os vídeos encontrados continham vocabulário irrelevante à pesquisa e eram muito extensos, o que poderia dificultar a aceitação dos participantes da pesquisa. Dessa forma, optou-se por um vídeo inédito e que atendesse especificamente às exigências do trabalho. É importante ressaltar que os participantes-leitores não tiveram contato prévio com o material, não havendo essa variável de possível interferência na leitura.

Portanto, o pesquisador elaborou um conto em Libras que foi sinalizado e gravado pelo ator surdo Bruno Ramos e que, em um segundo momento, foi transcrito pelos quatro surdos conhecedores do sistema *SignWriting*. Na criação do conto, tinha-se em mente que ele precisava conter elementos pouco convencionais com função de demonstrar a iconicidade. O ator assinou um termo de consentimento para uso da imagem. Ele é reconhecido pela comunidade surda por sua

vasta experiência em interpretação de narrativas, poemas e histórias e tem muitos vídeos bastante conhecidos publicados na internet, além de ter uma excelente atuação em Libras. Bruno estudou no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, no Rio de Janeiro e é mestrando na área de tradução na UFSC.

Abaixo mostra-se imagens do Bruno que foram convertidas do próprio vídeo pelo *software Adapter* e salvas como imagem em JPEG. O programa *Adapter* capta várias imagens de forma simultânea e as converte em formato JPG, PNG, TIF, entre outros.

Todas as imagens do vídeo se encontram no Apêndice A e o vídeo pode ser encontrado na internet pelo *link* de acesso no *site YouTube*: <<https://www.youtube.com/watch?v=WY1gmyTgc98>>.

Figura 17 – Fotos do vídeo



Fonte: desenvolvido pelo autor

Abaixo, segue a tradução¹⁷ do vídeo em português de cinquenta e sete segundos (00:57) de duração, gravado pelo ator Bruno, para a transcrição dos quatro surdos em *SignWriting*.

Tema: Zoológico

*Um turista barbudo com seu chapéu e sua
máquina fotográfica estava caminhando pelo
zoológico tirando algumas fotos.
Quando virou e viu o leão, tirou algumas fotos e
ele com sua enorme juba rugiu, virou para o outro*

¹⁷ Essa tradução ficou a cargo da Coordenadoria de Tradutores e Intérpretes do Centro de Comunicação e Expressão – UFSC, devido ao conhecimento em tradução de Libras para o Português e foi realizada por Diego Maurício Barbosa, tradutor e intérprete da Universidade Federal de Santa Catarina.

lado e tirou algumas fotos de um elefante que bramiu.

De repente, ele sentiu alguns pingos de chuva e se viu em apuros, saiu correndo pelo zoológico buscando um lugar para se proteger e se deparou com uma árvore muito fina com uma copa pequena, ao lado, outra árvore que tinha o seu tronco mais grosso e com a sua copa maior que a primeira e a última árvore muito grande, com o seu enorme tronco e uma robusta copa.

O turista olhou bem para as três árvores e escondeu-se atrás da maior árvore, a última, sentindo-se aliviado por ter encontrado um lugar para proteger-se.

3.1.2 Escolha dos participantes da transcrição do vídeo

Minayo (2010) aponta que uma boa seleção das pessoas ou casos a serem estudados na pesquisa é aquela que permite abordar toda a situação investigada em suas diversas dimensões.

Os participantes desta parte do trabalho precisariam ser fluentes em Libras e conhecedores do sistema *SignWriting*, para que pudesse ser avaliada a transcrição do vídeo que seria posteriormente transformada em texto com versão “padrão” para ser lido por alunos surdos de uma escola bilíngue, que escrevem e leem em *SignWriting* desde os anos iniciais, e professores universitários conhecedores do sistema *SignWriting*.

Para o bom andamento desta pesquisa, alguns critérios foram bastante relevantes. Primeiramente, fazia-se necessário um amplo conhecimento do sistema *SignWriting* pelos participantes. Este foi um dos motivos para reduzir-se a quantidade de pessoas, apenas quatro surdos engajaram-se no projeto. Por outro lado, para que a iconicidade pudesse ser observada com eficiência, era necessário que mais de um participante transcrevesse o vídeo de forma a assegurar a sua representatividade. Ademais era imprescindível que fossem observadas as diferenças na forma como os sinais demonstrativos e descritivos seriam reproduzidos na escrita.

Os surdos foram selecionados para fazer a transcrição que foi analisada posteriormente e notaram-se algumas diferenças na reprodução da iconicidade (ver seção 2.5). A partir disso, todos os participantes da pesquisa tiveram um momento de análise e discussão do material produzido por eles, de forma a elaborarem um texto chamado de

“padrão” que foi apresentado aos participantes-leitores para que lessem e interpretassem em Libras. Neste momento, foi observado se houve descrições imagéticas na sinalização do texto em *SignWriting*.

Os participantes da transcrição eram três mulheres e um homem, todos acima de vinte e cinco anos de idade, sendo dois deles mestres, um doutor e outro possui o ensino superior completo. Todos os participantes são filhos de pais ouvintes e possuem irmãos ouvintes, apenas um possui um familiar surdo. Foram adotados alguns procedimentos para preservação da imagem dos participantes, como a omissão de seus nomes, sendo eles denominados T1, T2, T3 e T4.

Quanto à aprendizagem de Libras, dois deles já têm conhecimento da língua há mais de dez anos e os outros dois há mais de cinco anos. Cada um aprendeu Libras em uma instituição diferente, sendo que todos aprenderam a escrita de sinais com mais de dez anos de idade, a maioria na graduação de Letras-Libras. Todos usam o *SignWriting* como sistema de escrita de sinais; três o utilizam há mais de cinco anos e um o usa há mais de dez anos. Todos os participantes desta etapa da pesquisa já haviam transcrito algum vídeo da Libras para o sistema *SignWriting* antes, sendo que dois já transcreveram mais de dez e um mais de seis vídeos.

3.1.3 Transcrição dos participantes

Como mencionado anteriormente, quatro surdos, conhecedores do sistema *SignWriting*, foram convidados a participar voluntariamente do estudo, assistindo a um vídeo em língua de sinais e fazendo a transcrição de tudo o que observassem. Ao questionarem se seria necessário que a transcrição fosse manuscrita ou no computador, foi decidido que o fizessem conforme sua disponibilidade. Assim cada participante recebeu o vídeo por *e-mail* e o transcreveu como e quando julgassem necessário.

Dois dos participantes optaram por fazer no computador utilizando o *software SignPuddle*, apresentado na subseção 2.8.1, e os outros optaram por fazer manuscrito. Dos que fizeram manuscrito, um deles levou uma hora, dividido em dois períodos de meia hora, e o outro levou uma hora para concluir a transcrição. Já entre os participantes que optaram pelo *SignPuddle* um levou cinco horas, divididas em dois períodos de três horas e mais duas horas no dia seguinte, enquanto o outro participante levou três horas para concluir sua transcrição. Vale ressaltar que para utilizar o *software* é necessário inserir cada um dos elementos em *SignWriting* até formar um sinal completo. Este sistema

ainda é bastante recente e está em formação. Como o vídeo é inédito, cada sinal descritivo e demonstrativo da sinalização do vídeo foi escolhido na hora para os participantes fazerem sua transcrição, diferente dos léxicos, em que o sinal já é convencionalizado. Por isso, dois dos participantes tiveram um tempo maior para concluir sua transcrição, ou seja, na hora da transcrição tiveram que procurar os elementos em cada categoria diferente do *software* para achar um determinado elemento e outro, assim acrescentando-os até formar o sinal completo.

Para melhor compreender o que seria analisado nesta etapa, quanto à iconicidade, recorre-se a Nobre (2011, p. 69) que ao citar Sousa (2006), em sua dissertação de mestrado, destaca algumas características específicas, “as línguas de sinais são produzidas e percebidas na modalidade gestual-visual-espacial, por isso alguns sinais carregam uma relação icônica ou representacional de seus referentes”. Assim como na língua de sinais, no sistema *SignWriting* a convencionalidade da escrita dos sinais icônicos não é universal.

Terminadas, as transcrições foram analisadas para que os critérios usados por cada um fossem observados e para constatar quais símbolos foram utilizados para demonstrar a iconicidade presente no vídeo.

Caso houvesse alguma diferença nas produções de cada participante como os símbolos, CMs, expressão facial, movimentos, seria necessária a discussão e interação para cada um expor seu ponto de vista e entrarem em consenso para a elaboração de um texto “padrão”, de acordo com o vídeo, que demonstrasse ao leitor, da forma mais clara possível, a iconicidade presente nele. As imagens dos textos originais transcritos encontram-se nos Anexos B, C, D e E.

3.1.4 Texto padrão

Com o intuito de elaborar um texto “padrão” foi necessário transcrever o conto registrando todos os detalhes relevantes presentes no vídeo. Como observado na seção 4.1, ao transcrever o vídeo, cada participante utilizou símbolos diferentes, por isso foi agendada uma data para que o grupo pudesse se reunir para discutir sobre os textos transcritos por cada um e tentar identificar quais símbolos ficariam mais claros para a leitura e a sinalização.

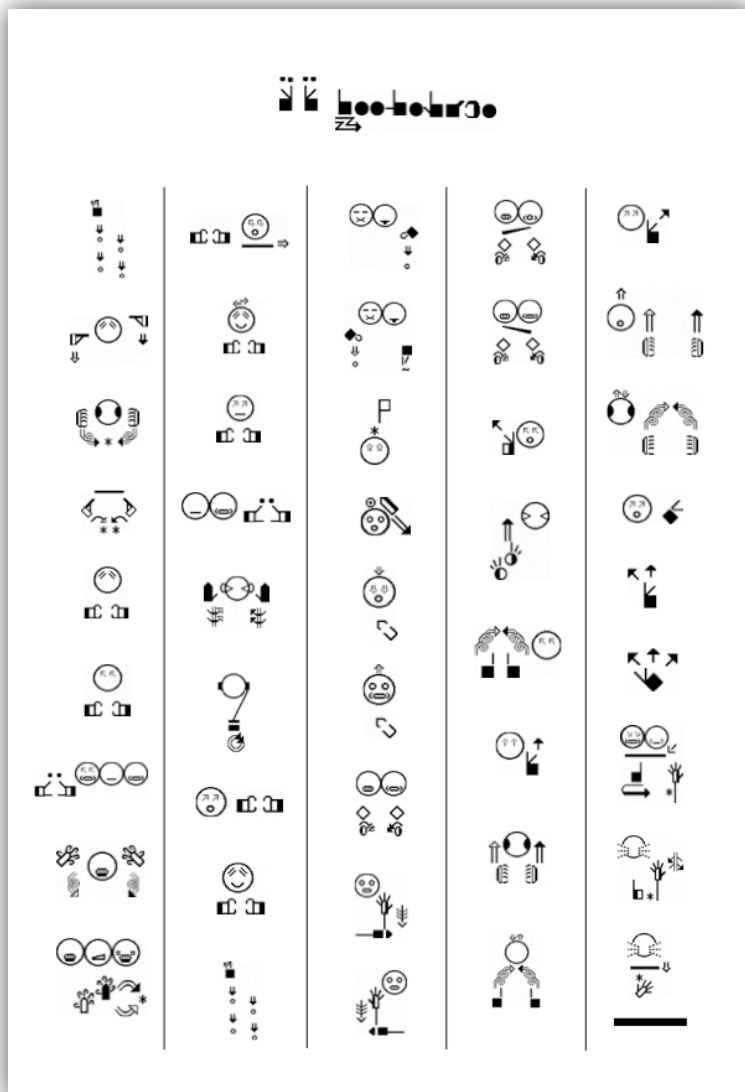
Quanto às diferenças nas transcrições, cada participante transcreveu os referentes de maneira particular, ainda que de forma icônica. Assim como cada comunidade percebe e representa o mundo de

um modo diferente, os sinais que são mais demonstrativos e descritivos também serão representados de forma individual.

Apresentam-se alguns exemplos destas diferenças nas quatro transcrições (ver seção 4.1). O grupo de estudo analisou cada um dos sinais transcritos, discutindo sobre quais símbolos seriam mais claros para a leitura, quais seriam os possíveis equívocos ou confusões na transcrição, então, o vídeo foi assistido novamente para esclarecer as dúvidas.

Este encontro para discussão dos dados obtidos durou aproximadamente três horas e, vale a pena ressaltar, todos os participantes desta etapa da pesquisa estavam presentes. Todo procedimento foi gravado em vídeo para aprimorar a coleta de dados.

As transcrições foram analisadas e cada surdo justificou sua forma de transcrição; houve discussões acerca do assunto e todos entraram em acordo de modo que fosse elaborado um texto “padrão”, como pode ser verificado abaixo – para visualização da versão original ver Anexo F.



O texto “padrão” escrito foi digitado utilizando o *software SignPuddle* (ver subsecção 2.8.1), ficando assim melhor estruturado para leitura. A imagem ampliada do texto digitado utilizando o *software* encontra-se no Apêndice B.

Além disso, foi aplicado um questionário para registrar o nível de escrita e o tempo de conhecimento dos participantes bem como faixa etária, existência de pais surdos, idade em que aprendeu Libras e a escrita de sinais, onde aprendeu e há quanto tempo utiliza o sistema *SignWriting*, dentre outras.

O texto “padrão” elaborado pelo grupo foi utilizado tanto na escola bilíngue com seus alunos surdos, quanto com os professores universitários surdos conhecedores do sistema *SignWriting*, os quais fizeram a leitura e sinalização, que foram gravadas em vídeo, para que pudessem ser coletadas as informações finais para análise.

3.2 ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDOS PARA ANÁLISE

A segunda etapa deste trabalho consistiu na coleta de dados, feita com diferentes participantes que forneceram informações relevantes para a análise da sinalização da leitura de um texto em *SignWriting*. Por este motivo, a análise, que se encontra na sequência, foi organizada em dois estudos:

1) Leitura e sinalização de alunos surdos da escola bilíngue Dr. Reinaldo Fernando Cóser, em Santa Maria – RS, com experiência na modalidade escrita de língua de sinais como sua primeira língua;

2) Leitura e sinalização de professores universitários surdos com experiência em pesquisas acadêmicas com foco em escrita de sinais e ensino de Libras, introduzindo o *SignWriting*.

3.2.1 Contexto e participantes da leitura do texto em *SignWriting*

Para fins de análise da sinalização da leitura foram organizados dois estudos, com dois tipos de participantes-leitores. O primeiro estudo lida com alunos de uma escola bilíngue e o segundo estudo, com professores universitários surdos com experiência em pesquisa e ensino de escrita de sinais, sistema *SignWriting*.

3.2.2 Primeiro Estudo

A Escola Estadual Dr. Reinaldo Fernando Cóser foi o local escolhido para esta pesquisa, por se tratar de uma das poucas no país que defende uma proposta de educação bilíngue para surdos, além de ser a mais próxima de Santa Catarina. Na escola, os alunos aprendem a língua

de sinais como primeira língua e o português, na modalidade escrita, como segunda. Inaugurada em 07 de março de 2001, a escola atua na educação de alunos surdos, desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental, EJA (Anos iniciais e finais), Ensino Médio e Curso Normal na Formação de Professores Surdos. Essa escola está localizada na cidade de Santa Maria/RS.

O diretor e dois professores da escola estiveram em um minicurso na UFSC e nessa oportunidade conheceram o presente trabalho, receberam a proposta de pesquisa com muito apreço e autorizaram o desenvolvimento das atividades de pesquisa. Posteriormente, foi enviado *e-mail* com termo de autorização, o qual foi recebido pelo diretor que, ciente do trabalho a ser desenvolvido em sua escola, assinou-o e devolveu-o, conforme pode ser conferido no Anexo H.

A seleção dos quatro alunos foi feita pelo diretor surdo Jeferson Miranda e demais professores da instituição, de acordo com sua experiência de uso do *SignWriting*. Estes precisariam ser fluentes em Libras e conhecedores do sistema de *SignWriting* em escrita e leitura desde os anos iniciais, a fim de fazer a leitura e sinalizar um texto em *SignWriting* para a coleta dos dados que foi analisada.

Esses quatro alunos selecionados são adolescentes do sexo masculino, com idade entre quinze a dezoito anos, todos cursando o ensino médio. Eles são os únicos surdos da família, ou seja, seus familiares são todos ouvintes. Quanto à idade em que aprenderam a Libras, três deles já têm conhecimento da língua há mais de sete anos, porém um aprendeu com quatro anos de idade na pré-escola. Todos aprenderam Libras na mesma escola e a escrita de sinais com mais de oito anos de idade, também na mesma instituição. Todos utilizam o *SignWriting* como sistema de escrita de sinais há mais de três anos.

A entrevista foi feita individualmente para que nenhum aluno pudesse “copiar” o sinal do outro. Antes da leitura, conversou-se rapidamente com cada um sobre sua idade, local de nascimento e família, dentre outros, numa tentativa de fazer com que se sentisse mais à vontade, tornando o ambiente mais amistoso.

3.2.3 Segundo Estudo

A princípio, a ideia era realizar a pesquisa apenas com os alunos surdos de uma escola bilíngue. No entanto, durante a leitura e sinalização do texto “padrão”, estes alunos demonstraram bastante dificuldade em compreender o que estava escrito. Foi observado que as dificuldades na

leitura em *SignWriting* se davam pelo fato de o texto ser muito complexo, com poucos sinais convencionais, o que se tornou um grande desafio para os alunos. Percebeu-se a necessidade de participantes mais maduros e com conhecimento mais avançado e acadêmico do sistema. Dessa forma, a opção foi encontrar professores universitários e/ou pesquisadores com experiência em *SignWriting*.

Os professores universitários selecionados são dois do sexo masculino e uma do sexo feminino, todos já concluíram mestrado e têm idade acima de vinte anos. Todos são filhos de pai e mãe ouvintes e apenas um deles possui um familiar surdo, sua irmã. Cada um aprendeu Libras em idades diferentes, sendo que dois aprenderam em escola especializada e um aprendeu com a irmã, mas quanto à escrita da língua de sinais todos aprenderam na fase adulta por volta dos vinte anos ou mais, na universidade no curso de Letras-Libras. O sistema de escrita da língua de sinais utilizado pelos participantes é o *SignWriting*, o qual conhecem e usam há mais de 5 anos.

Os participantes-leitores desta etapa da pesquisa moram em estados diferentes: um no Paraná, um em Santa Catarina e outro no Ceará, dessa forma, com os dois primeiros foi possível fazer o contato pessoalmente, no entanto, devido à distância do terceiro, foi utilizado um programa que permite comunicação pela internet através de conexões de voz e vídeo, de videoconferência (Skype). O texto foi enviado por *e-mail* no momento da conversa, para que o participante fizesse a leitura e a sinalização naquele momento, o qual estava sendo gravado.

Antes das leituras o pesquisador conversou rapidamente com cada participante-leitor, seguindo o questionário que solicita algumas informações como: idade, local de nascimento e informações da família, dentre outras perguntas relevantes ao contexto pesquisado.

3.2.4 Preservação da identidade dos participantes-leitores

Todo processo foi gravado para melhor controlar a produção e observar outros aspectos dos participantes-leitores, porém, a fim de preservar os participantes, essas imagens não serão utilizadas em momento algum. Na análise, os sinais utilizados pelos participantes-leitores foram reproduzidos pelo pesquisador em forma de imagens que serviram de ilustração para o objeto de estudo, contribuindo, assim, para a preservação da identidade dos participantes.

Outros procedimentos que foram adotados para preservação da imagem dos participantes-leitores foi quanto aos nomes. Cada um

escolheu um nome fictício, para que pudessem ser diferenciados na análise, conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Nome fictício dos participantes-leitores

Alunos	Professores
Igor	Alice
Lucas	Arrow
Marcelo	Caio
Matheus	

Fonte: desenvolvido pelo autor













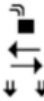

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS













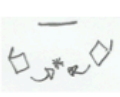
























Este capítulo trata da análise e discussão dos dados em duas etapas. A primeira apresenta a análise das transcrições feitas por quatro participantes (ver seção 3.1.2) e alguns exemplos das diferenças nas quatro transcrições, já que o grupo de estudos analisou minuciosamente cada um dos sinais transcritos, com a finalidade de torná-los mais claros para a leitura. Na segunda etapa, o primeiro estudo apresenta a análise dos dados obtidos por meio da sinalização da leitura do texto em *SignWriting* por alunos surdos de uma escola bilíngue, enquanto o segundo estudo foi feito com professores universitários que atuam na área de Libras, surdos, que têm conhecimento de *SignWriting*. O objetivo deste estudo é analisar as descrições imagéticas produzidas na sinalização no momento da leitura do texto em *SignWriting*.







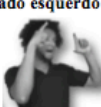


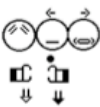






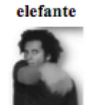








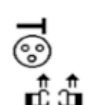









4.1 TRANSCRIÇÕES









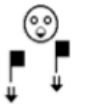

















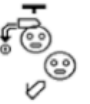










Abaixo são apresentadas as transcrições dos participantes. Os sinais verificados estão enumerados de 1 a 42 seguindo a ordem que aparecem na história; na primeira coluna e na sequência observa-se a produção de cada participante, relacionando-se à T1, T2, T3 e T4.










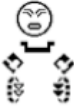






























Tabela 1 – Transcrições dos participantes









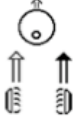
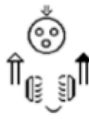





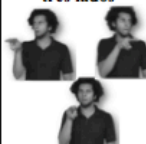



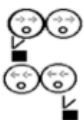














VÍDEO	T1	T2	T3	T4
1. Tema 				
2. Zoológico 				ZOOLOGICO
3. Caminhar 				

<p>4. Colocar chapéu</p> 				
<p>5. Barba</p> 				
<p>6. Vestir casaco</p> 				
<p>7. Procurar para fotografar</p> 	<p>Sinais 7 e 8 transcritos juntos.</p>		<p>Sinais 7 e 8 transcritos juntos.</p>	
<p>8. Fotografar lado direito</p> 				
<p>9. Juba do leão</p> 	<p>Sinal não transcrito.</p>			
<p>10. Rugir</p> 				
<p>11. Assustar-se</p> 				

<p>12. Distrair-se</p> 				<p>Sinal não transcrito.</p>
<p>13. Procurar para fotografar</p> 	<p>Sinais 13 e 14 transcritos juntos.</p>		<p>Sinal não transcrito.</p>	<p>Sinal não transcrito.</p>
<p>14. Fotografar lado esquerdo</p> 				
<p>15. Orelhas de elefante</p> 				
<p>16. Tromba de elefante</p> 				
<p>17. Assustar-se</p> 				
<p>18. Distrair-se</p> 			<p>Sinal não transcrito.</p>	
<p>19. Caminhar</p> 				

<p>20. Cair uma gota de chuva</p> 				<p>Sinais 20 e 21 transcritos juntos.</p>
<p>21. Cair outra gota de chuva</p> 				
<p>22. Cair gota de chuva na cabeça</p> 				
<p>23. Passar a mão na cabeça</p> 				
<p>24. Olhar para a mão</p> 				<p>Sinal não transcrito.</p>
<p>25. Espantar-se</p> 	<p>Sinal não transcrito.</p>			
<p>26. Correr</p> 				
<p>27. Arvore à direita</p> 				

<p>28. Árvore à esquerda</p> 				
<p>29. Correr continuamente</p> 				
<p>30. Olhar para o meio</p> 				
<p>31. Tronco fino</p> 				
<p>32. Copa arredondada</p> 				
<p>33. Olhar lado direito</p> 				
<p>34. Tronco médio</p> 				
<p>35. Copa arredondada</p> 				

<p>36. Olhar para cima</p> 				
<p>37. Tronco grosso</p> 				
<p>38. Copa grande</p> 				
<p>39. Olhar para os três lados</p> 				
<p>40. Esconder-se debaixo de uma árvore</p> 				
<p>41. A árvore se move</p> 	<p>Sinal não transcrito.</p>			
<p>42. Alívio</p> 				

Percebe-se que alguns participantes transcreveram as pilhas (sinal completo) de dois sinais juntos, em outras palavras, eles transcreveram dois sinais juntos em um único momento. Também houve alguns que não transcreveram uma ou outra pilha. Para McCleary, Viotti

e Leite (2010, p. 268), ao transcrever, “o pesquisador precisa constantemente tomar decisões sobre o que registrar e o que não registrar”. Os autores afirmam que “é inegável que a tarefa de decidir quais aspectos dos dados gravados são funcionalmente significativos e merecem ser transcritos é árdua” e, principalmente, no caso das línguas de sinais, a tarefa da transcrição acaba sendo particularmente complexa. De acordo com os autores, o responsável pela transcrição deve valer-se do conhecimento que tem sobre a língua que está sendo transcrita.




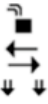



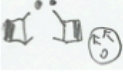
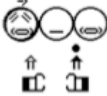











Notam-se alguns sinais feitos pelo narrador que repetem o sinal no vídeo original, como por exemplo, os sinais 7 e 13 (Procurar para fotografar). Em um determinado momento o narrador vira para o lado esquerdo com sua “câmera” prestes a fotografar e no outro vira para o lado direito. Quantos aos sinais 11 e 17 (Assustar-se), assim como nos sinais anteriores, o narrador se assusta em lados opostos. No caso dos sinais 12 e 18 (Distraído) o narrador fica distraído em momentos diferentes, ou seja, repetiu o sinal por duas vezes.

Por outro lado, em alguns momentos os sinais foram repetidos mas em direções diferentes, como os sinais 30, 33 e 36 (sinal “ver”). Percebe-se que o narrador utiliza o dedo indicador e médio abertos formando um “v” para representar cada uma das três árvores de tamanhos e formas diferentes. No sinal 39 (“ver” para os três lados) o narrador repete os sinais de “ver” para lados diferentes a fim de decidir em qual árvore se esconder, os sinais são iguais, mas cada um com direção diferente.

Devido às diferenças nas transcrições, como observado na Tabela 1, foi necessário marcar uma data com o grupo para elaborar um texto “padrão” (ver seção 3.1.4) para a segunda etapa, a coleta de dados na sinalização da leitura dos participantes-leitores.

Como mencionado anteriormente, ao transcrever o vídeo, cada participante utilizou símbolos diferentes, por isso foi agendada uma data para que o grupo pudesse se reunir e discutir sobre os textos transcritos por cada um e tentar identificar quais símbolos ficariam mais claros para a leitura e sinalização.





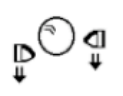















Em alguns momentos os quatro participantes transcreveram sinais diferentes, mas pensando em um modo que ficaria mais claro aos leitores acordaram sobre qual forma seria utilizada no texto “padrão”. Abaixo, observam-se alguns exemplos destas situações, bem como o sinal que optaram por utilizar no texto “padrão”:

<p>3. Caminhar</p> 				
<p>8. Fotografar lado direito</p> 				
<p>10. Rugir</p> 				
<p>15. Orelhas de elefante</p> 				

Observa-se nos exemplos dos sinais acima, 3 (Caminhar) e 10 (Rugir), que os participantes transcreveram tanto a CM quanto as setas de movimento diferentes. No exemplo 3, alguns participantes não inseriram o símbolo de cabeça, apenas o T4 o fez, pois o narrador mantinha uma expressão facial neutra, e na discussão o grupo percebeu que os elementos da pilha ficariam mais claros sem este símbolo.















Quanto aos sinais 8 (Fotografar), 10 (Rugir) e 15 (Orelhas de elefante), percebe-se as diferenças na expressão facial e setas de movimento. Um dos desafios para transcrição foi o sinal de rugir, exemplo 10, pois o narrador sinaliza com a boca em três momentos, abrindo e fechando para representar o rugido do leão. O grupo aproveitou elementos das quatro transcrições para criar uma que fosse mais clara, como se observa também nos exemplos 8 e 15.

Por outro lado, em alguns momentos os sinais transcritos foram bastante parecidos. Além disso, o sinal determinado como “padrão” foi escolhido dentre um dos quatro transcritos, com a finalidade de melhor demonstrar o que se tinha em mente para uma leitura mais clara.

<p>4. Colocar chapéu</p> 				
<p>22. Cair gota de chuva na cabeça</p> 				
<p>26. Correr</p> 				
<p>42. Alívio</p> 				

Observa-se que estes sinais foram transcritos de maneira muito parecida e o grupo entrou em acordo escolhendo um símbolo transcrito por um dos participantes para o texto “padrão”. As diferenças encontradas nas quatro transcrições estão relacionadas à configuração de mãos, sinais 4 (Colocar chapéu) e 22 (Cair gota de chuva), seta de movimento ao lado do ombro e sinal de contato, no caso do sinal 42 (Alívio), o sinal da linha grossa dos ombros, no caso do sinal 42, ou até mesmo de expressão facial, nos sinais 22 (Cair gota de chuva na cabeça) e 26 (Correr).

Em alguns momentos aconteceu que a transcrição foi feita igualmente por dois ou mais transcritores, então entrou-se em acordo sobre qual “pilha” (sinal escrito completo) iria se utilizar para compor o texto “padrão”, como pode ser verificado abaixo:

1. Tema 				
5. Barba 				
12. Distrair-se 				Sinal não transcrito.

No sinal 5 (Barba), as transcrições do T1 e T2 são praticamente iguais, tendo pouca diferença dos demais. No caso do sinal 12 (Distrair-se) as diferenças são mínimas na configuração de mãos, expressão facial ou movimento da cabeça, mas o “padrão” mais fiel utilizado foi o do T2. Já no caso do sinal 1 (Tema), as diferenças nas transcrições foram relacionadas aos dedos dobrados ou abertos, assim como o tipo de contato. O “padrão” escolhido foi diferente dos transcritos, pois foi usada a configuração de mãos do T2 com os pontos transcritos pelo T3 e T4, que representam movimentos de flexão.

Encerrando as discussões, o grupo observou que o ator fazia um sinal que indicava o fim do vídeo, um sinal icônico que lembra o fim de alguns filmes antigos, ou como é observado atualmente em alguns desenhos, no qual a tela se fecha gradativamente em um círculo central, como ilustrado abaixo:

Figura 18 – Efeito *circle fade-out* de filmes



Fonte: desenvolvido pelo autor

Este sinal está relacionado ao fim de um material visual, como no caso do vídeo. No entanto, o grupo tinha como objetivo escrever um texto que pudesse ser lido e analisado com base no vídeo assistido. Entendeu-se que este sinal não seria reproduzido no momento da leitura, pois o sinal de “fim” para um texto é diferente do sinal de “fim” para vídeos.

A mesma situação foi descrita por Wanderley (2012, p. 185) em sua dissertação, em que uma aluna surda preferiu encerrar sua história escrevendo o sinal de FIM, sem colocar ponto final, “como é hábito natural de todo surdo na sinalização do falar com sinais”. Essa escolha foi feita de forma lúdica de acordo com a experiência tida na comunidade surda, usando-se essa característica da língua materna.

Como a transcrição *Ipsis Litteris* deve ser fiel ao objeto estudado os participantes reproduziram o sinal equivalente em seus textos. Quando passaram para a modalidade escrita, porém, houve uma discussão sobre este sinal, que foi removido por não ser naturalmente utilizado ao final da leitura de um texto.

4.2 SINALIZAÇÃO DA LEITURA

Esta análise está dividida em dois estudos, sendo o primeiro com alunos surdos da Escola Bilíngue Estadual Dr. Reinaldo Fernando Cóser e o segundo com professores universitários surdos conhecedores do sistema *SignWriting*. Como mencionado anteriormente, o objetivo deste estudo é analisar as descrições imagéticas produzidas na sinalização no momento da leitura do texto em *SignWriting*, em comparação à sinalização do narrador do vídeo original, bem como identificar quais transferências de descrição imagética aparecem na sinalização do texto.

Apresentam-se agora alguns elementos que se encontram tanto no vídeo original quanto na sinalização da leitura do participante com destaque na apresentação para os aspectos que estão diretamente ligados à DI e analisados conforme a seção 2.6 do referencial teórico.

Encontram-se alguns aspectos de DI na sinalização dos participantes no momento de leitura. Abaixo, mostram-se quais são esses aspectos juntamente com imagens do vídeo original, do texto “padrão” e alguns recortes da sinalização realizada pelos participantes-leitores e, como dito anteriormente, a imagem dos participantes-leitores é substituída pela do pesquisador, para preservação da identidade dos participantes da pesquisa. Além disso, são tecidos comentários relacionados com os tipos de transferências. Para auxiliar na análise dos

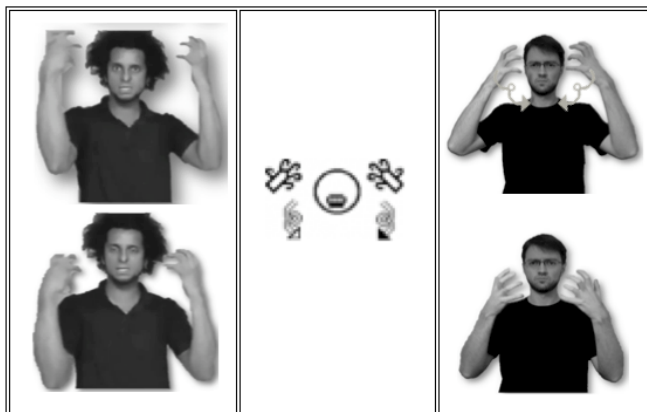
dados, foi utilizado o modelo de Nelson Pimenta de Castro (2006) para as configurações de mãos, ver Anexo G.

4.3 PRIMEIRO ESTUDO

4.3.1 Sinalização envolvendo Transferência de Tamanho e Forma (TTF)

Logo no início do vídeo o narrador descreve uma barba em volta do rosto. Ao observar a sinalização dos alunos Lucas, Igor e Marcelo, percebe-se que eles seguiram o sinal conforme estava na escrita de sinais, em *SignWriting*, como pode ser visto na Figura 19. Isso aconteceu, pois na escrita parece faltar a marcação do queixo, o que indicaria que era uma “barba”. Além disso, o símbolo de contato está muito embaixo, então, entende-se que houve uma interpretação correta da descrição. Já o aluno Matheus possivelmente não compreendeu a descrição e acabou não sinalizando. Assim, esse exemplo ilustra uma transferência de tamanho e forma, mesmo que eles não tenham descrito o sinal como está originalmente no vídeo; eles o descrevem conforme leram, contendo esses elementos de tamanho e forma.

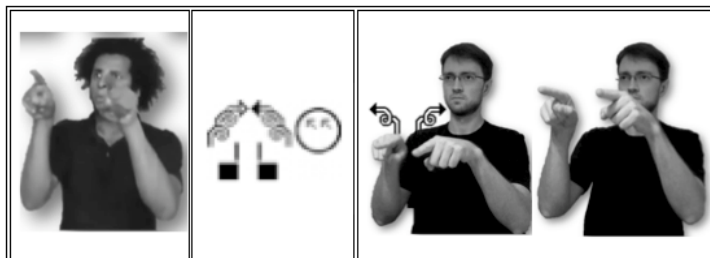
Figura 19 – Sinalização de Lucas, Igor e Marcelo – “barba”



Em outro momento, em que os transcritores escreveram o sinal que indica a copa arredondada da árvore, os quatro alunos sinalizaram de acordo com o texto “padrão”, porém, Lucas e Matheus, realizaram o sinal com o movimento contrário, ou seja, o movimento seria de fora

para dentro, mas na produção fizeram de dentro para a fora. Observe nas imagens abaixo:

Figura 20 – Sinalização de Lucas e Matheus – “copa da primeira árvore”

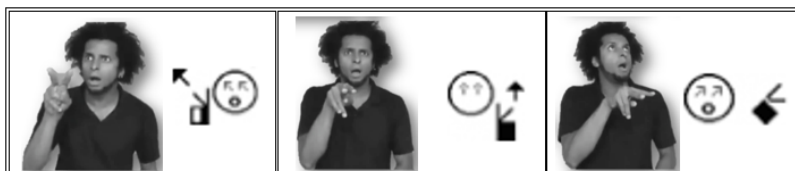


Como observa-se na Figura 20, é possível perceber a identificação de uma das DIs, a TTF, quando descreve a forma da copa. Segundo Campello (2008), a TTF pode ser utilizada para representar o signo visual independentemente do seu tamanho e sua forma, pois na narração encontram-se o tamanho e as formas específicas para cada referente. Apesar de conter uma diferença em relação ao vídeo e a sua escrita, a sinalização da leitura dos alunos não deixa de representar o signo de forma visual.

4.3.2 Sinalização envolvendo Transferência Espacial (TE)

No vídeo o narrador sinaliza e olha para os referentes usando a CM n° 49, que indica a direção das árvores, que estão uma em cada lado, como pode-se ver nas imagens.

Figura 21 – Direção do olhar para os três lados

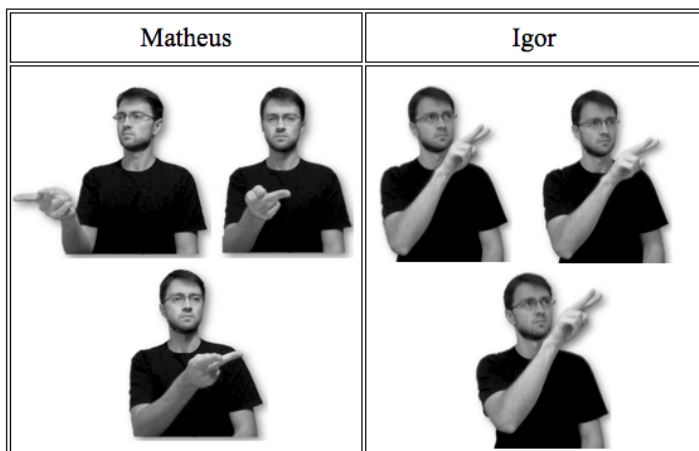


Percebe-se que os transcritores, ao elaborar o texto “padrão”, escreveram um par de pequenas setas em cada círculo de cabeça para direcionar os olhos para cada referente. O aluno Marcelo aplicou a TE de

acordo com os sinais de olhar para cada direção, conforme o texto “padrão” e o aluno Lucas, por sua vez, sinalizou corretamente o primeiro sinal de olhar para o lado, porém no segundo sinal, ele utilizou a CM para baixo e no terceiro acabou não sinalizando.

O aluno Matheus sinalizou com a CM nº 50, com a palma da mão virada para cima, distintamente do vídeo e da escrita em *SignWriting*; nesse caso, ele possivelmente não compreendeu completamente o que estava sendo dito. Igor parece que não compreendeu em sua leitura a transferência espacial, pois ele sinalizou tudo para uma mesma direção, conforme observa-se na Figura 22.

Figura 22 – Sinalização de direção do olhar dos alunos



Ao analisar o aluno Igor, identifica-se que ele não conseguiu perceber o uso espacial da sinalização, na transferência presente nesse exemplo, sendo importante que pudesse identificar o narrador fazendo uso de referentes com profundidade (para cima) e comprimento (no sentido de extensão), de forma bidimensional. Segundo Campello (2008, p. 214), “a profundidade espacial também pode ser observada em signo dimensional, bidimensional e tridimensional”.

4.3.3 Sinalização envolvendo Transferência de Localização (TL)

Nesta transferência de localização, o narrador sinaliza as árvores, quando o turista passa correndo entre as árvores para se esconder da chuva. Em seguida, após sinalizar as árvores localizadas à

direita, o narrador sinaliza as outras árvores, desta vez no lado oposto, no lado esquerdo.

Figura 23 – Árvore direita

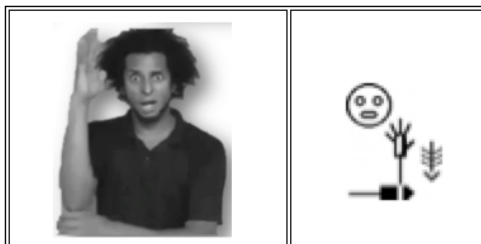


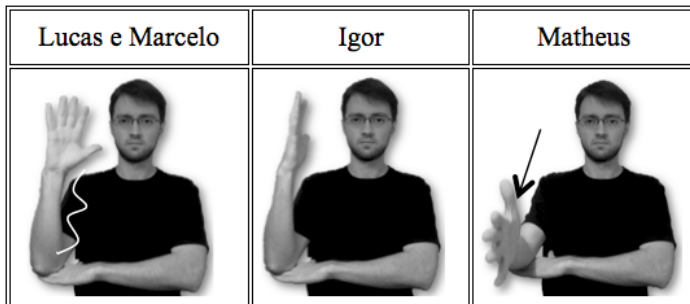
Figura 24 – Árvore esquerda



Como observa-se no recorte acima os transcritores, ao elaborar o texto “padrão”, escreveram uma seta de movimento ao lado dos braços para indicar o movimento direcionado para trás e, também, foram incluídos elementos de expressão facial, mas nenhum dos participantes apresentou a expressão facial conforme a narração e a escrita em *SignWriting*.

Na sinalização dos alunos, identifica-se a TL durante sua leitura, porém cada um sinaliza de um modo. Lucas e Marcelo sinalizaram com o movimento do braço direito, conforme o texto “padrão”, mas sem a sinalização do braço esquerdo, enquanto o aluno Igor sinalizou as árvores com ambos os braços, mas sem movimento. Matheus, diferentemente dos outros, desceu o braço direito para baixo, porque possivelmente interpretou equivocadamente o uso da seta.

Figura 25 – Sinalização de árvore dos alunos




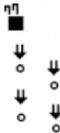



Embora os alunos não tenham produzido o texto conforme esperado, é possível perceber a aplicação de uma das DIs em sua sinalização, a TL, pois nota-se que ao usar a orientação de mão eles também usaram a localização dos referentes presentes nas DIs. Dessa forma, a estrutura da TE pode ser entendida conforme Campello (2008). Na subseção 2.6.3 aborda-se a transferência de localização relacionada com a direção do objeto a ser sinalizado, podendo ser para frente, para trás, para o lado direito, esquerdo ou alternado.

4.3.4 Sinalização envolvendo Transferência de Movimento (TM)

No exemplo abaixo, o narrador sinaliza um turista caminhando, movendo-se para os dois lados em articulação média com os dedos estendendo-se para representar o movimento de caminhar.

Abaixo, na Figura 26, percebe-se que os transcritores escreveram quatro pontos brancos perto das setas de movimento, que seu uso representa a articulação média do dedo se estendendo. Porém nenhum aluno estendeu os dedos e cada um sinalizou de uma forma. Os alunos Lucas e Marcelo sinalizaram com os dedos indicadores e médios dobrados descendo três vezes para a mesma direção (CM n° 48). O aluno Igor, por sua vez, utilizou ambas as mãos com a mesma CM dos dois alunos anteriores, mas realizando o movimento somente com os dedos, já o aluno Marcelo sinalizou com movimentos repetidos para cima e para baixo. Observe a figura abaixo:

Figura 26 – Sinal de caminhar dos alunos

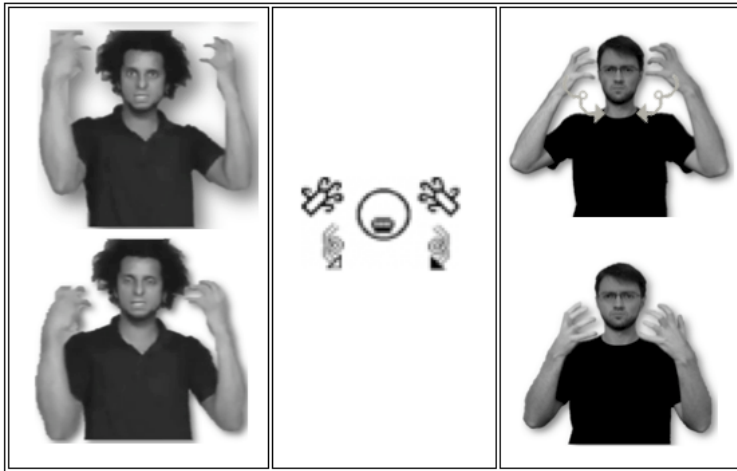
Vídeo original	<i>SignWriting</i>	Lucas e Marcelo	Igor	Marcelo
				

Mesmo que os alunos surdos tenham reproduzido sinalizações diferentes do texto “padrão”, nota-se que houve a estrutura de transferência de movimento, pois as mãos se moveram no espaço de enunciação durante a sua sinalização para representar o objeto. A transferência de movimento pode usar, de diversas maneiras de modo igual ou diferente, como características de alto e baixo, os signos que mostram dualidade, diferenças ou oposto (CAMPELLO, 2008).

4.3.5 Sinalização envolvendo Transferência de Incorporação (TI)

A transferência de Incorporação pode ter a DI de TTF, TE, TL e TM, pois para pôr em ação a incorporação de um objeto ou uma determinada cena como o corpo dos personagens, ela necessita de uma ou mais transferências ao mesmo tempo para reproduzir. No texto “padrão” presente, o narrador descreve a juba com dentes à mostra para indicar um animal e essa estrutura pode ser associada com uma das DIs, a de transferência de tamanho e forma.

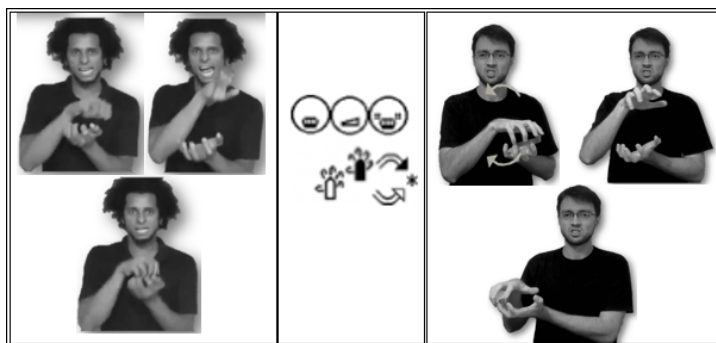
Figura 27 – Sinalização da juba do leão



Observa-se que três alunos, ao ler, sinalizaram de acordo com a escrita em *SignWriting* e também conforme o vídeo, usando as mãos tensionadas conforme a CM n° 59 para descrever a juba do animal, porém, não utilizaram os dentes à mostra como o personagem demonstra, e apenas o aluno surdo, Lucas, possivelmente por não compreender o sinal, acabou não sinalizando.

Em seguida, o narrador sinaliza incorporando a boca abrindo e fechando para demonstrar um Leão rugindo. Percebe-se que apenas o aluno Marcelo, ao ler, sinalizou do mesmo modo utilizando a TI, conforme o texto em *SignWriting*, porém não utilizou a expressão facial abrindo a boca como mostra o estado do narrador e a transferência na transcrição, utilizando somente os dentes à mostra.

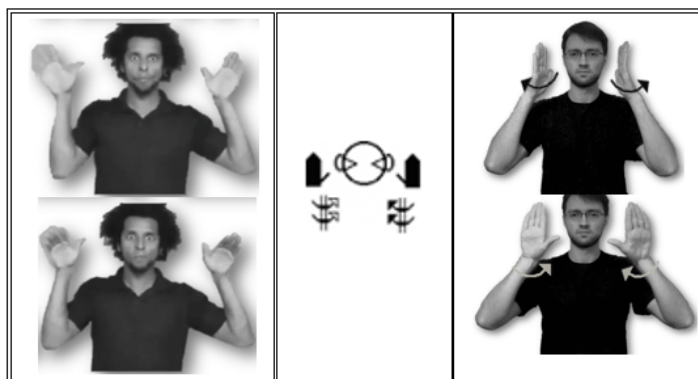
Figura 28 – Sinalização do aluno Marcelo



No próximo exemplo encontra-se o narrador incorporando um dos personagens, neste caso, representando um elefante, ou seja, sinaliza as mãos abertas com movimentos para frente e para trás ao lado da cabeça e com as bochechas sugadas, assim representando as orelhas do elefante.

Os alunos apresentaram dificuldade ao ler e apenas Igor e Marcelo sinalizaram conforme a escrita em *SignWriting*, utilizando a CM nº 57, realizando uma TI. No entanto, percebe-se que nenhum aluno fez expressão facial como uso das bochechas sugadas que os transcritores escreveram; no texto “padrão” encontra-se o símbolo que representa essa forma das bochechas sugadas durante a história.

Figura 29 – Sinalização das orelhas do elefante



4.3.6 Considerações sobre o primeiro estudo

Com os exemplos apresentados acima, pode-se levantar algumas questões em relação à sinalização aos alunos, pois percebe-se que eles apresentaram muita dificuldade em compreender o texto lido. Eles compreenderam apenas alguns símbolos, como o da árvore e o símbolo de olhar para o lado. Essa dificuldade pode ser atribuída não só às concepções de leitura que embasam as práticas pedagógicas utilizadas na escola, mas também de pouco conhecimento da grande iconicidade presente no texto, pois talvez os alunos estejam acostumados à escrita de símbolos mais convencionais e cotidianos.

Mesmo observando que os alunos compreenderam pouco o texto, é possível identificar a percepção de transferências no processo de leitura. Assim, optou-se por analisar aquelas transferências que aparecem de forma clara na sinalização dos alunos ao terem contato com o texto em *SignWriting*. Não é possível afirmar que os alunos de fato interpretaram a DI presente no texto, pois em alguns momentos da pesquisa eles relatam não estarem compreendendo o texto.

Um aspecto que se destaca é a não produção da maioria das expressões faciais pelos alunos. É conhecida a importância desse elemento linguístico para as línguas de sinais e principalmente para o gênero literário. Visto que elas apresentam o estado de espírito dos personagens, investigações maiores sobre esse fato seriam interessantes.

Os alunos optaram pela leitura silenciosa. Alguns deles fizeram pequenos gestos com as mãos no início da leitura, mas sem sinalizar especificamente. Apenas um dos alunos, Marcelo, optou por sinalizar direto, sem ler o texto todo antes.

Após a leitura, foi perguntado para cada aluno como se sentiu, se teve dificuldade para entender o texto. A maioria respondeu que o texto estava muito difícil de compreender. Um dos alunos, Lucas, comentou que o texto era muito complexo e continha muitos movimentos, enquanto Matheus informou que sentiu dificuldades e que o texto não era acessível a ele, com isso se sentiu limitado. O terceiro aluno, Igor, disse que não compreendeu muito bem as setas no círculo de cabeça, para indicar a direção de olhar; disse ainda que estava admirado pois muitos símbolos ele nunca havia visto. Já o último aluno, Marcelo, que optou por sinalizar direto, comentou que muitos dos símbolos e sinais eram novos, diferentemente do que ele havia aprendido, mas que também havia compreendido alguns sinais que para ele eram mais fáceis e deu o exemplo do sinal de chapéu.

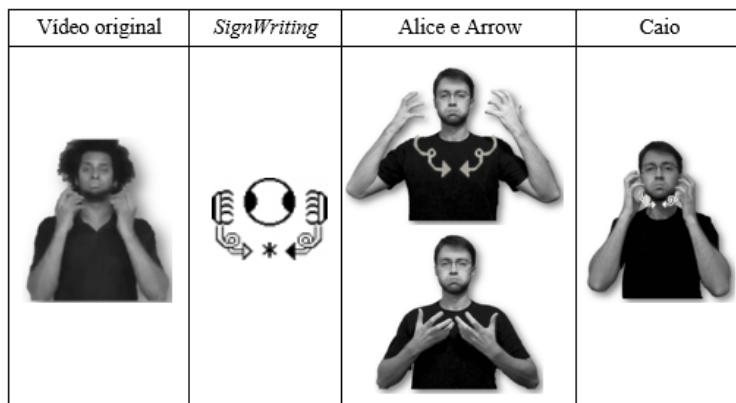
Essas são algumas considerações a respeito do que foi possível perceber com a aplicação do texto aos alunos da Escola Bilíngue Estadual Dr. Reinaldo Fernando Cóser. Como dito anteriormente realizou-se dois estudos a fim de responder ao objetivo desta pesquisa. A seguir apresenta-se o segundo estudo feito com professores universitários conhecedores do sistema *SignWriting*.

4.4 SEGUNDO ESTUDO

4.4.1 Sinalização envolvendo Transferência de Tamanho e Forma (TTF)

Na descrição referente à barba, encontrou-se a estrutura de TTF nos três professores. No entanto, Alice e Arrow sinalizaram de forma que o sinal ficou longe do rosto, o que na verdade pareceu uma gola no pescoço. Conforme já havíamos observado, parece faltar no texto “padrão” a marcação de queixo indicando que é uma “barba”, então, esse sinal, como foi apresentado, torna-se ambíguo, tanto que Caio realiza-o conforme a produção original. Mesmo com essa diferença apresentada pelos professores, a produção de todos contém elementos de tamanho e forma. Vale destacar que os professores utilizaram a bochecha inflada para indicar a barba, como pode-se ver abaixo:

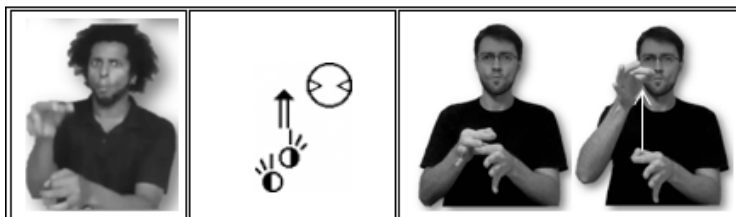
Figura 30 – Barba



No próximo exemplo o narrador descreve o primeiro tronco da árvore. Como pode ser observado na escrita em *SignWriting*, os

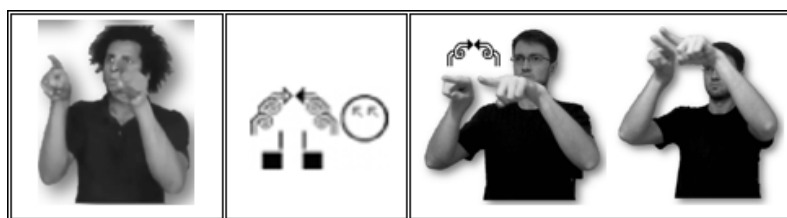
transcritores escreveram contendo as marcações nas bochechas para indicar a espessura fina do tronco e a seta de movimento em cima das CMs. Percebe-se que os professores compreenderam e sinalizaram de acordo com o texto em *SignWriting*, usando a CM n° 45, em paralelo ao chão e as bochechas sugadas também.

Figura 31 – Tronco fino



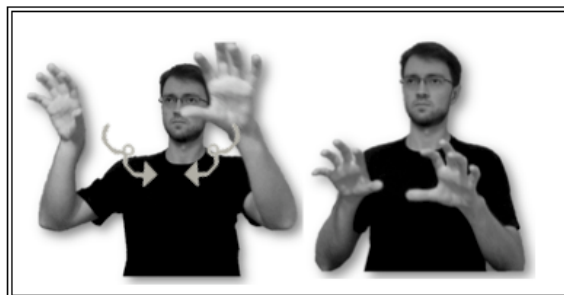
Logo após, encontra-se a transcrição da copa da árvore, em que os transcritores escreveram as duas mãos com a mesma CM, a n° 14; os dedos indicadores aparecem a frente e em cima constam as setas de movimento com direção para cima indicando que a copa é arredondada. Observe nas imagens abaixo o vídeo, a transcrição “padrão” e a sinalização de Alice e Arrow, que foi apresentada do mesmo modo, realizando a TTF.

Figura 32 – Copa da primeira árvore



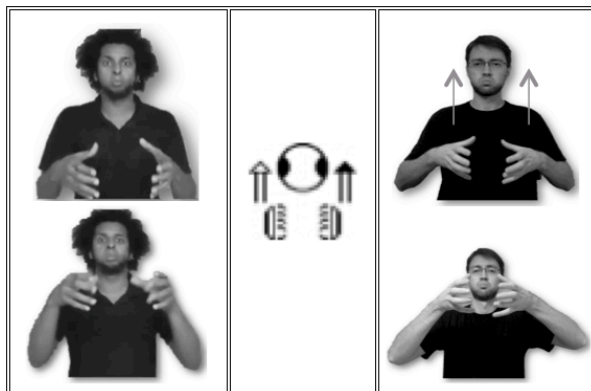
O professor Caio sinalizou de outro modo, utilizando outra CM, com as mãos espalmadas, ou seja, com as mãos abertas movendo-se para cima, conforme a CM n° 60. Mas, mesmo com uma CM distinta da que continha o texto, ele compreende que se está falando sobre a copa da árvore.

Figura 33 – Sinalização do professor Caio



Na descrição da segunda árvore, os professores sinalizaram conforme a CM n° 60 com movimento para cima, de acordo com as setas que estão ao lado do círculo de cabeça em *SignWriting*. Percebe-se, ainda, que eles fizeram uso das bochechas infladas como os transcritores utilizaram em *SignWriting* para indicar um tronco maior que o primeiro. É possível perceber que a TTF também foi identificada claramente pelos professores para que a sinalização pudesse assim corresponder ao tamanho e à forma do tronco da árvore.

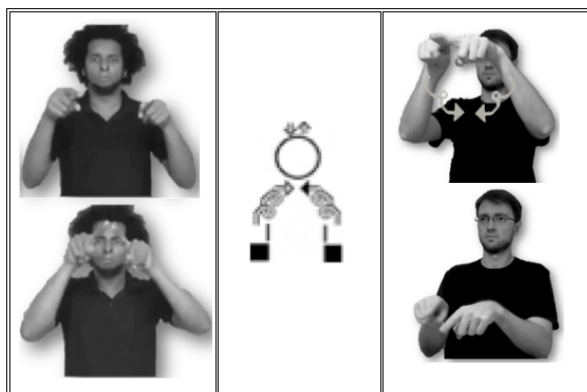
Figura 34 – Tronco da segunda árvore



Essa identificação do tamanho e da forma é fundamental para a compreensão do texto, pois ela se torna elemento de coerência da história. A ausência dessa percepção da TTF poderia comprometer o entendimento dos elementos contados no texto.

Sobre a copa da segunda árvore, os professores sinalizaram de acordo com o tamanho e a forma esperada; fizeram uso do movimento de cabeça, sendo que os transcritores do vídeo, no grupo de discussão, optaram em escrever usando setas duplas pequenas sobre o círculo que o representa indicando o movimento correspondente. Apenas o professor Caio sinalizou com a direção contrária, ou seja, começou o movimento de cima para baixo, conforme segue:

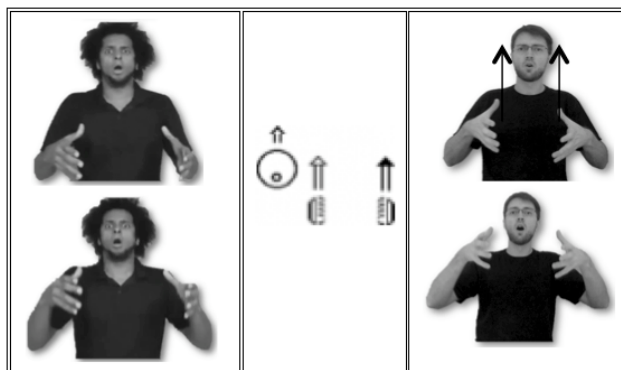
Figura 35 – Sinalização de Caio – "segunda copa da árvore"



A sinalização da leitura do Caio, mesmo contendo uma diferença em relação à escrita, não deixa de representar o signo de forma visual, pois é possível perceber a TTF quando ele descreve como é a forma da copa, como observa-se na Figura 35.

Na terceira árvore, os professores seguem sinalizando o tronco, com movimento para cima. Nesse exemplo, o narrador usa um espaço maior entre as CMs. Além disso, a boca é aberta para indicar o formato mais grosso do tronco; a DI tem a intenção de indicar os vários tamanhos e formas das árvores.

Figura 36 – Tronco grosso



Em seguida, ainda usando a mesma CM, para descrição que era uma árvore robusta e arredondada, o narrador realiza os movimentos das mãos e da cabeça, para cima e para baixo, junto com as bochechas infladas. Assim, percebe-se que a terceira árvore é maior do que a segunda, que é maior que a primeira, respectivamente.

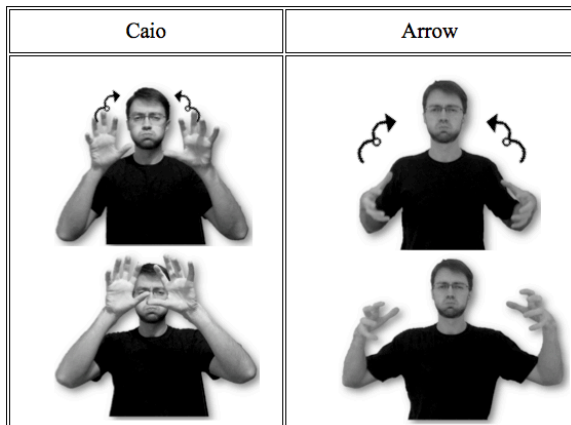
Figura 37 – Copa grande



Mas ao observar a sinalização dos professores, percebe-se que Caio sinalizou de acordo com o texto “padrão”, porém utilizou as palmas das mãos para frente e os transcritores escreveram as CMs de lado em uma perspectiva oposta, indicada pelo símbolo de metade branco e metade preto. Essa diferença está na seção 2.8, Figura 14.

Na leitura da professora Alice, é possível que ela não tenha percebido que havia mais uma árvore, pois acabou não sinalizando a terceira copa. Apenas o professor Arrow sinalizou de acordo com o texto em *SignWriting*, usando o mesmo formato de tamanho e expansão para a grande copa junto com a expressão facial de inflar as bochechas.

Figura 38 – Sinalização dos professores – “copa grande”



Campello (2008) afirma que a TTF é utilizada para representar o signo visual com seu tamanho e sua forma. Nos exemplos acima apresentam-se transferências contínuas de tamanho e forma de uma DI, pois na narração encontram-se tamanhos e formas específicas para cada referente, ou seja, cada árvore que é referenciada tem uma altura, um volume. Também é necessária uma determinada expressão facial que contribui para a indicação e compreensão do seu formato.

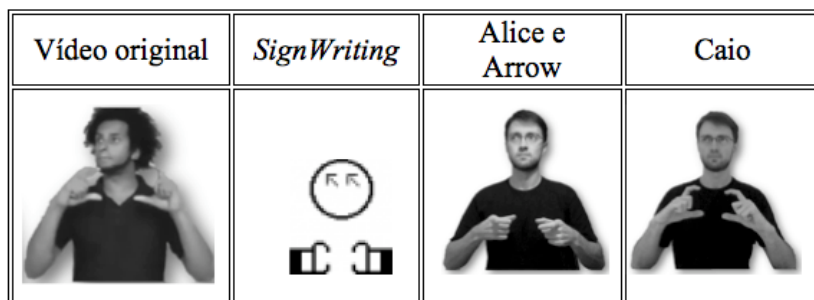
4.4.2 Sinalização envolvendo Transferência Espacial (TE)

Nesta transferência, o narrador sinaliza olhando para o lado direito com sua máquina prestes a tirar uma foto. Percebe-se que os professores Alice e Arrow entenderam do mesmo modo, ou seja, sinalizaram a CM n° 32 conforme o texto em *SignWriting*, porém utilizaram o sinal de forma horizontal, paralelo ao chão¹⁸. Apenas o

¹⁸ De acordo com a seção 2.8, Figura 14.

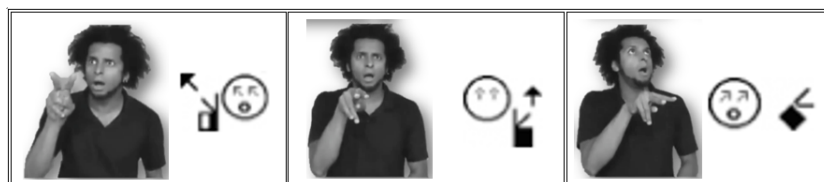
professor Caio sinalizou de acordo com o texto, como pode-se ver abaixo:

Figura 39 – Procurar para fotografar



Abaixo segue o exemplo em que o narrador está em frente às árvores e sinaliza uma transferência espacial usando a CM n° 49. A sinalização é no espaço neutro junto com o olhar que indica direção para as três árvores, que estão uma de cada lado, conforme pode-se observar nas imagens.

Figura 40 – Direção do olhar para os três lados



Os professores compreenderam na sua leitura a transferência espacial e sinalizaram para cada direção de acordo com o texto em *SignWriting*. A produção dos três aparece do mesmo modo, contemplando a TE como pode ser observado abaixo.

Figura 41 – Sinalização de direção do olhar dos professores



Em outro momento, o narrador, após descrever as árvores no vídeo, utiliza o olhar direcionado para cada árvore no espaço de enunciação, para então decidir como esconder-se da chuva. Nessa transferência espacial o narrador mostra diferentes marcações no espaço com os movimentos direcionados para três espaços diferentes.

Figura 42 – Sinalização de direção do olhar para os três lados



Pode-se observar que os professores sinalizaram de acordo com o texto “padrão”, realizando uma estrutura de TE. No espaço neutro à sua frente, com a mão direcionada para cada lado seguindo o que havia sido representado para cada árvore.

Figura 43 – Sinalização de direção do olhar dos professores



Campello (2008, p. 214) ressalta que a transferência espacial é o único signo que pode ser usado dentro de uma localização neutra, e ainda afirma a importância do signo, que “visualizado em forma de representação de sinais mostra mais a forma de um objeto e prende mais atenção do observador”. A Libras, por ser uma língua de modalidade visual, necessita do uso do espaço. Por isso, essa transferência de espaço torna-se importante, pois tem uma função de coesão no texto: ela identifica os referentes e o que está sendo dito sobre eles.

4.4.3 Sinalização envolvendo Transferência de Localização (TL)

Nesta transferência observa-se o narrador fazendo uso da localização. Abaixo segue o exemplo em que o narrador sinaliza o turista ao caminhar e quando percebe que cai uma gota de chuva usando a CM nº 20 e, posteriormente, cai outra gota de chuva, desta vez do outro lado.

Figura 44 – Cair uma gota de chuva

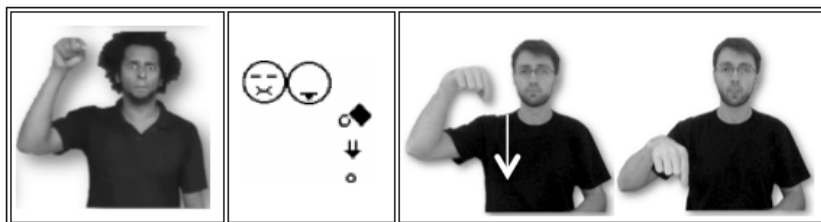
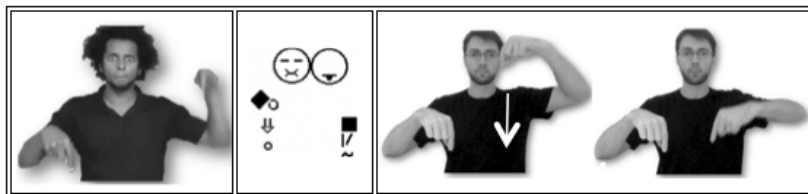


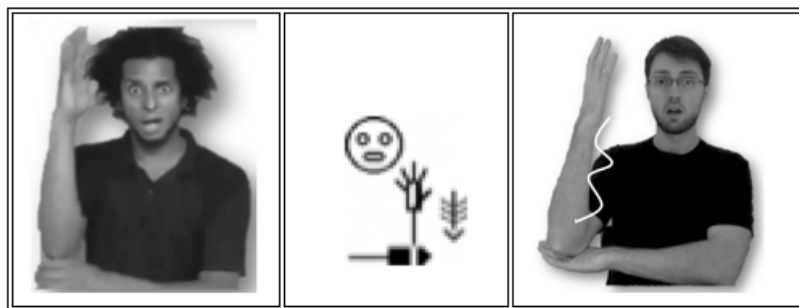
Figura 45 – Cair outra gota de chuva



Nota-se que os professores, durante a leitura, sinalizaram da mesma forma, utilizando a expressão facial como lábios sugados e a língua para fora, de acordo com o texto “padrão”.

No exemplo abaixo, pode-se observar a TL: as árvores estão do lado direito do narrador. Nesse momento da história o turista passa correndo entre as árvores para esconder-se da chuva. É possível identificar na sinalização dos professores que ocorre também a TL durante sua leitura, pois eles identificam exatamente o ponto em que no texto é sinalizado e, também, o movimento é realizado conforme está escrito, como observa-se no recorte abaixo:

Figura 46 – Árvore direita



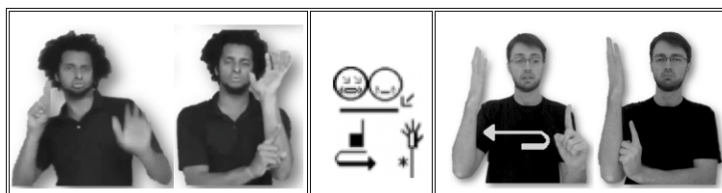
Em seguida, após sinalizar as árvores localizadas à direita, o narrador sinaliza as outras árvores, desta vez no lado oposto, no espaço neutro esquerdo. Nesse momento os professores interpretaram e sinalizaram da mesma forma, como no exemplo anterior.

Figura 47 – Árvore esquerda



Ao final do vídeo, o narrador escolhe em qual árvore ele deve se abrigar e, logo em seguida, sinaliza o percurso até chegar nessa árvore. Os transcritores escreveram como se apresenta abaixo:

Figura 48 – Turista esconde-se debaixo da árvore



Aqui, foi possível perceber a aplicação de uma das DIs em sua sinalização, a TL, pois nota-se que os professores, ao ler, usaram seu dedo indicador dando uma volta até a árvore, usando a localização no espaço de enunciação conforme é escrito.

Dessa forma, a estrutura da TE pode ser entendida conforme Campello (2008). Aborda-se na subseção 2.6.3 a transferência de localização relacionada com a direção do objeto a ser sinalizado, podendo ser para frente, para trás, para o lado direito, esquerdo ou alternado. A cena é como um percurso, desde o local que o referente está, ponto inicial, para o local que deverá chegar, o ponto final, como na Figura 48.

4.4.4 Sinalização envolvendo Transferência de Movimento (TM)

Nos exemplos abaixo, pode-se observar a TM, a mão movendo-se para os dois lados em articulação média com os dedos estendendo-se para representar um turista caminhando e, em seguida, o narrador sinaliza colocando o chapéu. Percebe-se que os professores interpretaram

e sinalizaram de acordo com o texto em *SignWriting*. Observe os recortes:

Figura 49 – Sinal de caminhar

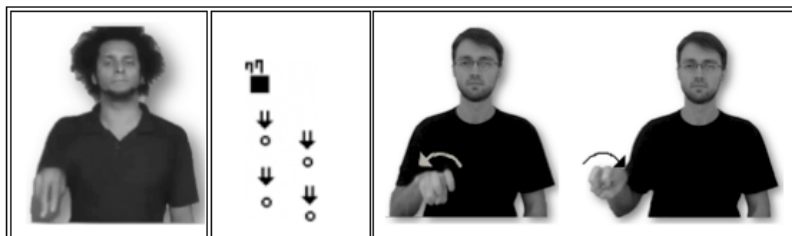
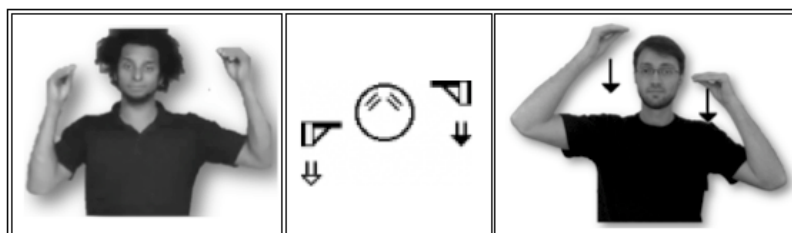


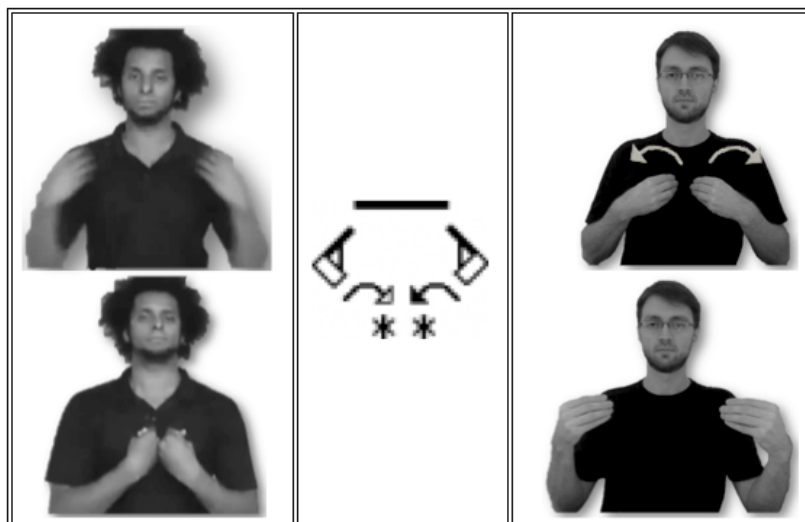
Figura 50 – Sinal de colocar chapéu



Nota-se, na sinalização dos professores, uma estrutura de transferência de movimento presente na cena que está de acordo com a transcrição. Segundo Ferreira-Brito (2010) citado na subseção 2.6.4, para os movimentos da mão, os dedos se mexem durante a sinalização, abrindo, fechando ou estendendo, o que faz com que a mudança de CM seja rápida. Durante a sinalização no espaço neutro, os movimentos de mão podem ser em linha reta, curva, circular ou em diversas direções.

Em seguida, no vídeo o narrador sinaliza um turista vestindo o casaco (puxando para dentro). Dois professores sinalizaram de acordo com a escrita em *SignWriting*; apenas o professor Caio, ao invés de sinalizar colocando o casaco (puxando para dentro), sinalizou ao contrário, ou seja, tirando o casaco (para fora). Como poderá ser observado abaixo:

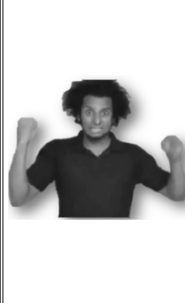
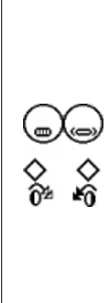

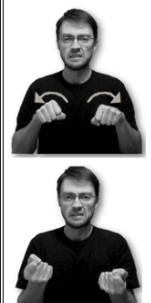

Figura 51 – Sinalização de Caio – “vestir casaco”



Mesmo com esse movimento oposto realizado por Caio, percebe-se que o participante-leitor aplicou a estrutura de transferência de movimento, pois as mãos moveram-se no espaço de enunciação durante a sua sinalização para representar o objeto, mesmo que esse objeto tenha sofrido uma alteração de significado.


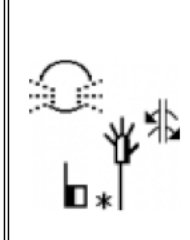

Em outro momento, o narrador sinaliza um turista após se deparar com a chuva e corre imediatamente pelo zoológico. Desta forma, ele realiza a transferência de movimento, o qual move os braços e mãos fechadas juntas constantemente. Percebe-se que os dois professores realizaram a sinalização de modo diferente: Alice utilizou a CM nº 11, movimento de dentro para fora, já Arrow usou a CM nº 7, fazendo o mesmo movimento que Alice. Apenas o professor Caio sinalizou de acordo com o texto “padrão”, como pode ser observado abaixo:

Figura 52 – Sinal de correr

Vídeo original	<i>SignWriting</i>	Alice	Arrow	Caio
				

No final do vídeo, o narrador sinaliza a escolha da árvore em que ele iria se abrigar e logo em seguida o percurso até chegar nessa árvore, depois o narrador sinaliza o turista debaixo da árvore que dá um suspiro de alívio e nesse momento a árvore move-se. Os transcritores escreveram conforme está abaixo:

Figura 53 – Sinal “alívio”

		
--	--	--

Percebe-se, na leitura dos professores, que eles sinalizaram de acordo com a escrita em *SignWriting*, como demonstra o símbolo que representa as bochechas durante a execução do sinal, soprando o ar. Os professores realizaram a estrutura de TM fazendo uso do movimento do braço, o que indica que a árvore moveu-se quando o turista encostou para abrigar-se.

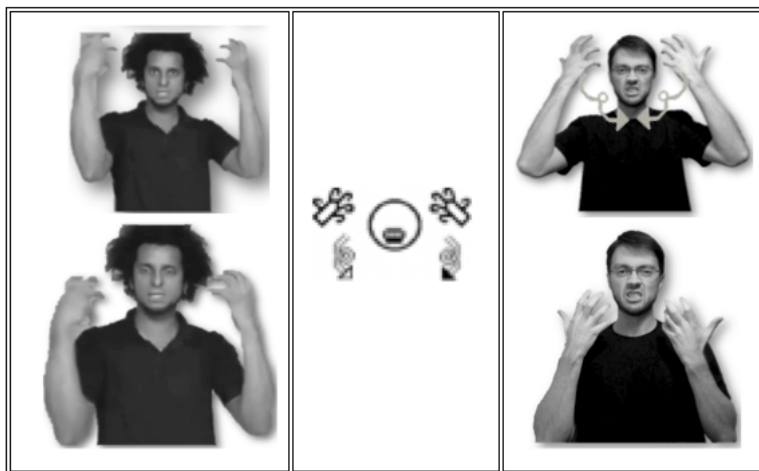
Segundo Campello (2008, p. 215) a TM exerce a função de conseguir o equilíbrio visual e pode-se usar diversas maneiras de modo igual ou diferente, como as características de altura, os signos que mostram dualidade, diferença ou oposição. É comum a associação dos

signos visuais com sua concepção de desigualdade, o que passa a diferenciar seus contextos visuais, como nos exemplos apresentados.

4.4.5 Sinalização envolvendo Transferência de Incorporação (TI)

Como citado na subseção 2.6.5, a Transferência de Incorporação pode ser acompanhada dos quatro tipos de transferência e precisa de uma ou das demais transferências para reproduzir, para que a pessoa coloque em ação a incorporação do objeto ou a cena em seu corpo. No exemplo abaixo, o narrador descreve a juba e demonstra os dentes para indicar um animal, conforme segue:

Figura 54 – Sinalização da juba do leão



Percebe-se, no exemplo acima, que os professores, ao ler, produziram de acordo com o texto “padrão”, usando as mãos tensionadas na CM n° 59 para descrever a juba do animal, da mesma maneira que se esperava a juba do personagem com os dentes a mostra.

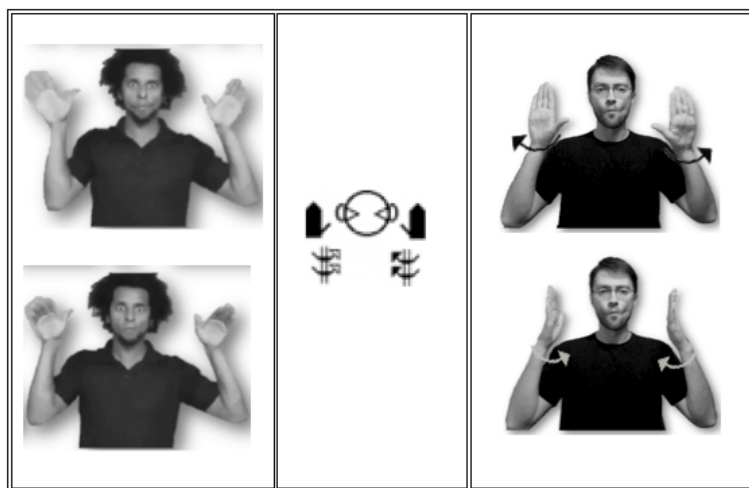
Em outro exemplo, nota-se que, quando o narrador sinaliza, ambas as mãos estão tensionadas conforme as CMs n° 59, incorporando a boca em movimentos de abrir e fechar para demonstrar um leão rugindo. Observe abaixo que os professores, ao ler, sinalizaram do mesmo modo utilizando a TI, conforme o texto “padrão”. Sua expressão facial também mostra o estado do narrador e a transferência reproduzida na transcrição.

Figura 55 – Sinalização do rugido do leão



Ainda sobre a transferência de incorporação, o narrador sinaliza as mãos abertas com movimentos para frente e para trás ao lado da cabeça e com as bochechas sugadas, conforme os transcritores escreveram, representando as orelhas de um elefante:

Figura 56 – Sinalização das orelhas do elefante



Os professores realizaram essa TI, ao ler, interpretar e sinalizar do mesmo modo que aparecia no texto “padrão”, como é possível ver no recorte. Usaram as mãos abertas movendo-se ao lado da cabeça. Percebe-

se também que eles fizeram uso das bochechas sugadas como os transcritores escreveram.

Por fim, o narrador incorpora o braço esticado com a cabeça apoiada e realizando movimento circular. Essa mão em uma trajetória circular tem como objetivo representar a tromba do elefante. Observa-se que dois dos professores demonstraram ter dúvidas ao ler e sinalizaram o braço para trás. Apenas o professor Arrow interpretou o sinal e realizou-o conforme o esperado pelo texto em *SignWriting*.

Figura 57 – Sinalização da tromba do elefante

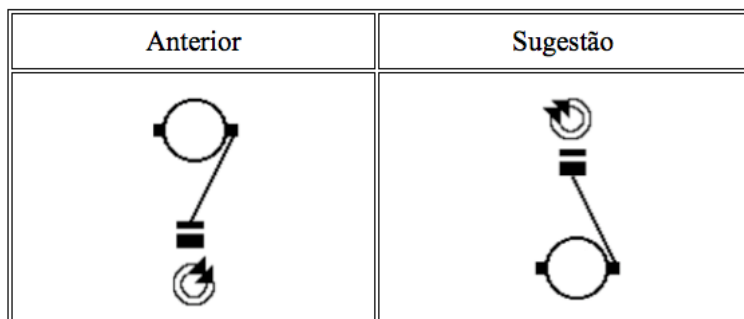


Os exemplos acima apresentam a estrutura diretamente ligada à TI, pois na narração encontram-se os elementos em que o narrador coloca o objeto ou a cena no corpo, como um animal, no caso do leão ou do elefante. De acordo com Campello (2008, p. 216), “estas transferências ou descrições imagéticas permitem a configuração de signos para signos visuais e suas estruturas de acordo com o pensamento imagético dos sinais, no ato de descrever as suas naturezas, elementos e muitos outros”.

4.4.6 Considerações sobre o segundo estudo

A partir dessas observações é possível entender que o sinal que pareceu ser de maior dificuldade para os professores foi o da tromba do elefante. Alice, ao ler o sinal, Figura 57, aparentou ter dúvida e sinalizou o braço para trás em cima do ombro; Caio demonstrou imprecisão em sua expressão facial e sinalizou balançando o braço para trás; Arrow, talvez pelo contexto da história, não apresentou dificuldade correspondendo à DI da TI.

Ao final da leitura, Caio questionou o que seria essa escrita da tromba do elefante. Segundo ele, a escrita deveria estar de outra forma e sugeriu a seguinte transcrição:

Figura 58 – Tromba do elefante em *SignWriting*

Essa sugestão de Caio justifica-se, pois a visão do sinal é feita de cima, por isso, é preciso que a linha correspondente ao braço fique ao contrário, o que indicaria a tromba do elefante.

Ao final, cada professor respondeu se teve alguma dificuldade com a leitura: Alice respondeu que achou difíceis algumas expressões faciais naqueles que tinha mais de um círculo de cabeça, por exemplo, o rugido de leão.

Arrow também comentou que teve um pouco mais de dificuldade ao ler os círculos de cabeça devido às expressões faciais diversas. Ele ainda disse que entendeu claramente as produções realizadas com as mãos e que se equivocou no sinal de “câmera”, pois durante sua leitura posicionou as mãos para baixo; logo depois, no outro sinal, identificou que se tratava de tirar fotos e virou o sinal para cima. Além dessas dificuldades relatou que ficou confuso com as bocas e o movimento de mostrar a língua, quando na história caem as gotas de chuva¹⁹.

Por sua vez, Caio respondeu que também achou mais difícil ler as configurações de boca, naqueles em que havia mais de um círculo, e deu exemplo do rugido do leão e do sinal de tirar foto. Nesse exemplo, havia três círculos com a boca movimentando-se distintamente e ainda comentou que achou estranho o sinal de tromba, como já foi dito anteriormente.

Todos os professores optaram por uma leitura silenciosa primeiro, depois, fizeram uma nova leitura e então realizaram a produção dos sinais com a presença das transferências, mas, na primeira leitura, fizeram alguns gestos e expressões faciais sem uma sinalização clara.

¹⁹ Figuras 44 e 45.

Essas são algumas considerações a respeito do que foi possível perceber a partir da aplicação do texto aos professores surdos universitários. Esse segundo estudo foi realizado a fim de responder aos questionamentos da pesquisa. Abaixo seguem considerações finais desse estudo experimental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se observar se as descrições imagéticas seriam reproduzidas na sinalização da leitura de um texto em *SignWriting*, o qual foi lido, interpretado e sinalizado por alunos surdos de uma escola bilíngue e também por professores universitários surdos conhecedores do sistema *SignWriting*. A leitura e a sinalização foram gravadas em vídeo, que serviu de base para a geração dos dados da pesquisa nesse momento.

A metodologia utilizada para esta pesquisa consistiu em duas etapas divididas em produção do material e sua aplicação. A primeira etapa consistiu em: gravação do vídeo (material) para ser transcrito, escolha dos participantes para transcrição do vídeo, transcrição dos participantes e elaboração do texto “padrão”. Na segunda etapa, foi feita a aplicação do material que consistiu em: leitura, interpretação e sinalização do texto “padrão”, etapa esta que foi gravada para a análise dos dados obtidos.

Na etapa da transcrição, o vídeo sinalizado pelo narrador foi transcrito em *SignWriting* por quatro participantes conhecedores do sistema. Como mencionado anteriormente, a tarefa de decidir como os dados gravados merecem ser transcritos é árdua, e no caso das línguas de sinais a questão da transcrição é ainda mais complexa, o que justifica o fato de cada um ter transcrito os referentes e registrado a iconicidade presente no vídeo de modo particular. A partir destas transcrições, foi criado um texto “padrão” para a segunda etapa do trabalho.

Torna-se muito importante refletir sobre o trabalho de transcrição, muito ainda é possível explorar em futuras pesquisas. O sistema de escrita em *SignWriting* possibilita uma descrição detalhada dos sinais e toda a composição visual da língua. A metodologia utilizada nessa pesquisa para a produção de um texto “padrão” pode contribuir como forma de se pensar em um padrão para os termos da Libras em *SignWriting*. É possível que, futuramente, com produção e circulação de mais textos, seja possível contribuir para a padronização da leitura e da escrita dessa língua.

O sistema *SignWriting* ainda é considerado recente, o que pode gerar algumas dúvidas devido à falta de convencionalidade da língua. Quando a ortografia de uma língua já está consolidada, a leitura e a escrita são facilitadas e as ambiguidades são reduzidas porém, quando a investigação em torno de uma língua é relativamente recente, não tendo as convenções totalmente definidas e estabelecidas, podem existir discussões sobre qual a melhor forma de reproduzir e representar

determinado sinal. (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001), assim, evidencia-se a necessidade de mais investigações para que uma ortografia da Libras seja pensada facilitando as interações dos usuários do sistema *SignWriting*.

A análise e a discussão dos resultados contêm os dados da pesquisa, os quais foram divididos em dois estudos: o primeiro com os alunos surdos de uma escola bilíngue e o outro com professores universitários surdos conhecedores do sistema *SignWriting*.

No primeiro estudo constatou-se que os alunos tiveram muitas dificuldades em compreender o texto lido. Na verdade, eles entenderam apenas alguns símbolos como o da árvore e o símbolo de colocar o chapéu. Acredita-se que a grande iconicidade presente no texto tornou-o muito difícil, pois os alunos estão acostumados à escrita de símbolos menos descritivos e demonstrativos.

Muitos sistemas de escrita de sinais para seu registro têm como foco a fonologia, separadas em categorias, lexicais e vocabulários, por outro lado a transcrição trabalha mais com elementos fonéticos e analógicos da língua. Por exemplo, as três árvores do texto que são descritas com tamanhos e formas diferentes são analógicos e icônicos, o tronco das árvores com seus distintos tamanhos, ao ser transcrito, tem foco na fonética, também com a distância entre os troncos que o narrador quer estabelecer. Essa situação pode ter sido um problema para a compreensão dos alunos que estão acostumados com a leitura de vocabulários, sem estar habituado com textos que focam nesses outros elementos linguísticos.

É essencial destacar a importância e a relevância de mais publicações em *SignWriting* como materiais didáticos, livros de literatura e outros, para proporcionar descobertas e aprofundar o conhecimento dos alunos no assunto. Mais produções com DIs podem contribuir para o aprendizado da leitura e escrita, na aquisição de mais vocabulário, de ampliação do conhecimento, atualização, pensamento imagético dos sinais e pensamento crítico.

Um aspecto a destacar é que, no período de transcrição e escrita, houve a preocupação com as expressões faciais, que fazem parte das línguas de sinais. Narrativas como as que foram apresentadas aos alunos têm uma função essencial, mas, como foi possível perceber, os alunos em sua grande maioria não as utilizaram, o que demonstra que esse aspecto precisa ser também trabalhado com os alunos, pois contribuirá para maior compreensão do texto.

A transcrição e a escrita das expressões realizadas por boca, bochechas, sobrancelhas mostram o estado dos personagens. Essas

expressões aparecem em todas as transferências como elemento importante, pois percebe-se que elas tornam-se uma característica do texto, assim, os transcritores optaram pela inclusão desses símbolos que são compreendidos pelos professores, mesmo eles relatando dificuldade em interpretá-las. Campello (2008) relata que as expressões faciais ou corporais mostram o estado de espírito do narrador transferido, tanto como na relação que se estabelece entre o narrador e a ação que se está realizando.

Analisando a sinalização do segundo estudo, com professores surdos conhecedores do sistema *SignWriting*, percebe-se o uso de DIs ao descrever a barba, juba do leão, tamanho e as formas de árvores, as copas, a expressão facial para demonstrar elementos finos ou grossos, entre outros. Ou seja, a iconicidade presente no vídeo foi transmitida através da transcrição e da escrita do texto, sendo que as descrições imagéticas foram observadas na sinalização dos participantes-leitores do segundo estudo.

Quanto à forma de ler, apenas um dos participantes-leitores, um aluno surdo da escola bilíngue, optou por sinalizar direto, sem ler o texto todo antes. Cagliari (2002) fala sobre os estilos e como cada pessoa pode optar por uma forma de leitura, afirmando que alguns leem “em silêncio; alguns lêem silabando ou palavra por palavra; há os que quando lêem, precisam “mastigar os sons” e ficam mimizando à medida que o lêem”. Neste caso, por tratar-se de uma língua de modalidade visual-espacial e de participantes surdos identificou-se que a maioria dos participantes-leitores optou pela leitura silenciosa, alguns fizeram pequenos gestos com as mãos e expressões faciais no início da leitura, mas sem sinalizar especificamente.

Em ambos os estudos, foram analisadas quais transferências, de acordo com Campello (2008), foram utilizadas na sinalização da leitura do texto. Neste momento, mostram-se os elementos de DI encontrados na sinalização dos participantes-leitores em uma tabela comparativa entre o vídeo original sinalizado pelo narrador, o texto “padrão” e o que foi produzido pelos participantes-leitores.

Vale ressaltar que neste trabalho segue a proposta de transferências apresentada por Campello (2008), que buscou analisar os dados em língua de sinais de acordo com a proposta da autora. Mas isso não impediu de identificar, por exemplo, que algumas das categorias de transferência poderiam ser agrupadas em uma única transferência. Esse seria o caso para a transferência espacial e a transferência de localização, que conforme está apresentado pela autora as diferenças são muito sutis, o que poderia também ser temas de novas pesquisas.

Outro aspecto que foi possível evidenciar com essa pesquisa é que, diferentemente das línguas orais que são escritas de acordo com a convencionalidade, não se preocupando em registrar expressões faciais, posição das mãos e gestos, o *SignWriting* possibilita transmitir a iconicidade, ou seja, os sinais demonstrativos e descritivos presentes nas línguas de sinais. A compreensão dos professores do texto e dos elementos descritivos presentes nele corroboram para o entendimento de que o *SignWriting* pode representar os elementos icônicos presentes no vídeo, por ser um sistema gráfico/icônico de escrita das línguas de sinais.

Também, os dados levam a algumas reflexões que podem suscitar novas e futuras pesquisas, parece que diferentemente dos léxicos, as DI, passam por processos de gramaticalização distintos, como as expressões faciais. Assim, quanto mais gramaticalizado a DI mais ela se torna possível de rápida compreensão e entendimento, podendo até dar acesso ao léxico. Mas se torna necessário outros estudos que abordariam especificamente o processo de gramaticalização nas línguas de sinais.

Com essas considerações e com o olhar do pesquisador durante o transcorrer desses dois anos de estudo alguns aspectos se destacam: o primeiro deles é que a transcrição é um tema que ainda pode ter inúmeros desdobramentos, um outro aspecto é que a visita à escola bilíngue evidencia o quanto os aspectos pedagógicos no ensino da escrita de sinais precisam ainda evoluir. Além disso, foi possível apresentar que um texto em *SignWriting* pode conter descrições imagéticas e elas podem ser reproduzidas na sinalização no momento da leitura. Espera-se que o conhecimento aqui produzido possa transcorrer e difundir-se em muitos outros estudos, contribuindo para a compreensão linguística da Libras, sua escrita e os processos de leitura.

REFERÊNCIAS

BARRETOS, M.; BARRETOS, R. **Escrita de sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.

BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/6ecf02602b4f746097e5749734cfd433.pdf>>. **Revel**, v. 10, n. 19, 2012. Acesso em: 15 dez. 2014.

BERNARDINO, E.; SILVA, G. M.; PASSOS, R. **Iconicidade, Simultaneidade e uso do espaço em Libras**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/63054846/4-Iconicidade-Simultaneidade-e-uso-do-espaco-em-Libras-Bernardino-Silva-e-Passos#scribd>>. Publicado por: Eli Ribeiro dos Santos, 2011. Acesso em: 25 nov. 2014.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. n. 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 20 out. 2014.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

CALVET, L. J. **Tradição oral & tradição escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAMPELLO, A. R. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos**. 2008. 245f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira – Libras**. v. I e II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CASTRO, N. P. **Configurações de Mãos em Libras**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006. Disponível em:

<http://www.lsbvideo.com.br/product_info.php?products_id=296>. Acesso em: 10-08-2014.

CORRÊA, F. S. **Língua brasileira de sinais: expressões inovadoras**. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

COSTA, R. C. R. da. **Proposta de instrumento para a avaliação fonológica da língua brasileira de sinais: FONOLIBRAS**. 231f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

COSTA, V. H. S. da. **Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais: A dupla articulação da linguagem em perspectiva**. 2012. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CUXAC, C.; SALLANDRE, A. **Iconicity and arbitrariness in French Sign Language: Highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity**. In: Pizzuto, E. Pietrandrea, P. and Simone, R. (ed.), *Verbal and Signed Languages*, 15 - 30. New York: Mouton de Gruyter, 2007.

DALLAN, M. S. S.; MASCIA, M. A. A. **A escrita em sinais: uma escrita própria para a LIBRAS**. In: LINS, H. A. de M. (Org.). *Experiências docentes ligadas à educação de surdos: Aspectos de formação*. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2012.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

FELIPE, T. A. **Libras em contexto: curso básico**. 2007, p. 28.

FERDINAND, B. Edited and Translated by Freeman G. Henry *Forging Deaf Education in Nineteenth-Century France Biographical Sketches of Bébien, Sicard, Massieu, and Clerc*. Gallaudet University Press; 1st Edition (October 31, 2009).

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERNANDES, L. **Depoimentos de ouvintes universitários sobre a escrita da Língua de Sinais**. 2011. 181f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisas social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HULST, H. van der. **Notation systems**. In: BRENTARI, D. (Ed.). *Cambridge Survey of Sign Linguistics and Sign Languages*, 2010. (com Rachel Channon).

JACKENDOFF, R. **Patterns in the Mind: Language and human Nature**. BasicBooks, 1994.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 2008. 280f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, 2008, p. 36-39.

MANGUEL, A. **Une histoire de la lecture**. France: Actes Sud, 2000.

MARKENFELDT, A. R. K. **“A transformação do macaco em homem”**: o processo de hominização através da linguagem e do trabalho. 2006. 190f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

McCLEARY, L. E. **Technologies of Language and the Embodied History of the Deaf**. University of São Paulo, 2001. 21 – 26. Acesso em: 11-06-2015. Disponível em: <<http://currents.dwrl.utexas.edu/spr01/mccleary.html>>.

McCLEARY, L. E.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. **Descrição das línguas sinalizadas**: a questão da transcrição dos dados. São Paulo, 2010, p. 265-267. Disponível em: <<file:///Users/marcoskluber/Downloads/2880-7129-2-PB.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2015.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NOBRE, R. S. **Processo de Grafia da Língua de Sinais**: Uma análise fono-morfológica da escrita em *SignWriting*. 2011. 201f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PIZZUTO, E.; ROSSINI, P.; RUSSO, T. **Representing signed languages in written form**: questions that need to be posed. In: ELRA (Eds.), LREC 2006 – Workshop Proceeding (W-15): Second Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages, 2006.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais: educação a distância. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 169-185, 2009.

QUEIROZ, R. C. R. **A informação escrita**: do manuscrito ao texto virtual. Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf> Acesso em: 12 jan. 2014.

SALLANDRE, M. A. **Les Unités du Discours en Langue des Signes Française. Tentative de Catégorisation dans le Cadre d'une Grammaire de l'Iconicité.** Thèse de doctorat, University of Paris, 2003.

SAUSSURE, F. de. (1857-1913). **Curso de linguística geral.** 28. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, F. I. da. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: *SignWriting*.** 2009. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SOUZA, G. L. R.; OLIVEIRA, R. A. F.; ALVES, V. R. Reflexões sobre a História e a Relevância Social da Escrita. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, Minas Gerais, Centro de Ensino Superior de São Gotardo, 2010.

STOKOE, W. **Sign language structure.** Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978 [1960].

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Sinais pelo Sistema SignWriting: Línguas de Sinais no Papel e no Computador.** 2005. 329f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

SUTTON, V. **SignWriting web site.** La Jolla, Ca: Deaf Action Committee for SignWriting. 1996. Disponível em: <<http://www.signwriting.org>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

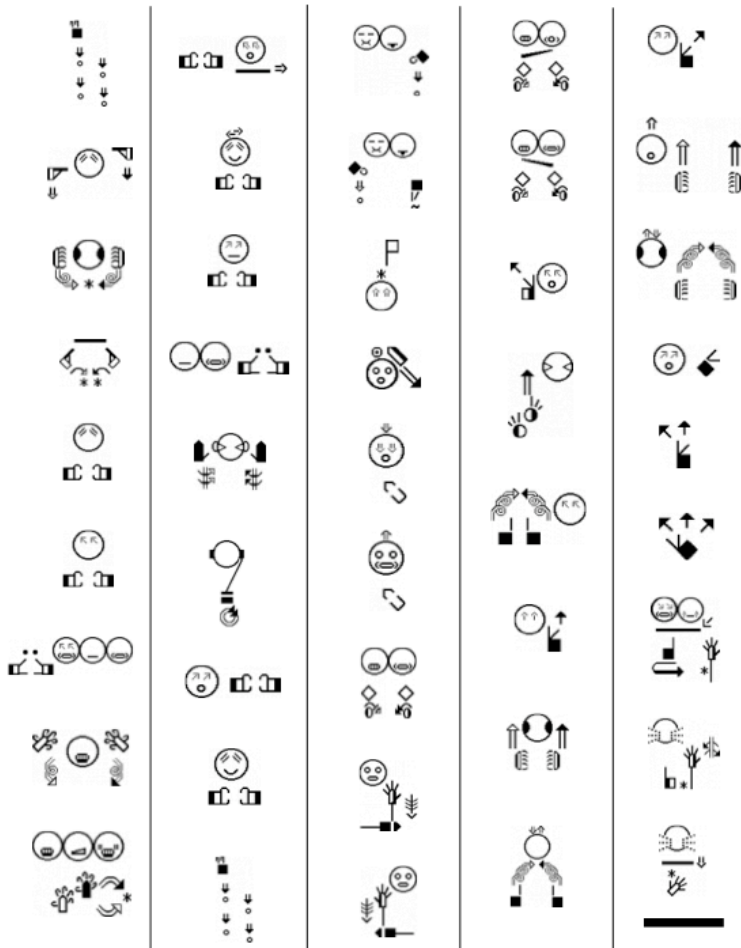
TAUB, S. F. **Language from de body: iconicity and metaphor in american sign language.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 43-47.

WANDERLEY, D. C. **Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes.** 2012. 192f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

APÊNDICE A – Imagens do vídeo



APÊNDICE B – Texto “padrão” elaborado pelo grupo - versão
software SignPuddle



ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INTERPRETAÇÃO DE DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NA LEITURA DE UM TEXTO EM SIGNWRITING

Pesquisador: Marianne Rossi Stumpf

Área Temática:

Versão: 2

CAAÉ: 44968315.1.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.160.223

Data da Relatoria: 13/07/2015

Apresentação do Projeto:

Dissertação de mestrado de Kogut, orientado por Stumpf da Pós-graduação em Linguística da UFSC que pretende analisar 4 estudantes de uma escola especial no Rio Grande do Sul.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os autores: analisar se as descrições imagéticas serão reproduzidas na leitura de um texto, o qual será interpretado e sinalizado por alunos surdos da Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser, em Santa Maria - RS.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequado, corrigido.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pode contribuir para o conhecimento generalizável sobre o tema.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE, termos de assentamento e compromisso da escola corrigidos.

Recomendações:

Não se aplica.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R: Desembargador Vítor Lima,
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 1.169.223

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pela aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FLORIANOPOLIS, 27 de Julho de 2015

Assinado por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R: Desembargador Vitor Lima,
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INTERPRETAÇÃO DE DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NA LEITURA DE UM TEXTO EM SIGNWRITING

Pesquisador: Marianne Rossi Stumpf

Versão: 2

CAAE: 44968315.1.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

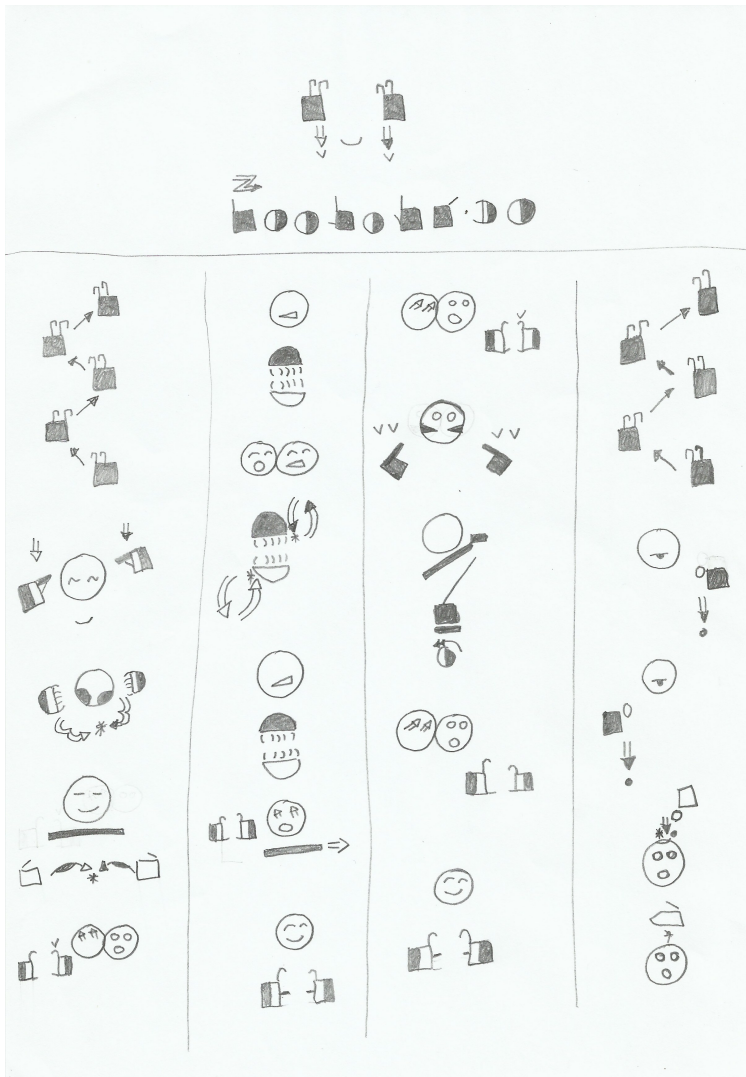
DADOS DO COMPROVANTE

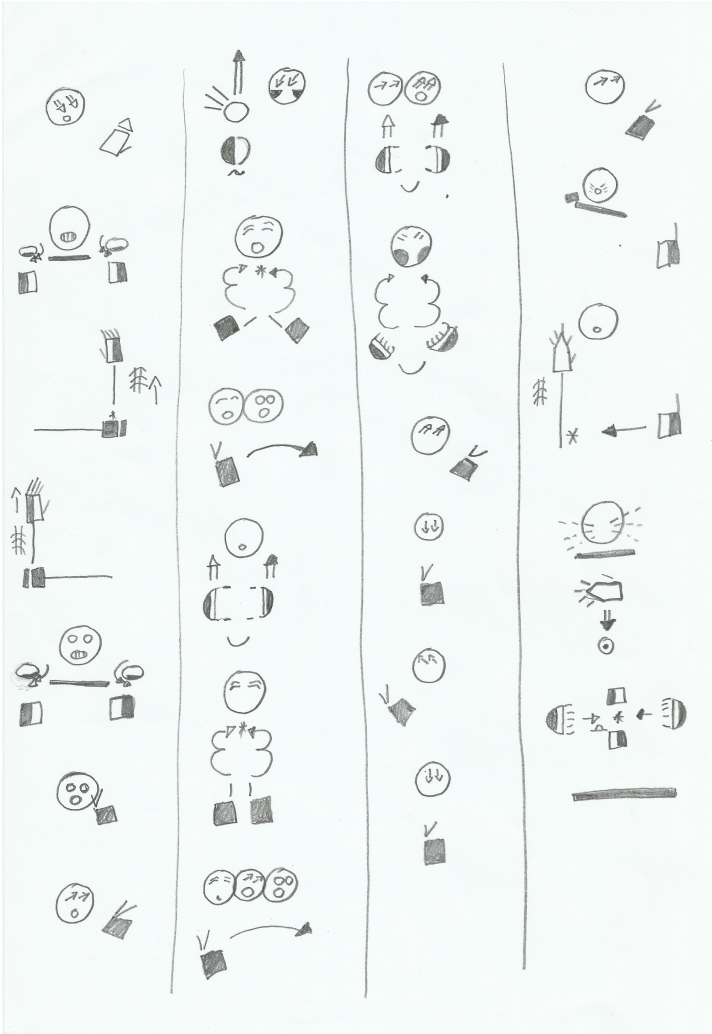
Número do Comprovante: 041388/2015

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

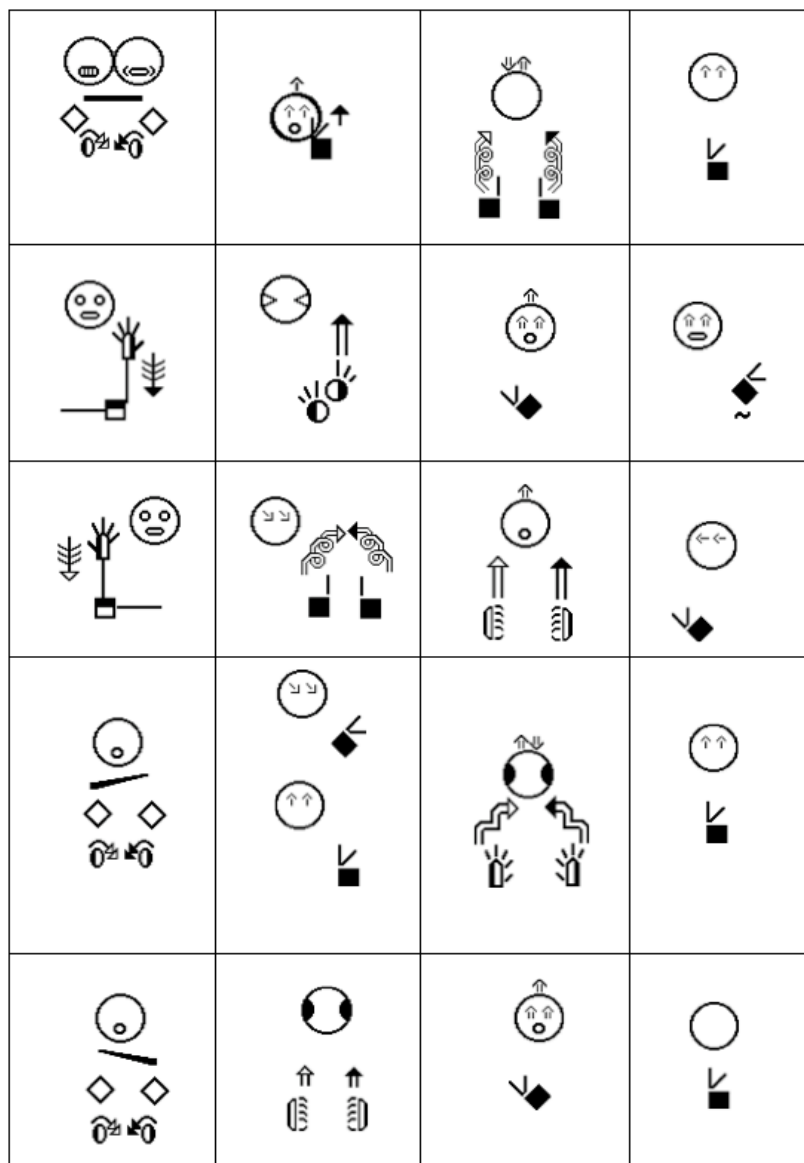
Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br





ANEXO B – Texto transcrito do vídeo pelo participante T1



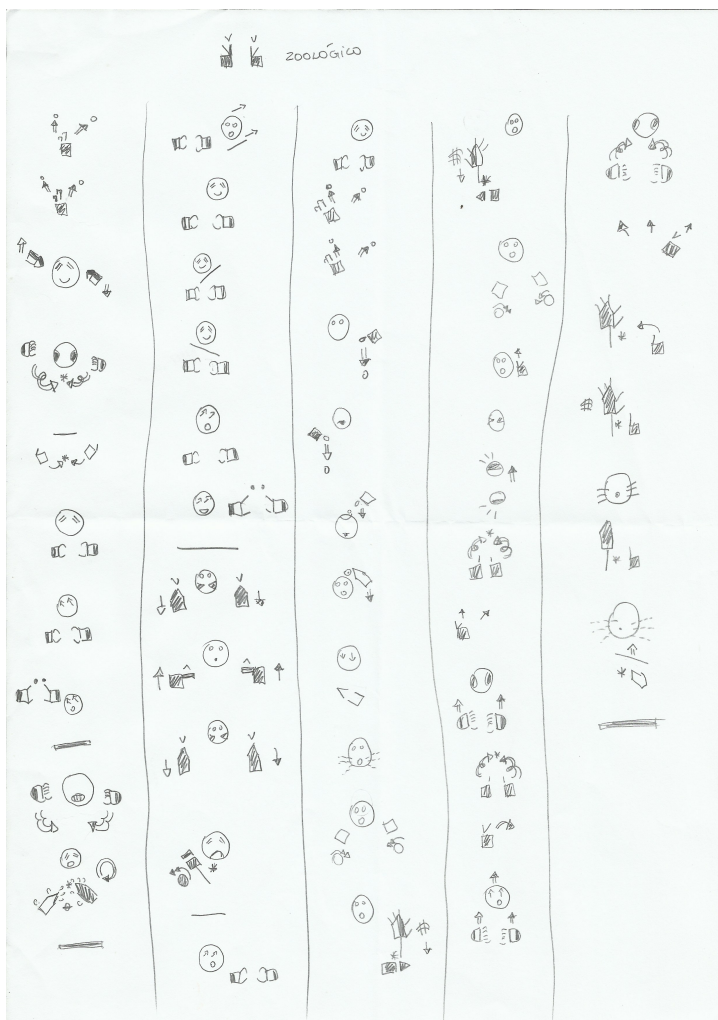


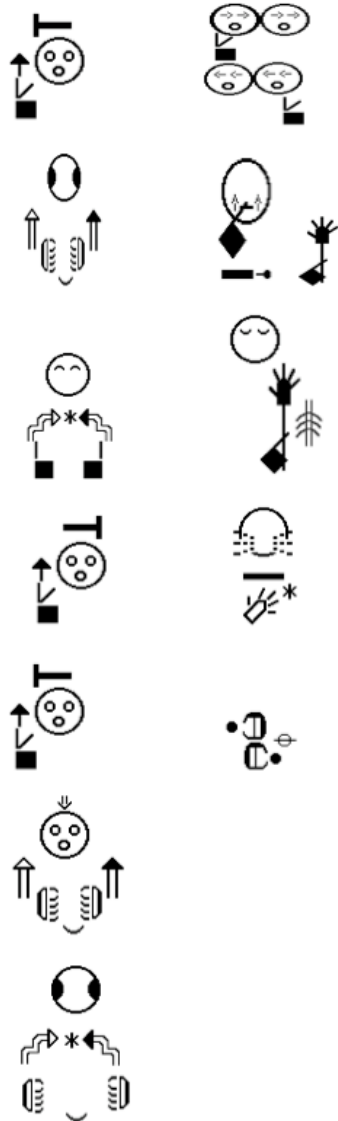
ANEXO C – Texto transcrito do vídeo pelo participante T2



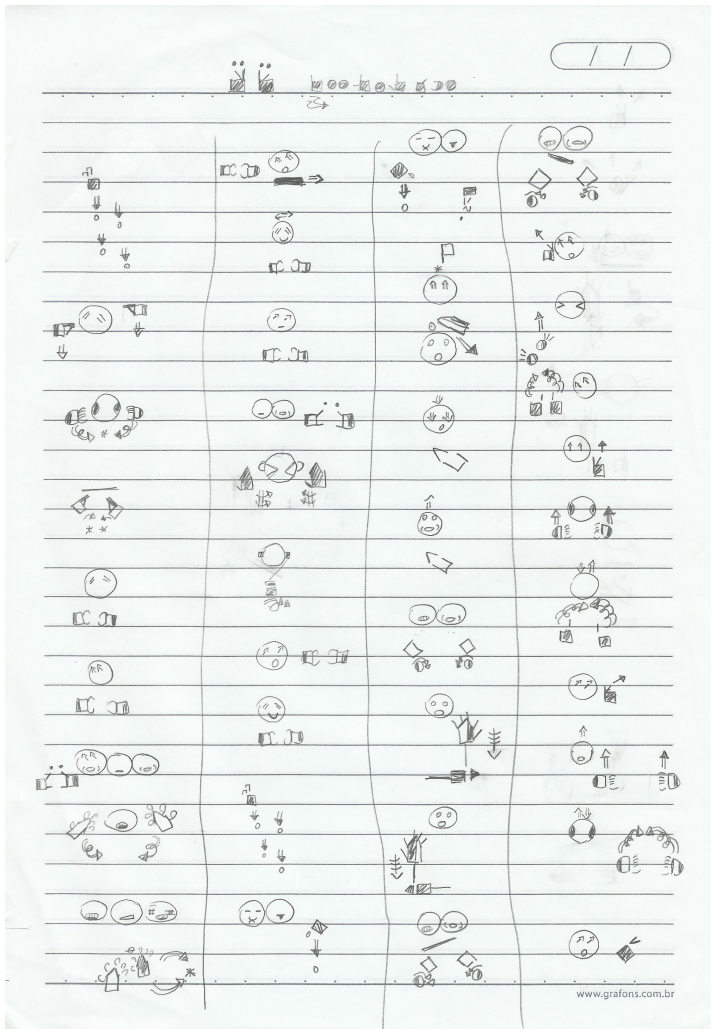
			
			
			

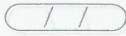
ANEXO D – Texto transcrito do vídeo pelo participante T3





ANEXO F – Texto “padrão” elaborado pelo grupo – Original





Handwriting practice sheet with multiple horizontal lines. The first few lines contain various diagrams and symbols:

- Line 1: A vertical line with an upward arrow and a downward arrow, and a small square with a diagonal line.
- Line 2: A diamond shape with arrows pointing up, down, left, and right.
- Line 3: Two circles with arrows indicating clockwise and counter-clockwise rotation.
- Line 4: A square with arrows indicating movement, and a vertical line with a crossbar and a downward arrow.
- Line 5: A circle with arrows indicating rotation, and a vertical line with a crossbar and a downward arrow.
- Line 6: A circle with arrows indicating rotation, and a horizontal line with a downward arrow.

The remaining lines are blank for practice.

ANEXO G – Modelo de configurações de mão de Castro (2006)



ANEXO H – Termo de autorização de pesquisa na Escola Estadual Dr. Reinaldo Fernando Cóser



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu **Jeferson de Oliveira Miranda**, diretor da Escola Estadual Dr. Reinaldo Fernando Cóser, **aceito** receber o mestrando **Marcos Kluber Kogut** para desenvolver as atividades de pesquisa que subsidiará a produção da Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Federal de Santa Catarina com o número 201305893 e sob a orientação da Profa Dra **Marianne Stumpf Rossi**.

Santa Maria,RS, 26 de janeiro de 2015.



Diretor Jeferson de Oliveira Miranda

ANEXO I – Declaração de aceite para desenvolvimento da pesquisa na Escola Estadual Dr. Reinaldo Fernando Cóser



SECRETARIA ESTADUAL DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
E.E. DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DR. REINALDO FERNANDO CÓSER
Rua Valdemar Coimbra s/nº - Santa Maria -RS. Fone: (55)3211.4774

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para obtenção de parecer do Comitê da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: "A INTERPRETAÇÃO DE DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NA LEITURA DE UM TEXTO EM SIGNWRITING" e cumprerei os termos da resolução CNS 466/12 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Santa Maria, 05 de maio de 2015.

Atenciosamente,


Reilson de O. Miranda
Diretor
E.E. Dr. Reinaldo Fernando Cóser